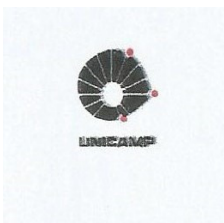


DIOGO CASTRO

**A CONCEPÇÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA NO HANDEBOL: IMPLICAÇÕES  
PARA A FORMAÇÃO DE JOGADORES INTELIGENTES**

CAMPINAS  
2013





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DIOGO CASTRO

**A CONCEPÇÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA NO HANDEBOL: IMPLICAÇÕES  
PARA A FORMAÇÃO DE JOGADORES INTELIGENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, área de concentração EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE.

PROFA. DRA.: HELOISA HELENA BALDY DOS REIS

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA  
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO  
DIOGO CASTRO, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA.  
HELOISA HELENA BALDY DOS REIS

---

CAMPINAS  
2013

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

C279c Castro, Diogo, 1982-  
A concepção estratégico-tática no handebol : implicações para a formação de jogadores inteligentes / Diogo Castro. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Esportes coletivos. 2. Handebol. 3. Inteligência. I. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The tatic-strategic conception in handball : implications for intelligent players formation

**Palavras-chave em inglês:**

Team sports  
Handball  
Intelligence

**Área de concentração:** Educação Física e Sociedade

**Titulação:** Mestre em Educação Física

**Banca examinadora:**

Heloisa Helena Baldy dos Reis [Orientador]  
Alcides José Scaglia  
Rafael Pombo Menezes

**Data de defesa:** 21-10-2013

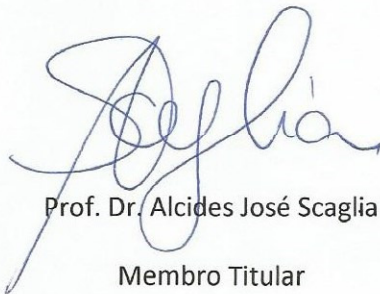
**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA



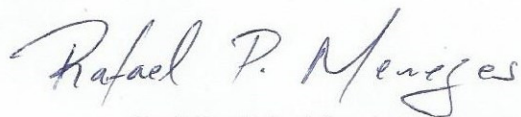
Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Orientadora



Prof. Dr. Alcides José Scaglia

Membro Titular



Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes

Membro Titular



## RESUMO

Há diferentes modos de conceber o handebol e as demais Modalidades Esportivas Coletivas (MEC). Partiremos da concepção estratégico-tática para propor certa forma de conceber, compreender e lidar, no processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento, com estas MEC. Enfatizaremos o diálogo possível da concepção estratégico-tática com a proposta de formação de jogadores inteligentes. Resulta que ainda encaramos de maneira bastante “tradicional” o handebol, muito embora este possa ser re-significado se o entendermos de modo estratégico-tático, tanto no que tange a formação dos atletas e praticantes em geral, quanto como, a partir daí, há potencialidades deste outro entendimento na relação dos seres humanos com esta modalidade esportiva. Outro aspecto a ser levado em conta é que tanto na arte como no esporte, dentre outras atividades humanas, há a possibilidade do desenvolvimento da inteligência criativa. Temos como objetivo versar sobre estas potencialidades, tanto na perspectiva de buscamos outras relações de poder entre treinadores e jogadores, como quanto buscar jogar o jogo em sua forma mais desenvolvida e complexa, não se limitando a uma experiência empobrecida com este; isto também justifica esta reflexão que nos propomos fazer aqui. Para tal preferimos uma pesquisa qualitativa no sentido de buscar uma visão mais ampla para discutir o discurso (coletivo) de treinadores com uma função estratégica no handebol nacional e também internacional. Deste modo, entrevistamos quatro treinadores das seleções brasileiras adultas de handebol (treinador principal e seu auxiliar direto, tanto da seleção masculina quanto da feminina). Utilizamos a entrevista semi-estruturada e aplicamos a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC nos ajuda a apresentar um pensamento sobre dado tema, de uma pessoa ou coletividade, por meio dos indícios discursivos que se diz sobre este. Buscamos ouvir destes treinadores sobre o tema da formação de jogadores inteligentes, relacionando sua história e formação como treinador, sua concepção do jogo e sua perspectiva para a tendência da evolução da modalidade. Assim, almejamos refletir criticamente sobre o entendimento da modalidade handebol e as possibilidades de formação de jogadores inteligentes. As análises feitas a partir de como se está pensando nas seleções brasileiras de handebol contribuem para dar concretude às reflexões, e deste modo, discutir o caso da formação de jogadores inteligentes no handebol brasileiro neste início de século XXI, e as perspectivas da concepção estratégico-tática contribuir neste processo.

**Palavras-Chaves:** modalidades esportivas coletivas, handebol, inteligência.

## ABSTRACT

There are different ways to conceive handball and the other Team Sports (TM). Starting from the tatic-estrategic conception to propose a certain way to conceive, understand and deal with the teaching-learning-living-practicing process of these TM. Emphasizing the possible dialogue between the tatic-estrategic conception and the intelligent players formation proposal. The handball is still faced in a very “traditional” manner, although this could be re-evaluated if we understand in a tatic-estrategic way, both the athlete and regular player development. Another aspect that must be taken in consideration is that as in art, sports or other human activities, there is the possibility of the creative intelligence development. Our goal is to discuss these potentialities both in the perspective of searching other kinds of power relations between coaches and players and also seek to play the game at its most developed and complex, not limited to an impoverished experience, this also justifies the reflection herein proposed. In order to do so we opted to do a qualitative research trying to reach a broader vision to discuss the coaches’ speech (collective) with the strategic function in the national and international handball. Therefore we interviewed four brazilian nacional teams coaches (male and female nacional teams, head coach and his direct assistant. Using the semi-structured interview we applied the *Discurso do Sujeito Coletivo* (DSC) methodology. The DSC help us to present a thought of a given theme, of a person or coletivite, using discursive facts about what that says. We heard the coaches input about the intelligent players formation, relating their history, coach career, game conception and prespective for the tendency of the modality’s future. Thereby, we aimed to discuss the intelligent players formation topic in the Brazilian handball of the beginin of the XXI century, and the perspectives of the contribution of the tatic-estrategic conception in this process. Thus, we aim to reflect critically on understanding the handball sport and training opportunities for intelligent players. Analyses from how one is thinking about the Brazilian national handball contribute to give tangibility to reflections, and thus discuss the case of the formation of intelligent players in the Brazilian handball in the beginning of XXI century and prospects for the tatic-estrategic conception help in this process.

**Key-words:** team sports, handball, intelligence.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	1
<b>2 CONCEPÇÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA DAS MODALIDADES ESPORTIVAS COLETIVAS DE INVASÃO</b>	5
2.1 O handebol como modalidade esportiva coletiva de invasão (MEC i)	5
2.2 Sobre a formação de jogadores	10
2.3 O saber-fazer tático-técnico nas MEC i	14
2.4 Concepção estratégico-tática	20
<b>3 INTELIGÊNCIA E MODALIDADES ESPORTIVAS COLETIVAS DE INVASÃO</b>	30
3.1 Uma breve introdução à questão	30
3.2 Inteligência: algumas das diferentes formas de conceber	31
3.3 A teoria da inteligência criadora	38
3.4 Inteligência e as MEC i	40
3.5 Sobre a Formação de Jogadores Inteligentes	48
<b>4 PRINCÍPIOS DO JOGO DE HANDEBOL</b>	55
4.1 Defesa	60
4.2 Ataque	63
4.3 O papel do treinador na concepção estratégico-tática	65
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	74
5.1 Sobre a escolha da Pesquisa Qualitativa	74
5.2 A Análise do Discurso (AD)	76
5.3 Entrevistas e entrevistados	81
5.4 A elaboração do instrumento de coleta de informações e as entrevistas	81
5.5 A interpretação das informações	83
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	85
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	118
<b>REFERÊNCIAS</b>	121
<b>APÊNDICES</b>	135
<b>ANEXOS</b>	152



Tão pequeno tão grande me sentia.  
[...] ciência e arte humana em ti venero.

*Fausto, Goethe*



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha mãe Rosa e ao meu pai Rui, que me ensinaram o valor do estudo e do trabalho, para poder se colocar no mundo e contribuir com a sociedade da melhor maneira possível - interferindo e mudando o que deve ser mudado.

Ao Magoo, vulgo Leandro, que me fez debruçar sobre este tema pela primeira vez do ponto de vista científico, mostrando a beleza e a complexidade de estudar o ato de jogar uma modalidade esportiva coletiva.

À Carol, por todas as discussões, conversas e estudos compartilhados, mas acima de tudo pela amizade.

Aos professores Luiz Dantas e Jorge Dorfman, por mostrarem o que é ser um professor – verdadeiros mestres.

Aos amigos de muitas caminhadas, João, Caê, Walber, Halisson, Thalles, Neto e Pedrão.

À Luciana Salgado, pelos cafés e conversas, pelos *pitacos* e críticas, por me estimular a pensar.

Ao Miguel e à Delana, que sempre estiveram juntos, mesmo nas horas mais difíceis.

Ao movimento social que tanta coisa me ensinou, me fazendo um ser humano melhor.

À Ilana, por ser uma grande companheira sempre.

Ao Cássio, Luigi e Freddy, que me abriram as portas e me ensinaram o que é ser um treinador.

Aos treinadores que me ensinaram que o jogo é muito mais que um jogo, e é só um jogo: Jordi, Veras, Álvaro, Maurício, Camarotto, Danilo, Marcel, Macarrão, Helinho e Washington.

Ao Manolo Laguna, pelos escritos trocados sobre jazz e handebol.

À Heloisa, minha orientadora.

Aos que colaboraram de todas as formas. Principalmente aos treinadores entrevistados.

A todos os autores, que me possibilitaram pensar melhor.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MEC - Modalidades Esportivas Coletivas  
MEC i - Modalidades Esportivas Coletivas de invasão  
AD - Análise do Discurso  
DSC - Discurso do Sujeito Coletivo  
SC- Sujeito Coletivo  
IC - Ideia Central  
ECH - Expressões Chave  
JDC - Jogos Desportivos Coletivos  
IHF – Internacional Handball Federacion  
CONFED - Conselho Federal de Educação Física





# 1 INTRODUÇÃO

O handebol é uma Modalidade Esportiva Coletiva (MEC), assim como o basquetebol, o rúgbi, o futebol, o futsal, o voleibol, o hóquei, entre outras. Há diferentes formas de compreender estas MEC. Em Portugal as MEC são comumente chamadas de JDC, ou traduzindo para o português-brasileiro, JEC; significando respectivamente Jogos Desportivos Coletivos e Jogos Esportivos Coletivos. Há ainda diversas outras denominações, inclusive no Brasil, como, por exemplo, Jogos Coletivos Esportivizados (REIS, 1994) e Esportes Coletivos de Invasão – os ECIs – (LAMAS; BARRERA; OTRANTO; UGRINOWITSCH, 2012). Não trataremos, nesta dissertação, das diferenças entre as denominações, nos resguardando o direito de utilizar o termo MEC.

Um primado que tem força histórica no trato com as MEC no Brasil é o tecnicista. Muitos motivos podem explicar esta força; trataremos de boa parte deles mais adiante. Outra concepção, a estratégico-tática, propõe outra forma de conceber, compreender e lidar com esses jogos. Discutiremos quais implicações podem ter essas concepções no processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento do handebol, e um diálogo possível da concepção estratégico-tática com a proposta de formação de jogadores inteligentes.

Este processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento também tem sido nomeado e concebido na literatura de diferentes formas. Explicitaremos os porquês de nossa escolha no próximo capítulo.

Entendemos o esporte como um misto de arte e a ciência. Muitas vezes o esporte é esteticamente muito próximo da experiência artística, como quando, por exemplo, um jogador de basquetebol prefere saltar, girar no ar e enterrar de costas a bola na cesta, mesmo totalmente livre de marcação, quando poderia pensar na economia de energia - que é um mediador importante para o discurso dos estudiosos do esporte - e fazer o gesto mais simples para marcar os pontos. Mas por vezes o esporte é também marcadamente científico, no qual o planejamento e a periodização dos ciclos de treinamentos podem prever e antecipar futuras consequências.

Na arte, a fruição e a formação humana são eixos importantes. Ambas convivem e são possibilidades reais na relação do ser humano com a noção do que é ser sujeito, de como se relacionar com a criatividade humana em suas variadas formas. Ao que nos parece, no esporte em muitos momentos isso também ocorre.

Nos estudos do Esporte, pensamos a ciência como nos propôs Kuhn (2011), quando afirma que a ciência se desenvolve somente quando nos libertamos das concepções reinantes. Assim, a reflexão sobre como concebemos/entendemos o handebol e, portanto, como o assistimos, o praticamos, o ensinamos, o aprendemos e o treinamos - enfim, como nos relacionamos com este - deve ser realizada no sentido de buscar a liberdade da visão tradicional.

Buscamos outras relações de poder no esporte, tanto na perspectiva macro quanto nas relações de dentro de quadra / campo. Como discutiremos nos próximos capítulos, o tecnicismo e seu embasamento em uma ciência analítica, positivista, formal e cartesiana, resguarda ideias e relações de poder que questionamos. Buscar a superação desta fase do esporte e mais especificamente do handebol nos parece na ordem do dia.

Pensar e trabalhar a partir de um paradigma que se sustente em outras relações entre, por exemplo, atletas e treinadores, tanto do ponto de vista mais filosófico e humano, quanto do ponto de vista do jogo, em seu melhor desenvolvimento, em um jogar melhor e com melhores resultados (sempre balizado por nossos critérios de avaliação, que tentaremos explicitar no corpo do texto) parece-nos imperioso. Um dos anseios que nos motiva é libertar o esporte do modo de pensar e agir que crê que o treinador é o que sabe e os atletas não, e nem devem – estes só executam. Ao contrário, jogadores inteligentes são críticos, autônomos e estrategistas que não perpetuam estas relações.

Se o jogo mudou em diversos aspectos - por exemplo, na velocidade que é praticado e no uso das diversas tecnologias audiovisuais para a melhora do treinamento e da análise - por que seguir usando de esquemas estanques, cartesianos e fechados para definir os sistemas de jogo, como se a realidade do jogo fosse reduzível a isto? Disto derivam muitos dos problemas de entendimento e análise do jogo, que na realidade estão sustentados no método científico que embasam o olhar dos pesquisadores e profissionais da área.

Outro anseio é jogar o jogo em sua forma mais desenvolvida e complexa, não se limitando a uma experiência empobrecida com este; isto também justifica esta reflexão que nos propomos fazer aqui.

Deste modo, no primeiro capítulo discutiremos o handebol como uma MEC de invasão (MEC i), ou seja, uma MEC na qual os times podem invadir o terreno do adversário. Trataremos da influência analítica e tecnicista na pedagogia do esporte e de algumas diferentes propostas que envolvem a formação de jogadores, com foco na visão estratégico-tática da modalidade, além da noção de jogar a partir dos princípios do jogo.

No segundo capítulo trataremos de discutir inteligência; seus diferentes conceitos e concepções. Mostraremos por que a *teoria da inteligência criadora* (MARINA, 2009) se aproxima mais da concepção estratégico-tática do jogo de handebol e como pode contribuir para a formação de jogadores inteligentes.

No terceiro capítulo buscaremos dar coerência a forma como enxergamos o jogo de handebol, o organizando não a partir de regras ou sistemas de jogo defensivos; mas sim a partir dos princípios do jogo.

A proposta do quarto capítulo é retratar os procedimentos metodológicos e as escolhas que fizemos para buscar as informações dos treinadores, para refletirmos como alguns dos principais treinadores de handebol do país, que comandam as seleções brasileiras, pensam a formação de jogadores inteligentes. Buscamos ouvir destes treinadores sobre o tema da formação de jogadores inteligentes, relacionando sua história e formação como treinador, sua concepção do jogo e sua perspectiva para a tendência da evolução da modalidade.

No quinto capítulo, discutiremos as informações conseguidas através da revisão da literatura e das entrevistas, buscando pensar as ideias centrais e os discursos coletivos dos treinadores entrevistados com a base da nossa análise.

Tudo isto sempre tendo em mente que nosso objetivo maior é discutir sobre o entendimento da modalidade handebol e as possibilidades de formação de jogadores inteligentes. As entrevistas com os treinadores mostram como se está pensando nas seleções brasileiras de handebol e contribuem para discutir mais concretamente o caso da formação de jogadores inteligentes no handebol brasileiro neste início de século XXI.

É certo que o debate que nos propomos fazer passa por analisar e refletir sobre o processo ensino-aprendizagem-vivência-treinamento das MEC i, mas não para por aí. O que compreendemos pela relação dos seres humanos com uma modalidade esportiva coletiva não está somente neste processo, mas também no próprio jogar, no assistir, no apreciar como bem cultural, no entender o que ocorre no jogo, dentro e fora de quadra (ou de campo), também nos valores que cultivamos com este esporte, enfim, numa infinidade de outros aspectos que estão postos na relação com o esporte. Tatz (1995, p. 342) lembra que “o esporte não está divorciado da sociedade”.

Deste modo, o esporte pode ser uma atividade humana que contribua para a construção de *uma outra sociabilidade*, nos tornando mais criativos e autônomos (CASTRO, 2006). Conforme afirma Marques (2000, p. 11), citando Bento<sup>1</sup>, que “o desporto seja um instrumento (...) de aprimoramento do homem como pessoa livre e criadora, e de aperfeiçoamento dos povos (...) e da sociedade”. Também por isto, segundo Marques (1993, 2000), alguns autores aproximam o esporte da arte, e Gaya (1992) se refere a uma ciência do desporto, que questione as diferentes disciplinas científicas a partir do desporto; embora isto se considerarmos também repensar os rumos atuais da ciência, como fazem Rodrigues (2007), Castiel et al (2007) e Souza (2011). De acordo com Vásquez (2011, p. 105), “o cientista não pode permanecer indiferente diante das consequências sociais de seu trabalho”.

Assim, lançamo-nos a arte de navegar sobre este tema, afinal como afirma Quintana (2007, p. 33), “arte é sugestão”. Começemos, então, pela construção da concepção estratégico-tática – tema do primeiro capítulo.

---

<sup>1</sup> BENTO, J. O. Desporto e Humanismo. O campo do possível. Palestra de encerramento da Conferência Deporte e Humanismo em clave de futuro. Rio de Janeiro, UERJ, 1998.

## **2 CONCEPÇÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA DO HANDEBOL**

Lutar por acabar com as ilusões acerca de uma situação significa pedir que se acabe com uma situação que precisa de ilusões. A crítica não retira das cadeias as flores ilusórias para que o homem suporte as sombrias e nuas cadeias, mas sim para que se liberte delas e brotem flores vivas (MARX, 2005, p.21).

### **2.1 O handebol como modalidade esportiva coletiva de invasão**

Como afirmamos na introdução, o handebol é uma das Modalidades Esportivas Coletivas (MEC). Trataremos, então, de entender o contexto das MEC.

O debate sobre os modelos de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento no esporte, em especial nas MEC, não é novo e tem sido travado, de forma permanente, nas últimas quatro décadas. Diversas concepções de ensino convivem simultaneamente, estando presente nas atuações dos educadores e técnicos (KNIJNIK, 2009). Certamente um paradigma muito reconhecido, e mesmo muito aceito e difundido no senso comum, é o tecnicista, ou seja, aquele que propõe que a excelência nas MEC viria essencialmente da soma dos aprendizados dos ‘fundamentos’ de uma modalidade (KNIJNIK, 2004). Esta concepção, que segue sendo aceita e difundida, também pode ser resumida como aquela que privilegia o aprendizado da técnica. O tecnicismo, ou método analítico no ensino das MEC, conforme afirmam Pinto e Santana (2005), privilegia a técnica, devido a uma visão que separa a técnica da tática. Logo, ao tratar de forma analítica as MEC, reproduz uma concepção científica que tem esta mesma tradição calcada na lógica formal, cartesiana; analítica.

Esses modelos centrados na técnica individual estão historicamente situados na herança que as MEC receberam do desenvolvimento geral dos conhecimentos provenientes de múltiplas disciplinas científicas, sobretudo nas modalidades esportivas individuais, como o atletismo e a natação (GARGANTA, 1998). Essa influência foi além do plano energético-

funcional, chegou até o plano tático-técnico<sup>2</sup> (GARGANTA, 1998). Por isto esta “obsessão na técnica individual, que repousa numa análise formal e mecanicista de soluções pré-estabelecidas” (GARGANTA, 1998, p. 13). Muito se ensina a técnica e pouco se treina o jogo propriamente dito. Como afirma Garganta (1998, p. 14): “Ora, nos *Jogos Desportivos Coletivos* o problema fundamental que se coloca ao indivíduo que joga é essencialmente tático”.

As MEC são caracterizadas por serem abertas e complexas, “determinando sempre uma imprevisibilidade, e onde as situações devem ser entendidas como unidades de ação” (TAVARES, 1996, p. 26). Unidades de ação porque essa imprevisibilidade faz com que a realidade seja analisada a partir de elementos estruturais do jogo. Mahlo (1980) já assegurava que essas ações são conscientes e orientadas, portanto são atos táticos. As informações contidas no meio, ou seja, no ambiente do jogo, são fundamentais para o processo de jogar, pois assim tomamos as decisões. Estas decisões são atos táticos. A partir de certas decisões que utilizamos um ou outro gestual técnico esportivo, ou seja, a técnica. Portanto, a decisão tática comanda o gesto técnico para cumprir o objetivo.

Como a atividade em jogo representa, na sua própria essência, a solução a inúmeros problemas, que surgem com as situações, o processo tático, enquanto processo intelectual duma solução, é uma componente indissociável desta atividade. A análise da ação tática nos jogos desportivos, por tanto, é em definitivo a análise da atividade em jogo, em si própria (MAHLO, 1980, p. 33).

Existem diferentes formas de classificar as MEC, conforme ilustra o quadro a seguir. Resumidamente optamos pelo conceito de invasão<sup>3</sup> que parece ser o grande diferencial e que determina como serão as disputas de bola, as trajetórias predominantes e as fontes energéticas utilizadas. A estruturação do espaço é um grande indicador do nível de jogo, de acordo com Garganta (1998). A noção de invasão traz consigo a disputa por objetivos, por

---

<sup>2</sup> Tático-técnico, e não técnico-tático, pela inversão da ordem dos processos, a tática determina a técnica, com referência na concepção estratégica-tática. Mas boa parte da literatura ainda utiliza técnico-tático, e nós também utilizaremos ambos os modos, tendo em vista que, para nós, o mais importante é a clareza no entendimento de como se dá o processo.

<sup>3</sup> MEC de invasão, ou MEC i: existem diversas classificações das MEC, trabalhamos aqui com uma que é utilizada por Garganta (1998) com relação à ocupação do espaço, que é determinante. De invasão seriam as MEC em que há ocupação do terreno (ou espaço de jogo) do adversário. O vôleibol é uma MEC de não invasão.

território, por poder fazer e lograr aquilo que se quer, por seu lado, e não se quer permitir, por outro. Invadir o terreno adversário é disputar espaço - e toda disputa espacial é uma disputa temporal, já afirmava Einstein (BALIBAR, 2008). Assim, os jogos permitem que, através da invasão do campo do adversário, conquistemos posições estratégicas para nossos objetivos. A questão espaço-temporal coloca para o ser humano a possibilidade de planejar estrategicamente como será o trabalho para a conquista dos objetivos, que já não está no imediato, mas no campo do mediado, com suas etapas estratégicas, todas as sub-etapas, suas táticas, e diversas inter-relações que são e podem ser estabelecidas.

### QUADRO 1

#### Classificação dos Jogos Desportivos Coletivos em função das diferentes categorias de referência

<b>Categoria considerada</b>	<b>Classificação</b>
Fontes energéticas	Aeróbicos, anaeróbicos, mistos
Ocupação do espaço	De invasão, de não invasão
Disputa de bola	De luta direta, de luta indireta
Trajétórias predominantes	De troca de bola, de circulação de bola

Fonte: GARGANTA, 1998, p. 16.

Em prol de jogar com mais qualidade, pensamos pedagogicamente o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do jogo. Greco utiliza-se deste termo, ensino-aprendizagem-treinamento, para tratar deste processo (1995). Ensino-estudo-aprendizagem é o termo utilizado por Graça e Mesquita (2006), com objetivo de reafirmar o papel central do aprendiz neste processo. Com objetivo semelhante, Paes (2004) agrega o termo vivência neste processo, em lugar do estudo. Para nós, ensino-aprendizagem-vivência-treinamento é o termo que melhor dá conta da perspectiva mais ampla das possibilidades deste processo, e reforça a visão *vigotskiana* do mesmo. Vigotski (1996), entre outros tantos temas, se preocupou em entender o processo de interiorização do mundo pelo ser humano, o modo como o ser humano apreende as coisas do mundo. Deste modo, a vivência é decisiva para que o ser humano se aproprie de

significação (no sentido da teorização, ou formação do conceito), determinante tanto na aprendizagem quanto no treinamento, pois permite resolver não somente a situação vivenciada, mas sim várias outras situações semelhantes. Esta vivência não é entendida aqui como uma simples experiência fugaz (vivida), mas sim uma vivência que se torna consciente, para que haja aprendizado e /ou treinamento (VIGOTSKI, 1996).

Nestas relações pedagógicas do esporte, segundo Reis (1994), há também uma herança pedagógica tradicional, com a característica de subordinação dos aprendizes aos professores. Assim, há uma cultura que presume que o professor/treinador tudo sabe e os educandos/jogadores não sabem nada. Disto derivam distorções nas relações de poder entre técnicos e professores e os atletas, educandos ou jogadores. Tudo isto agravado pelo processo militar e higienista com que foi conduzido o Esporte e a Educação Física no Brasil em boa parte do século XX (MEDINA, 1983).

Situando o processo histórico que determinou esse predomínio tecnicista no trato das MEC i, entendemos que existem diferentes formas de lidar com o esporte, com diferentes objetivos e concepções balizadoras. Atualmente estas diferenças estão sempre condicionadas, de algum modo ou em alguma medida, pelo atual processo de mercantilização (CASTRO, 2006) e de espetacularização (DEBORD, 1997) do mundo, e assim, portanto, do esporte. Devido ao enfoque e ao delineamento feito aqui neste trabalho, não aprofundaremos esta crítica, muito embora ela permeie as conclusões e possíveis apontamentos sobre o futuro da formação de jogadores no país.

Tratamos aqui não somente desta diferenciação no que objetivar, com relação ao esporte, mas queremos centrar nossa reflexão em como diferentes modos de conceber a modalidade esportiva handebol (inserida aqui no leque que inscreve as MEC i) implicam diferentes modos de se relacionar com a mesma (KNIJNIK, 2009). Ou seja; se concebemos que o handebol é um jogo composto por um conjunto de partes, que somadas ou juntas, caracterizam-no; vamos provavelmente - para poder jogar melhor - treinar essas partes. Assim, se ensina e treina “os modos de fazer (técnica) separados das razões de fazer (tática)” (GARGANTA, 1998, p. 14). Mas se concebemos que o todo não é uma somatória das partes (KOSIK, 2002), então não bastará ensinar ou aprender, nem treinar, somente estas partes, e agrupá-las ao final.



Knijnik (2004) reforça a idéia de jogar para aprender, ou seja, a aprendizagem a partir dos jogos condicionados, sendo o contrário do aprender para poder jogar, ainda hegemônico, exatamente por traduzir essa dimensão do ensino técnico dos fundamentos básicos do jogo para permitir ao jogador condições para a prática do jogo.

## 2.2 Sobre a formação de jogadores

Como afirmamos, a MEC i handebol<sup>4</sup> é entendida nesta pesquisa a partir de uma concepção estratégico-tática, conforme explicaremos mais adiante. É tendo isto como ponto de partida que pretendemos refletir criticamente sobre como pode ser a formação de jogadores / praticantes desta modalidade para jogarem de maneira inteligente. Segundo Bento (2006), o conceito de formação vive uma fase defensiva no esporte, mas com necessidade de ser rediscutido e ampliado para ser ferramenta de educação e humanização dos seres humanos. Como afirma Galeano (1999, p. 80), “somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos”.

Formação é aqui entendida como algo que extrapola a dimensão exclusivamente esportiva, pois perpassa toda relação do ser humano com o mundo e do mundo com o ser humano. De maneira mais focada, tratamos da formação do ser humano no esporte, com o processo de jogar como ênfase, por isto o termo *jogadores inteligentes*. De qualquer modo não podemos restringir o processo de formação às etapas de iniciação, pois esta segue permanentemente, desde as categorias de base - na iniciação - até o final de sua relação com o esporte, que ultrapassa a fase adulta na maioria dos casos.

Tange a este tempo histórico, falar em formação em uma sociedade que se arvora como a sociedade da informação. Como exemplifica Bauman (2007), em um exemplar de domingo do jornal norte-americano *The New York Times*, há mais informação do que seria ‘consumida’ por uma pessoa tida como culta no século XVIII durante toda sua vida. Fazer escolhas, tomar decisões, diante de tanta oferta de informação pede um sujeito crítico, autônomo

---

<sup>4</sup> Coelho (2008) afirma que, segundo a IHF (*Internacional Handball Federation*), no ano de 2007, 19 milhões de atletas em 167 países, distribuídos em 795 mil equipes, praticavam o handebol.

e inteligente, para entender o que está por trás de cada enunciado e selecionar as informações que lhe servem em cada momento, saber quais devem ser mantidas na memória e o que organiza e sob qual lógica ordena, os diferentes fragmentos informacionais que lhe são apresentados a todo instante.

Graça e Mesquita (2006) lembram que existe certa função social demandada do processo de ensino-estudo-vivência-aprendizagem do desporto. Existem, pois, conteúdos socialmente valorizados que devem ser vivenciados por quem toma parte deste processo de formação esportiva. Indo mais além, isto se dá em toda pedagogia do esporte, em suas diferentes facetas e fases, seja no treinamento seja na mais simples vivência do esporte (EHRET; SPATE; SCHUBERT; ROTH, 2002). “O desporto, pelas suas características e como atividade tipicamente humana, é uma área de intensa e criativa atividade intelectual” (ALVES; ARAUJO, 1995, p. 376). Assim, também queremos refletir sobre as possíveis relações entre a formação de jogadores inteligentes e, por exemplo, a melhora da inteligência criativa por parte destes jogadores para além do esporte.

Segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 601), a pedagogia do esporte e, portanto, a formação esportiva se interessa pela “busca de um ideal pedagógico capaz de realizar nos sujeitos humanos a formação humana”. Deste modo, “seja na iniciação ou no treinamento” devemos ter “a atenção às dimensões que cercam o processo de formação humana” (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009, p. 605).

Ainda há necessidade de se refletir mais e conhecer melhor estas propostas, inclusive por elas poderem desembocar nas questões culturais e humanizadoras que poderiam reorientar o esporte. Garganta (1998) afirma que nesse tipo de desportos (nas MEC), dois traços são marcantes; sendo eles o apelo à cooperação e à inteligência. Hastie (1998) também defende a importância do sentido de cooperação nas MEC, independente dos saberes, habilidades e competências individuais. Para tal, existem formas metodológicas de trabalhar o processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento das MEC, de modo a possibilitar estes frutos possíveis na formação esportiva dos jogadores. O quadro abaixo organiza três formas metodológicas de abordar as MEC

## QUADRO 2

### Formas metodológicas de abordagem dos JDC

	<b>Forma Centrada nas Técnicas</b> (solução imposta)	<b>Forma Centrada no Jogo Formal</b> (ensaio e erro)	<b>Forma Centrada nos Jogos Condicionados</b> (procura dirigida)
<b>Características</b>	Das técnicas analíticas para o jogo formal	Utilização exclusiva do jogo formal	Do jogo para as situações particulares
	O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible,...)	O jogo não é condicionado nem decomposto	O jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente
	Hierarquização das técnicas (1º a técnica A, depois a B, etc.)	A técnica surge para responder a situações globais não orientadas	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem
<b>Consequências</b>	Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas; comportamentos estereotipados	Jogo criativo mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia táctica	As técnicas surgem em função da táctica, de forma orientada e provocada
	Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres)	Soluções motoras variadas mas com inúmeras lacunas tácticas e descoordenação das acções colectivas	Inteligência táctica: correcta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas acções de jogo

Fonte: GARGANTA, 1998, p. 20.

Há diversas formas de classificação destas propostas organizadas no quadro 2, que tratam do processo de ensino-vivência-aprendizagem-treinamento. Não é nosso objetivo entrar nos pormenores das diferentes formas de classificação. Entretanto, elas são importantes no sentido que permearam os estudos deste processo, de ensino-vivência-aprendizagem-treinamento, nos últimos tempos.

Em diálogo com a perspectiva que se centra nos jogos condicionados, há várias propostas que partem ou derivam de algum (ou alguns) de seus pressupostos. Reverdito, Scaglia e

Paes (2009) trabalham com as diferenças entre algumas destas concepções e propostas, tidas como não tecnicistas (analíticas) e não globais.

Para coordenar o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do jogo, papel dos treinadores e professores, deve-se conhecer este (o jogo) enquanto conteúdo (MESQUITA; GRAÇA, 2006). Como afirma Graça (2001, p. 108), “aquilo que o professor faz é influenciado pelo que o professor pensa”. Por isto, Graça e Mesquita (2007, p. 415) reforçam que, todos os modelos de formação esportiva dependem do conhecimento que “o professor possui a respeito dos jogos”. E Greco (2000, 2002) vai além, lembrando que depende também do conhecimento e da concepção político-filosófica que o treinador tem das coisas do mundo. Como já mostramos, há grande relação entre o método científico empregado e a forma de pensar e trabalhar o jogo. Se pensarmos de forma analítica, provavelmente não veremos problema na forma analítica/tecnicista de tratar o jogo.

Segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 602), há também uma “distância exorbitante entre o que os professores de esportes acreditam estar ensinando e como estão ensinando”. Uma distância entre teoria e prática, o oposto da práxis pedagógica que, segundo Mészáros (2005), deveria orientar todo trabalho educativo.

Assim, a concepção estratégico-tática nos coloca frente a grandes questões com relação à formação esportiva. O desafio de formar jogadores inteligentes será um dos eixos centrais abordados neste trabalho. Desafio este que é uma “inadiável exigência”, como afirmavam Greco e Chagas (1992) há mais de duas décadas.

Outras questões fundamentais também surgem, mas como pontos de partida, por conta do foco do trabalho. Logo, como sugere Bauman (1999, p. 11), “questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos”.

Queremos então nos relacionar com o esporte de maneira a este nos ajudar a sermos seres humanos mais autônomos, sabendo cooperar, sendo inteligentes e criativos; potencializando as capacidades humanas encarnadas e objetivadas no mesmo. Como afirmam Tavares e Faria (1996, p. 38), “só uma verdadeira cultura tática conferirá caráter cultural à prática desportiva”. Os jogadores aprendem, vivenciam e treinam, mas somente com o conhecimento

(que é teórico-prático e prático-teórico) da lógica do jogo que o processo de jogar adquire sentido. Sentido este que é cultural.

### **2.3 O saber-fazer tático-técnico nas MEC i**

Chamamos de tradicional ou tecnicista aquela concepção que entende o jogo como soma de fundamentos - ações técnicas - que devem então ser ensinadas-aprendidas e treinadas para se poder jogar tal modalidade esportiva. Resumidamente, o primado estratégico-tático concebe como características determinantes da estrutura das MEC o fato de serem complexas, abertas, de oposição e colaboração, e que em cada situação é necessária uma tomada de decisão. Como tratamos anteriormente, estas situações podem ser organizadas por princípios comuns, possibilitando soluções táticas que dialoguem com as estratégias.

Segundo Bayer (1994), todas as modalidades esportivas coletivas têm uma bola, um terreno de jogo, uma meta a atacar e uma a defender, companheiros, adversários e regras. E mais; tem uma lógica funcional comum que se traduz em princípios operacionais (BAYER, 1986; LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; SILVA, 2010). Graças aos princípios – uma espécie de linguagem que organiza e traduz esta lógica interna - é possível manter a harmonia e a qualidade de comunicação entre os jogadores (BAYER, 1994).

Segundo Mesquita e Graça (2002, p. 133), os JDC (Jogos Desportivos Coletivos) tem sido “olhado e ensinado de diferentes maneiras, transitando de perspectivas mais moleculares, as quais se assentam na aprendizagem de elementos técnicos, para abordagens mais holísticas, as quais dão relevo à compreensão de jogo e tomada de decisão tática”. Mas ao se posicionarem diante da separação, ou ‘falsa dicotomização’ entre técnica e tática, estes autores, assim como Sandomingo e Señor (2006), consideram como alternativa que a técnica seja incluída no ensino da tática, conferindo legitimidade e significado à execução das habilidades técnicas no jogo<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Verkhoshanski (2001), entre outros autores, diferem os conceitos de habilidade e técnica desportiva. Dado o objetivo desta dissertação, não nos centraremos nestas diferenciações.

O que é instigante é a busca pelo essencial na lógica interna do jogo, pois precisamos organizar o conhecimento, planejar os treinamentos em certo período de tempo, pensar o encadeamento dos conteúdos para propiciar a aprendizagem, preparar as análises dos jogos, enfim, saber o que é determinante, ou, com que prisma olhar o fenômeno sem inverter e prejudicar sua lógica interna (GARGANTA, 1998).

Nas MEC i, há a presença de adversários e colegas de time (FERREIRA FILHO; DE SOUSA; GRECO, 2001). Assim, as ações de um jogo não são, nunca, essencialmente individuais. São coletivas pelo entendimento que mesmo que indiretamente, a presença de companheiros e adversários (colaboração e oposição) será constante.

Muito embora as MEC i tenham seus princípios comuns, existem diferenças significativas entre estas. Por exemplo; uma grande diferença do basquetebol para as demais MEC i com goleiros é que, ao dominar a relação jogador, bola e cesta (alvo), o jogador terá mais momentos de necessidade de precisão técnica. Trata-se de acertar o alvo que fica estático (uma vez que se distanciou suficientemente dos adversários - e contou com a cooperação dos demais companheiros). Já no handebol, assim como no futebol, futsal, hóquei, entre outras, a presença do goleiro faz com que, salvo raríssimas situações, haverá uma oposição sempre. E uma oposição inteligente, que disputará com o atacante, objetivos contrários. Esse fator faz com que não podemos apenas nos centrar na tarefa de acertar o alvo, mas de estrategicamente superar o oponente. Assim, faz-se necessário o domínio da técnica aliado ao fazer tático, que é o de iludir (seja no tempo, no gesto, no olhar, no histórico etc...) e superar a oposição em seus objetivos.

A questão central que está posta não é a disputa entre técnica e tática, mas sim entender a pertinência tático-estratégica que caracterizam as MEC se assumirmos que estas de fato possuem uma estrutura formal e funcional definida, como afirmam Godbout, Gréhaigne e Bouthier (2001). De fato, trata-se de assumir que as MEC têm uma estrutura comum; uma lógica interna (TAVARES; FARIA, 1996). Temprado<sup>6</sup>, citado por Faria e Tavares (1996), afirma que a lógica interna da atividade desportiva é que determina as decisões dos sujeitos e define o conjunto de possibilidades. A lógica do jogador reflete sua autonomia criativa utilizando dados

---

<sup>6</sup> TEMPRADO, J. J. *Prise de décision en sport: modalités d'études et données actuelles*. Sciences et techniques des activités physiques et sportives, Paris, n. 19, p. 53-67, 1989.

objetivos (próprios da atividade, determinados, portanto, pela lógica interna da atividade esportiva) e também subjetivos, para decidir e realizar suas ações.

Para Valero Valenzuela (2005) há diferenças de concepção entre o enfoque tradicional e os enfoques alternativos, principalmente no que toca à metodologia do processo ensino-aprendizagem-vivência-treinamento das modalidades. Enquanto os tradicionais seriam baseados na habilidade e técnicas, praticados em formato de exercícios e com muitas repetições, os alternativos utilizam de jogos desportivos para compreensão, centrados na consciência tática e na tomada de decisões. Portanto, para este autor, a formação tradicional traz como resultado um praticante muito habilidoso que não entende o jogo que pratica - não em sua totalidade.

Pittera e Riva<sup>7</sup> definem estas MEC como desportos de situação (FARIA; TAVARES, 1996). Ao perceber a situação/circunstância, o jogador analisa a realidade e decide agir de certa forma. E se as situações são imprevisíveis, estas unidades de ação não podem ser resumidas a partes, ou a elementos prontos. Muito embora possam ter elementos comuns, são sempre únicas. Por isso também que Morin<sup>8</sup>, citado por Faria e Tavares (1996, p. 33), afirmava que “toda ação é estratégica. Sendo que esta não designa somente um programa pré-determinado, mas também luta contra o acaso”. Como afirma Mahlo (1980, p. 40)

Ora a percepção em jogo (observação do jogo), é também um processo psíquico complicado que engloba a análise das condições. O produto da nossa percepção não é um puro decalque da situação e dos objetos, mas uma imagem do mundo exterior carregada de significação [...] perceber a situação é ao mesmo tempo reconhecê-la. A percepção da situação está, portanto, estreitamente ligada à sua análise.

Prosseguindo na busca por identificar as características das MEC i, como determinante para que sejam encaradas a luz do primado estratégico-tático, outra particularidade é que sempre existem possibilidades de colaboração direta com seus colegas de equipe e de oposição com os adversários do outro time. Isso já permite imaginar um grande leque de inter-relações, que devem ser orientadas de acordo com a circunstância e, portanto, determinadas pela estratégia. O jogador deve tomar suas decisões (tática individual) de acordo com o que

---

<sup>7</sup> PITTEIRA, C. e RIVA, D. Pallavolo- dentro il movimento. Torino: Triángulo, 1982.

<sup>8</sup> MORIN E. Introdução ao pensamento complexo. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

Teodorescu<sup>9</sup> (TAVARES, 1996) define como ‘concepção unitária’<sup>10</sup> para desenvolver o jogo, pressupondo ações de jogo individuais e coletivas racionalmente coordenadas.

Tudo isso se passa nas MEC i em um determinado terreno de jogo e com tempo delimitado. A pressão temporal é, sobretudo, o que torna específica a ação tática nas MEC. Uma ação tática sem pressão temporal muda o caráter da decisão. Analisar o meio e interpretá-lo, tomar a correta decisão e executar de maneira eficaz a ação motora podem ser, sem pressão temporal, tarefas consideravelmente simples, do ponto de vista do conceito de complexidade de Kosik (2002). Mas fazer tudo isso em curto espaço de tempo aumenta sua complexidade. Por isso, Bouthier<sup>11</sup> (TAVARES, 1996) afirma que os jogadores experientes e os mais inteligentes distinguem-se principalmente pela capacidade de antecipação. Assim como Nettleton (2001, p. 32) que afirma que os “jogadores mais proficientes apresentam uma ‘imaginação estratégica’, que lhe permitem prever futuros padrões de movimento, e foram expostos, enquanto crianças, a um vasto leque de jogos de equipe”.

Afinal, se todo este processo não se der em tempo útil (entende-se aqui que deve ocorrer antes de os adversários conseguirem responder a ele, por isso antecipar-se), dificilmente funcionará exitosamente, de modo eficiente. Assim, considera-se muito importante a capacidade de saber, a tempo, que informações o jogador deve buscar na realidade; investigar a realidade em busca do que é essencial e não aparece, ou aparece pouco, como evidente (MAHLO, 1980).

Por isto, Mahlo (1980, p. 68) afirmou que “a qualidade da percepção cresce do ponto de vista da significação tática ao mesmo tempo que os conhecimentos táticos progridem”. Portanto, “perceber as coisas de modo diferente significa ao mesmo tempo ganhar outras possibilidades de agir em relação a elas. Como em um tabuleiro de xadrez: vejo diferente, jogo diferente” (VIGOTSKI, 2009, p. 289).

Pode-se afirmar, conforme fez Garganta (2004, p. 223) que “os melhores jogadores distinguem-se dos outros não somente pela justeza das decisões tomadas durante o confronto,

---

<sup>9</sup> TEODORESCU, L. Problemas da Teoria e Metodologia nos jogos desportivos. Lisboa: Horizonte, 1984.

<sup>10</sup> Seriam os Princípios do Jogo, que discutiremos melhor mais a frente.

<sup>11</sup> BOUTHIER, D. Les Conditions cognitives de la formation d’actions sportives collectives. Tese de Doutoramento. Université Paris V. 1988.



mas também pela velocidade com que estas decisões são tomadas”. Segundo Mesquita e Graça (2002b, p. 15)

Os jogadores de alto nível distinguem-se dos demais não apenas pelo seus atributos técnicos e físicos mas sobretudo pela sua inteligência tática. McPherson (1994, 1999<sup>12</sup>) refere que os jogadores de alto nível possuem conceitos mais elaborados sob o ponto de vista tático no que diz respeito às situações do jogo e ao leque de soluções aplicáveis: distinguem o que é mais ou menos importante; identificam as situações em maior detalhe e uma forma mais refinada; comparam e contrastam as situações estabelecendo uma associação entre elas.

Tavares (1996) afirma que esta dinâmica das MEC dificulta ações pré-estabelecidas. Os jogadores devem se orientar para a resolução das situações, que são diversas e permitem, portanto, um leque diverso de soluções. Por isso Ribeiro (2003) também afirma que respostas decoradas ou ‘estereotipadas’ levam ao insucesso. Para o sucesso nas MEC, sobretudo nas de invasão, devemos interpretar o jogo e dar respostas adaptadas a cada situação. Como afirmam Garganta e Oliveira (1996, p. 20), “cada jogador deve ser um estrategista capacitado para integrar as suas soluções táticas individuais no projeto coletivo e vice-versa.” Continuam Garganta e Oliveira (1996, p. 20), “os jogadores devem ter autonomia estratégico-tática, enquanto capacidade de agir em condições aleatórias e adversas, obedecendo embora a planos previamente traçados”.

Por isto, Tavares e Faria (1996, p. 39) alertam que são “poucos treinadores que se preocupam com o desenvolvimento dos aspectos cognitivos ou mentais de seus atletas”; muito embora, de acordo com o estudo de Massuca e Frago (2010), os atletas com talento são sujeitos curiosos intelectualmente, curiosos e ativos na recepção de informações. Para nós, a tomada de decisão no jogo não pode ser resumida no conhecimento declarativo. Não basta saber o que fazer e como fazer, se esse processo de análise da realidade, escolha e execução não se der no tempo que o jogo pede. Desenvolveremos melhor este tema mais adiante.

---

<sup>12</sup> MCPHERSON, S. L. The development of sport expertise: Mapping the tactical domain. *Quest*, v. 46, n. 2, p. 223-40, 1994.

\_\_\_\_\_. Tactical differences in problem representations and solutions in collegiate varsity and beginner women tennis players. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 70, n. 4, p. 369-84, 1999.

Como afirma Laguna (2002, p. 3), “o handebol é um desporto coletivo aberto, onde o fundamental é a capacidade de interagir com os companheiros e adversários. É um desporto social, no qual o grupo onde o indivíduo desenvolve sua atividade vai ser determinante na sua formação como jogador”. E se é um esporte coletivo, somente esgotando suas possibilidades coletivas pode se pensar que estamos jogando razoavelmente bem (LAGUNA, 2011<sup>13</sup>). Sobre este ponto, avançaremos mais no capítulo 3.

Este conceito de desportos de situação (GARGANTA, 1998) para nós traduz o que acreditamos serem as MEC i. Afinal, cada situação específica, em certo momento, de um determinado jogo, nos traz situações sempre inéditas. Muito embora, estas situações possam ser agrupadas e reconhecidas como cenários comuns, já previamente vivenciados em outros jogos e/ou em treinamentos, esta imprevisibilidade momentânea (até que os cenários sejam traduzidos e reconhecidos) pede que os jogadores tomem decisões e executem ações a partir de intervalos de tempo ínfimos. Diante do exposto, não se pode generalizar decisões como corretas senão a partir da situação específica do jogo que se insere.

Um exemplo simples: dois atacantes contra um defensor, o defensor se aproxima do atacante que mantém a posse de bola, que fazer? Passar para o jogador livre, hipoteticamente responderíamos. Mas e se a situação é de final de jogo, faltando poucos segundos para o fim, com o placar favorável, o portador da bola é um ótimo finalizador e mais experiente e calmo, além de naquela partida estar em grande fase, sendo decisivo. Isso acrescido do fato de o time adversário ter estourado o limite de faltas, simulando aqui uma partida de basquetebol ou futsal. Ele ameaça o passe e mantém a posse de bola, sofrendo a falta. Faz o gol ou converte os pontos de lance-livre após a cobrança. E o tempo acaba e seu time vence. Ele errou ao decidir não passar ao seu companheiro de time? Só no contexto situacional daquele dado jogo é que poderemos avaliar se foi tomada a melhor decisão.

Contudo, contraditoriamente, nas MEC de invasão, as situações podem ser em certa medida, antecipadas. Em geral, nesta situação de dois atacantes contra um defensor, devemos decidir pelo passe ao companheiro desmarcado. Mas há muitas variações da mesma

---

<sup>13</sup> LAGUNA, M. La Continuidad en el Ataque Posicional. In: Curso de Treinadores da Real Federação Espanhola de Handebol. Madrid, 2011.

situação, e disto depende a tomada de decisão. As ações de 2x1 se apresentam repetidamente, mas sempre de um dado modo. O novo (criação e improviso) deriva do conhecido (treinado e antecipado). O conhecimento dos princípios e das situações possíveis não busca associar de forma *cartesiana* um problema a uma resposta, como a lógica formal, no modo ‘se isto, logo aquilo’. Este conhecimento é teórico, ou seja, genérico, e deve orientar a ação diante da nova realidade que é sempre cheia de contradições.

Deste modo, defendemos a determinação da tática sobre a técnica, de forma que, estando ambas atreladas na ação concreta, o saber-fazer tático-técnico deve, para nós, ser almejado. Não nos basta fazer sem saber, sem avaliar a situação e sem entender o todo do contexto estratégico daquela situação em que se está colocado. Por isto, defendemos a concepção estratégico-tática.

## **2.4 Concepção estratégico-tática**

Respeitando as características das MEC i (RIBEIRO; VOLOSSOVITCH, 2004), defendemos a concepção estratégico-tática. O fazer técnico deve prestar a um objetivo, e esse objetivo, para ser concretizado, necessita de uma estratégia. A estratégia reflete três aspectos, segundo Riera (1995): chegar ao objetivo; um planejamento para tornar isto viável, de curto, médio e longo prazo; e por fim que a estratégia deva abordar a totalidade dos elementos para caminharem rumo ao objetivo, sem se perder no caminho.

Deste modo, para nós, o conceito de estratégia perpassa um conjunto de objetivos, dada esta característica da totalidade dos elementos. Ela retrata a busca por objetivos de diferentes prazos, sendo que num jogo podemos falar de estratégia para jogar aquele jogo, mas podemos pensar certa estratégia para os primeiros minutos deste mesmo jogo, sendo que esta dialogue e se submeta à aquela. E temos ao mesmo tempo estratégias de longo prazo – como do ponto de vista da formação dos jogadores – que vão pra além do referido jogo, muito embora se valham deste para lograr seu objetivo.

Riera (1995) também afirma que estes termos estratégia e tática tem sido diferentemente entendidos e utilizados por muitos campos de atividade humana. Desde o militar,

de onde se reporta a origem dos termos, até as diferentes áreas onde são utilizados, com diferentes significados.

Garganta e Oliveira (1996) revisaram como são empregados os termos por diferentes autores ao longo dos anos. E também remontam ao general Clausewitz<sup>14</sup>, no século XIX, o desenvolvimento dos conceitos estratégia e tática.

Um dos problemas desta herança militar é que a separação espacial e hierárquica, do ponto de vista das relações de poder, entre os que pensam e os que executam, representativa também de uma certa divisão social do trabalho, se perpetuou como algo normal e natural. Herança esta que perpassou também a política, seus modos de conceber os usos e conceitos do termo estratégia. Muito embora há certa especificidade no caso do esporte e seus usos do conceito de estratégia, há também muita coisa em comum com essa herança militar e política. Podemos pensar as correlações de forças, os potenciais e limites do adversário, os objetivos em disputa, as relações entre meios e fins...

Para Certeau (2012), existe a possibilidade de um sujeito tático, que é exatamente aquele que manobra as injunções dadas pelas circunstâncias, ou seja, vindas ‘de fora’.

Vejamos algumas das formas de se conceber estratégia e tática, no âmbito esportivo, organizados nos dois quadros abaixo.

---

<sup>14</sup> CLAUSEWITZ, C. V. De la guerre. Paris: Minuit, 1963. Foi este mesmo general, sob influência da dialética de Hegel, que afirmou que a estratégia deve acompanhar a tática sobre o terreno.

**QUADRO 3**  
**Definições de tática**

<b>Autor/data</b>	<b>Definição</b>
Teodorescu, 1977	Totalidade das ações individuais e coletivas dos jogadores de uma equipe, organizadas e coordenadas racionalmente e de uma forma unitária nos limites do regulamento de jogo com vista à obtenção da vitória.
Parlebas, 1981	Aplicação concreta dos meios de ação
Hagedorn et al., 1982	Sistema de planos de ação e alternativas de decisão para cumprir objetivos temporalmente delimitados, regulando ações de curto prazo para obter êxito momentâneo sobre o adversário.
Konzag, 1983	Normas e comportamentos que servem para a utilização ótima em competição dos pressupostos condicionais, motores e psíquicos, tendo em conta o modo de jogar do adversário e outras condições (instalações, regras,...)
Gréhaigne, 1992	Método de ação próprio do sujeito em situação de jogo através do qual este utiliza ao máximo os constrangimentos, a incerteza e a imprevisibilidade do jogo.
Moreno, 1993	Ações de ataque e defesa que se podem realizar para surpreender ou contrariar o adversário, durante uma partida e com a bola em jogo.

Fonte: GARGANTA, OLIVEIRA, 1996.

**QUADRO 4**  
**Definições de estratégia**

<b>Autor/data</b>	<b>Definição</b>
Teodorescu, 1977	Plano tático especial e outras medidas anteriores ao jogo, portanto, que precedem à tática (esta tem um caráter aplicativo e operativo)
Parlebas, 1981	Arte de adaptar as táticas ao objetivo escolhido
Hagedorn et al, 1982	Sistema de planos de ação e alternativas de decisão
Gréhaigne, 1992	Representa o que está determinado previamente para permitir a organização

Fonte: GARGANTA, OLIVEIRA, 1996.

Assim, nas MEC i o jogador deve responder taticamente às situações que se apresentam em tempo hábil. A tática exprime-se por comportamentos observáveis e não depende somente da vontade do jogador. Ela decorre de um processo decisional metódico (no sentido de ser organizado por um método), regulado por normas, que depende de certo grau de consciência pressupondo informação e conhecimento. Este conhecimento refere-se (1) aos sujeitos da ação, ou seja, aqueles que se enfrentam – oposição e colaboração, (2) às condições em que se desenvolve o confronto – ou seja, as situações, (3) à relação intrínseca com os objetivos, (4) ao caráter sistemático refletido nos planos e alternativas para a resolução dos problemas colocados - a dimensão estratégico-tática de tudo isto (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996). Deste modo, a tomada de decisão do jogador é estratégica e por isto “é altamente situacional, colocando-lhe assim uma tripla exigência: tempo-espaco-situação” (GRECO, 2001, p. 49).

Para Konzag (1981), a tática é a soma de comportamentos individuais, grupais e coletivos, a aquelas medidas e atitudes que permitem alcançar o nível máximo das próprias capacidades físicas e psíquicas em um jogo, respeitando as regras e o rival. Sendo assim, o conceito de tática abarca múltiplas facetas e níveis do jogo.

Greco (1989) afirmava, há duas décadas, que o treinamento no futuro deveria dedicar mais tempo ao treinamento tático, inclusive nas idades mais precoces. De modo que, segundo Greco (1989), para o desenvolvimento das possibilidades de escolha [tática] é necessário o desenvolvimento de conhecimentos.

Parlebas<sup>15</sup>, citado por Garganta e Oliveira (1996), reflete sobre a maneira de conceber, sem dicotomizar, tática e estratégia. A decisão não pode estar separada da ação. Inclusive, a estratégia pode mudar no terreno de disputa por conta da realidade dada. As táticas estão subordinadas à estratégia, mas não de maneira estática. Assim, nas MEC, não podemos separar a estratégia como papel do treinador, fora do terreno de jogo, e as táticas como tarefas dos jogadores; ou seja, que cada jogador deve ser um estrategista para integrar suas soluções táticas individuais no projeto coletivo e vice-versa (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996). Por isso Santana (2008) afirma que devemos superar esta dicotomia entre estratégia e tática, para termos jogadores críticos e pensantes (dentro e fora do terreno de jogo). Fica claro então que “o sucesso nos jogos táticos depende largamente do nível de desenvolvimento das faculdades perceptivas e intelectuais dos atletas”, porque “os jogadores devem ter condições para inventar novos jogos no decorrer do próprio jogo” (GARGANTA; COSTA; FONSECA; BOTELHO, 2002, p. 8).

A técnica nas MEC assume, então, neste contexto, um papel funcional. “Deve adaptar-se de maneira inteligente às situações de jogo, ou seja, deve ser um processo intencional para a solução adequada de um problema” (DE ROSE JR.; SILVA, 2006, p. 10). “Assim a técnica é necessária como suporte a tática” (DE ROSE JR.; SILVA, 2006, p. 10). Para além do esporte, técnicas são aplicadas nas mais diversas áreas de atuação humana. São ações conscientes que foram automatizadas no processo de trabalho humano (LEONTIEV, 1983). Elas efetivam-se em relações concretas, no espaço e tempo da história Mundial (SANTOS, 2008), de modo que sempre estão a serviço do trabalho humano, que objetiva algo. Elas devem servir então à finalidade que o ser humano se propôs atingir (MAHLO, 1980).

“Toda ação dos atletas nos jogos esportivos coletivos, portanto, deve ser analisada desde o ponto de vista tático”, afirma Greco (2001, p. 48). Este é para nós um ponto de

---

<sup>15</sup> PARLEBAS, P. Contribution á un lexique comment en science de l'action motrice. Paris: INSEP, 1981.

partida. Mas queremos ir além, propor que toda ação deve ser analisada do ponto de vista tático-estratégico!

Creemos que a separação técnica e tática se fez necessária para a luta de superação do tecnicismo, no qual se treina e se ensina o como fazer separado das razões e das situações, do porque e quando fazer (GARGANTA, 2004). A noção de técnico-tático como um elemento fundamental e com unidade interna nos parece bem clara. Para agregar esta luta contra o tecnicismo que ainda nos domina, alguns autores usam o termo tático-técnico, assim invertido, ou seja, dando ênfase ao que é determinante, ao que vem primeiro hierarquicamente na relação: a tática. Sem o *porquê* (clareza de objetivo - função tática da ação), fica difícil que a técnica se apresente bem. Por isto não podemos encarar de maneira dicotômica a relação técnica e tática. Formam, para nós, uma unidade dialética.

Muitas crianças nas escolas perguntam, quando apresentadas a um novo conteúdo, seja de matemática, português ou qualquer outra disciplina, o porquê aprender aquele conteúdo. E mais, quando vai se utilizar deste novo e “necessário” conteúdo. Perguntas muito pertinentes; por que isso (e não outra coisa)? Mesmo sabendo isto, quando devo utilizar?

Pensamos que cabe aqui uma menção prática que exemplifique a ideia de que a técnica não se explica sem a tática. Um exemplo trabalhado por Molina (2001) é o do drible no handebol. O que é o drible? Projetar a bola no terreno de jogo, lançando-a em direção ao solo, normalmente no intuito de recebê-la de volta.

Como treinar ou ensinar o drible no handebol? Ele é uma ação técnica, para muitos, um “fundamento” do jogo. Mas podemos falar em drible, no singular? Ou há dribles, no plural, de acordo com a situação tática? Por exemplo, o drible de um contra ataque em que se está livre muito embora longe do gol, devendo se aproximar da área adversária o mais veloz possível para realizar o arremesso - este tem por característica ser um drible veloz, mais a frente do corpo para permitir que se corra com mais velocidade e ser alto, de modo a permitir a visão do que vem a frente sem ter que olhar somente para a bola ou para baixo.

Este seria um exemplo tático-técnico de drible. Outro, bem diferente, é o do drible para uma finta, a superação da oposição de um adversário, na fase do ataque organizado. Se o drible realizado for como o do contra ataque, que tem por objetivo progredir rapidamente



para a meta adversária, sem oposição, teremos grandes dificuldades. Neste caso do drible para realizar uma finta, recomenda-se que este seja realizado próximo ao solo (baixo), portanto de modo a dificultar o roubo da bola pelo adversário, e mais, deve ser menos para à frente, onde se imagina que estará posicionado o defensor, e mais de mudança de direção, para os lados, para fugir desta oposição (MOLINA, 2001).

Outro uso importante do drible no handebol é quando realizamos trocas entre defesa e ataque, e queremos ganhar tempo para que estas se realizem. Assim, diferente dos exemplos anteriores, usamos um drible alto, próximo ao corpo, provavelmente parado no lugar ou em baixa velocidade de deslocamento, de modo a preservar a posse de bola mesmo sem ser muito ofensivo.

Logo, o drible, assim como todos os outros exemplos de ações técnicas, não podem ser entendidos e/ou treinados, sem o componente tático, sendo sempre comandados pelas exigências da situação (MOLINA, 2001).

Necessitamos agregar neste raciocínio a noção de tempo: *o quando fazer?* E cada vez mais, dada a velocidade atual em que são jogadas as MEC: *há tempo hábil para tal?* Se os jogos são de situação (GARGANTA; OLIVEIRA, 1998); dependendo da situação em que está colocado o jogador, sua saída tática-técnica será uma, ou então, outra. Para estes autores, a situação comanda, e é, portanto, o determinante. Se por algum motivo situacional, um gol contra interessar, inclusive do ponto de vista ético, ele faz sentido no jogo. Por exemplo, casos de *fair play* em que jogadores deixam os adversários fazerem um gol, ou até fazem um gol contra, porque haviam feito um gol em situação que o *fair play* não recomendava isto. Passa a ser inclusive a coisa mais ética a se fazer. Afinal, tudo depende da situação; a que existe e está dada, e a possível de objetivar que venha a existir.

Há os que defendem que o determinante é a imprevisibilidade das ações. Mas esta característica não impede de prever *situações possíveis*, que tendem a ocorrer caso tal cenário esteja formado. Assim é possível planejar e criar sem sucumbir ao caos do imprevisível. Se o grau de imprevisibilidade fosse de ordem determinante, de nada adiantaria o treinamento e o planejamento (HIANK, 2011). Para a periodização tática, treinar fora da realidade do jogo, gera

adaptações e conhecimentos táticos que não preparam o atleta para o jogo (SILVA; SANTOS; MARQUES JUNIOR, 2009).

Entra, assim, o modelo de jogo, que deve circunstanciar a espontaneidade, o que deve ser o objetivo geral do planejamento e da periodização do treinamento. Buscamos condicionar as situações, para que estas favoreçam a criação dos nossos jogadores. Não buscamos nunca condicionar nossos jogadores. O objetivo do modelo de jogo é a desordem (criatividade) criada dentro da ordem (PAZ, 2009). Queremos que os adversários joguem o nosso jogo, o jogo que foi escrito por nós! Do ponto de vista estratégico, funciona como afirmava Sun Tzú; não queremos jogar nas situações do adversário, isto não nos favorece na busca pelos nossos objetivos (TZU, 2000); queremos impor as nossas situações!

Se de fato a situação comanda, a estratégia é o determinante. Ora, as situações são constantemente vistas como situações problema. Parte disto deriva de uma herança construtivista, mas não nos deteremos nisto. A questão é: elaborar um problema já é parte da resposta. Dependendo de como elaboramos, dependendo dos nossos conhecimentos organizados previamente, tendemos a certa formulação. Dependendo dos elementos que colhemos da realidade para identificar que estamos em uma situação que é um problema, encaminhamos já possibilidades de respostas. E fechamos as portas para outras tantas possíveis respostas, que só estarão disponíveis se reelaborarmos o problema. Ao interrogar a realidade (elaboração do problema), usamos nossos conhecimentos conforme nós os organizamos, ou seja, sobre certo prisma e certa visão. Por esta razão que

[...] o jogo não oferece automaticamente as soluções aos jogadores. Eles podem jogar ignorando as desmarcações, o contra-ataque, a recuperação defensiva etc., mas inversamente, podem procurar explorar de forma ótima os campos de intervenção propiciados pelo jogo (GARGANTA, OLIVEIRA, 1996, p. 18).

Segundo Damásio (2010), há ainda um processo que ajuda a limitar as possíveis soluções previamente à clarificação do problema. A teoria do marcador somático trata disto. Sendo assim, antes da análise da situação e a elaboração do problema, de certo modo, nossos

marcadores somáticos já nos tiraram certas opções, que interfeririam em objetivos mais hierarquicamente importantes para nossa vida, vetando estas opções no nosso leque. Ai sim, estamos na fase da escolha/ tomada de decisão consciente. Após a ação, também existe a fase da avaliação, que se dá segundo nossa forma de organizar o conhecimento, nosso método, de nossos objetivos. Após isto, possíveis correções, novas ações, reações.

Sendo assim, não se trata tão somente de reconhecimento de padrões, de uma expertise em identificação de símbolos e situações. Não é o método cartesiano que responde adequadamente as demandas da realidade, ainda mais no momento de interiorização do mundo por parte da nossa mente. Se os chimpanzés são melhores que os humanos em quantidade de armazenamento de informação, nós, humanos, temos muito mais desenvolvida a capacidade de criar, de maneira inteligente, situações novas, a partir do que nos está dado (MARINA, 2009). Laguna afirmou certa vez<sup>16</sup> que não nos interessa só o jogador que lê o jogo, mas o que escreve, o que cria o jogo. Ler é fundamental, mas precisamos entender que o jogo não para na percepção das situações e na obtenção das informações. É preciso organizar o conhecimento prévio e elaborar em conjunto com as informações que estão colocadas pela situação da realidade. Este conhecimento prévio está intimamente relacionado com uma melhor capacidade de decisão tática (RODRIGUES, 2001). Queremos jogadores que escrevem o jogo, e escrevem grandes obras, textos, poemas- grandes jogadas. Em sendo as ações concretas o que faz o jogo real, que realiza a disputa de espaço - de território - e de vontades, ambições e desejos, só o fazem da forma como objetivamos se forem estrategicamente construídas.

Para ler e escrever o jogo é preciso dominar o conteúdo semântico. Sendo assim, se a situação é esta, e se quero aquilo, que é o objetivo maior, preciso elaborar o tempo todo ações (que são ações táticas-técnicas) para criar na situação, que estava dada, meios para atingir meu objetivo. E isso não será feito sozinho, tenho um time ao lado. E implica em fazer com que os adversários não atinjam seus objetivos. Será então o determinante a estratégia, nessa disputa de objetivos?

---

<sup>16</sup> Informação obtida no Curso de Treinadores de Alto Nível, ministrado por Manolo Laguna, em Buenos Aires, em 2012.

Esta outra condição de olhar o jogo, de forma estratégico-tática, assume então este sentido coletivo e inteligente no processo do jogar. O objetivo é determinante, e está sempre presente nas nossas ações estratégicas e táticas, de modo a não nos perdermos no caminho, diferentemente do primado da técnica, onde a execução pode não fazer sentido naquela situação, ou mesmo ser pragmática, não contribuindo para a obtenção do objetivo. Por isto, segundo Greco (2001, p. 55) “o jogador deverá percorrer um processo no qual ele passe de um estilo de jogo intuitivo para um estilo de jogo intencional ou racional”, sempre tendo em vista a limitação temporal que o jogo impõe, mas que a criação do sujeito que joga se imponha e prevaleça sobre as situações dadas pelo jogo.

Garganta (2004) afirma que é cada vez mais evidente nas MEC uma essencialidade estratégico-tática, sendo nesse grupo de modalidades esportivas que ela assume seu nível mais alto de expressão e complexidade. Assim, sem desconsiderar as outras dimensões do rendimento esportivo, “o importante é formar jogadores, não repetidores” (GRECO, 1988, p. 23), e que esses jogadores sejam inteligentes, ou seja, compreendam a lógica interna da atividade, suas regras de organização (GIACOMINI; SOARES; SANTOS; MATIAS; GRECO, 2011) e seus princípios, para poder analisar os cenários possíveis dentro do jogo e projetar e realizar as ações futuras, mesmo sabendo que nunca existirão duas situações exatamente iguais. Segundo Menezes e Reis (2010, p. 460) “os jogadores são, portanto, interventores diretos dos processos, meios e sistemas do jogo, o que torna de grande relevância que estes apresentem respostas coerentes às diversas situações de jogo, agindo inteligentemente” frente a tais situações.

No próximo capítulo iremos tratar do tema da inteligência, inserida no contexto das MEC i e, portanto, do handebol.

### **3 INTELIGÊNCIA E AS MODALIDADES ESPORTIVAS COLETIVAS DE INVASÃO**

Muito falamos hoje nos progressos e nas promessas da engenharia genética, que conduziriam a uma mutação do homem biológico, algo que ainda é do domínio da história da ciência e da técnica. Pouco, no entanto, se fala das condições, também hoje presentes, que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta (SANTOS, 2000, p. 174).

#### **3.1 Uma breve introdução à questão**

A formação de jogadores nas MEC i depende, mesmo que não tomemos conta, de alguns pressupostos filosóficos, entre eles: Que seres humanos imaginamos formar (não só do ponto de vista da formação esportiva)? Quais são nossas intenções com o Esporte? E também algumas questões conceituais, tais como: Como compreendemos as MEC i? Como nos embasamos teoricamente nos temas fundamentais neste debate? Temas estes que passam da Filosofia à Psicologia, entre outras tantas áreas do saber que estudam a inteligência humana, que foram fragmentadas e na realidade estão interligadas.

Essa interação entre filosofia e “as ciências da vida não é novidade”, segundo Berthoz (2005, p. 17). Tal interação ganha força, pois, como afirma Marina (1995, p. 16), “a ideia do que é ser sujeito do processo parece que não é indiferente para nossa vida”. É necessário conhecer o modo humano de ser sujeito no processo do jogar as MEC i.

E quando falamos de formação entendemos que estamos sempre nos formando. Não se trata de algo somente presente na iniciação, ou nos primeiros anos de prática da modalidade esportiva. Como indaga Bento (2007, p. 326), “qual é o homem que é possível realizar no desporto? Que medida do humano estamos a concretizar nele?”. Como através do esporte, podemos nos constituir e nos formar como sujeitos mais criativos?

Além disso, “o que se pretende conseguir é que os jogadores adquiram uma base lógica (*princípios do jogo*) que lhes permitam adaptar a sua intervenção, em qualquer fase do jogo, às circunstâncias do jogo, com razoável eficácia” (LAGUNA, 2002, p. 4).

De maneira audaciosa, defendemos que devemos formar jogadores que sejam inteligentes. Para caracterizar estes jogadores que são ‘inteligentes’, nos baseamos em alguns pontos que sustentam o comportamento inteligente nas MEC i. E isso representa também, ao nosso ver, que seriam inteligentes para além do jogo, em especial nas questões relacionadas à lógica e ao método de análise da realidade e as questões que são similares, dentro e fora dos jogos. Por exemplo, a autonomia nas tomadas de decisões, a responsabilidade com o coletivo e a criatividade – “o pensamento criador” de que trata Mahlo (1980, p. 161), devido a uma outra relação com erros e acertos. O trabalho inteligente de antecipar ações, prever situações e tomar decisões estratégicas pode constituir uma forma de pensar os diversos campos da vida social de um ser humano.

Assim, preparar para a autonomia, segundo Leitão (2009), significa ampliar, na expressão individual da intencionalidade, um espaço de realização de todos que fazem parte daquilo - no caso, do jogo. É com o desenvolvimento da individualidade no coletivo que obtemos maior autonomia dos jogadores. E há algo especial na defesa deste argumento: só o ser humano objetiva, antes de se apropriar do mundo<sup>17</sup>.

### **3.2 Inteligência: as diferentes formas de conceber**

Quando falamos em jogadores inteligentes certamente se faz necessário esclarecer o que concebemos como inteligência. Muitas vezes, este tema no contexto das MEC i se reduz à ideia de que o jogador inteligente é o que tem muito bem desenvolvido as capacidades cognitivas de percepção-antecipação e de tomada de decisão (GRECO; SISTO, 1995). Mas aqui

---

<sup>17</sup> Entre outros aspectos, por ter a parte frontal do córtex cerebral mais desenvolvida, o ser humano pode ter maior capacidade associativa, de análise e abstração. No decorrer deste capítulo buscaremos explicar melhor esta afirmação.

cabe uma ampliação possível deste entendimento, dadas às inúmeras e diversas concepções de inteligência.

Greco (1999) explicita as diferenças dos postulados e suas respectivas epistemes nos estudos de cognição e ação ao longo da história da ciência e as consequências disto no campo das ciências do esporte. Uma corrente sistematizada como *anglo-americana* pensa a questão mais pela área da motricidade, apoiando-se no behaviorismo, utilizando-se da aprendizagem motora e no controle motor na aquisição dos movimentos e desenvolvimento das capacidades coordenativas e técnicas.

Outra linha de pesquisa e estudo nesta área é a denominada *germano-europeia*. Esta se baseia muito na teoria da ação, buscando pensar as capacidades coordenativas e capacidades técnicas a luz desta episteme (GRECO, 1999).

As pesquisas da cognição humana na psicologia, somado aos avanços no campo da semiótica e das neurociências deram novos rumos à forma das ciências do esporte trabalhar com o tema, desde as últimas décadas do século XX (GRECO, 1999).

No campo das pesquisas sobre inteligência, já no fim do século XIX e início do século XX surgiram testes pra avaliar a inteligência das crianças e seu desempenho nas escolas, como o teste de Q. I. (Quociente Intelectual), que se popularizou após sua utilização na I Guerra Mundial. Eram testes, que consideravam a inteligência como algo mensurável e definitivo, com uma visão dualista e não materialista dos seres humanos (PASQUALI, 2007), e definiam inteligência como a capacidade de responder a estes testes.

Muitas críticas foram feitas ao longo do século XX a este modelo de entender a inteligência humana. Gardner (1995) foi um dos que propôs outra forma de conceber e definir o que é a inteligência humana. Segundo sua teoria das inteligências múltiplas, inteligência é “a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários” (1995, p. 14). Sua tese se baseia nesta pluralidade de facetas da inteligência humana, sendo assim uma das críticas que faz a estes testes, como o de Q. I, é que tentam medir apenas algumas manifestações da inteligência humana (por exemplo, a lógica formal), ignorando outras tantas. A teoria das inteligências múltiplas pode ser entendida como uma possibilidade de desmembrar estes domínios em outros mais específicos. Um exemplo disso

é a inteligência musical (uma das inteligências propostas nesta teoria), que é uma linguagem, aprendida e trabalhada, sob certa lógica, demandando uma dose de abstração e capacidade de processar as informações necessárias em uma condição espaço-temporal.

Uma crítica à teoria das inteligências múltiplas é que a localização cortical das inteligências propostas invalida a noção de independência das inteligências defendida por esta teoria. Luria (1981) descreve que tanto as operações lógico–matemáticas quanto a linguagem procedem de forma espacial pelo nosso cérebro. Há grande relação de interdependência entre as formas de inteligências (GRABNER et al, 2006), classificadas separadamente pela tese das inteligências múltiplas. Cada vez mais estudos mostram a interdependência das diferentes inteligências (BEILock et al, 2008). São sistemas formados por várias unidades cerebrais interligadas, com “relativa sincronia de atividade em locais diferentes” (DAMÁSIO, 2010, p. 110). Por isso também a grande importância dada à memória de trabalho. A atenção é responsável por recrutar as imagens (representações neurais) sobre as quais nós raciocinamos, desde palavras até esquemas relacionais. Este processo dura alguns segundos, no mínimo. Assim, ficam ativos na mente e relacionados, graças à atenção e à memória de trabalho, esses conhecimentos que são retidos e reunidos no cérebro de forma não integrada (DAMÁSIO, 2010).

Diante desta teoria, a inteligência humana está, primeiro, objetivada “fora” do sujeito/cérebro, sob a forma de atividades humanas/relações sociais (como o jogo) e que, por isso mesmo, por ser atividade/trabalho, representa uma determinada síntese de diversas capacidades humanas (atenção, memória, análise, síntese, criatividade, percepção, linguagem etc.). Neste caso, a inteligência é potencial para o sujeito e deve ser explicitada para ele... a possibilidade de apropriação depende do sujeito (motivos, necessidades), mas depende também da qualidade do *objeto* que colocamos para ele (o que pode formar os próprios motivos do sujeito) (MAHLO, 1980; NASCIMENTO, 2012).

Outra linha importante de pesquisa nesta área é a cibernética<sup>18</sup> e a tese da inteligência estratégica. Esta caracteriza inteligência como a habilidade de (aprender a) atingir

---

<sup>18</sup> Damásio (2010; 2011) organiza uma crítica aos limites da teoria cibernética, que ignora a característica humana de aliar razão e emoção, diferente dos computadores e processadores artificiais, que não tem o componente emocional.



objetivos, sejam estes quais forem e em quaisquer circunstâncias (WERBOS, 2009). Entendendo que todo meio para se atingir um objetivo tende a ser estratégico<sup>19</sup>, independentemente da clareza desta estratégia, este processo inteligente humano será sempre estratégico.

O processo de objetivar (estabelecer um objetivo) e apropriar (trabalho criativo) é um diferencial humano. Ter clareza dos objetivos em cada ação, saber e poder objetivar antes de tomar decisões, criando meios para se promulgar as ações necessárias para a conquista deste objetivo, é um processo inteligente humano (WERBOS, 2009).

Logo, cabe aqui mais uma superação possível da tese que limita inteligência como simples capacidade de resolução de problemas. Não se trata, somente, de ‘resolver um problema’. Envolve a capacidade de formulá-lo, de certo jeito que já indica um leque de soluções possíveis; o motivo pelo qual se quer resolvê-lo e que meios utilizar para tal. Assim, formular um problema já é indicar uma forma (ou algumas formas) de resolvê-lo. Por isso, o modo como o atleta formula (analisa) a situação ‘problema’ que ele encontra no jogo, interfere determinantemente nas possíveis resoluções.

Quando tropeçamos com o que denominamos vaca e dizemos: ‘isto é uma vaca’, ao ato de perceber unimos o de pensar, incluindo a mencionada percepção num conceito geral; a criança, ao nomear pela primeira vez as coisas, realiza autênticos descobrimentos. O que se vê não é, na verdade, uma vaca. Não se veem vacas. O que se vê é algo grande, preto, que se move, muda etc.; e se compreende que é uma vaca e este ato é um ato de classificação, de inclusão de um fenômeno isolado dentro da categoria de fenômenos análogos, de sistematização da experiência etc. (VIGOTSKI, 2004, p.234-235).

Integrar melhor razão e emoção também é superar as formulações mais dualistas e cartesianas de ciência e, no caso específico, de inteligência. Como afirma Damásio (2010, p. 96-7)

---

Por isso, as circunstâncias fazem toda diferença na tomada de decisão humana, pois condicionam, graças também a emoção, nossa razão e, portanto, nossas estratégias.

<sup>19</sup> Corroboram com essa afirmação a teoria de Edgar Morin: “Morin afirma que toda ação é estratégica” (FARIA; TAVARES, 1996, p. 33).

Em suma, parece existir um conjunto de sistemas no cérebro humano consistentemente dedicados ao processo de pensamento orientado para um determinado fim, ao qual chamamos raciocínio, e a seleção de uma resposta, a que chamamos tomada de decisão, com uma ênfase especial no domínio pessoal e social. Esse mesmo conjunto de sistemas está também envolvido nas emoções e nos sentimentos e dedica-se em parte ao processamento dos sinais do corpo.

Mas existem também tentativas de consensos elaborados para as definições de inteligência. O primeiro, um relatório de uma equipe congregada pela Associação Americana de Psicologia, em 1995, chamada de *Intelligence: Knowns and Unknowns* (A. P. A., 1995)

Os indivíduos diferem na habilidade de entender ideias complexas, de se adaptarem com eficácia ao ambiente, de aprenderem com a experiência, de se engajarem nas várias formas de raciocínio, de superarem obstáculos mediante o pensamento. Embora tais diferenças individuais possam ser substanciais, nunca são completamente consistentes: o desempenho intelectual de uma dada pessoa vai variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Os conceitos de 'inteligência' são tentativas de aclarar e organizar esse conjunto complexo de fenômenos.

Outra definição de inteligência, elaborada coletivamente pela *Mainstream Science on Intelligence* (M. S. I., 1994), que foi assinada por cinquenta e dois pesquisadores do tema, e publicada em 1994, afirma que inteligência é:

uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária, uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta - 'pegar no ar', 'pegar' o sentido das coisas ou 'perceber' uma coisa.

Há também uma concepção que define inteligência como o quão bem o indivíduo lida com o meio. É a atividade mental de proposição, adaptação e seleção do sujeito no mundo real que caracteriza esta Teoria Triárquica da Inteligência (STERNBERG, 1985).

Souza, Paula e Greco (2001, p. 1) citam a definição de cognição de Dorsch, que mostra este processo de interação ser humano-mundo: é “o desenvolvimento do fenômeno de interpretação e ordenamento das informações na consciência através das funções intelectuais e a formação de conceitos passíveis de oferecer soluções a um problema”.

Os resultados das pesquisas recentes sobre o tema em neurociências também são importantes. Segundo muitas destas pesquisas, inteligência está relacionada a cinco grandes domínios: memória (que é base para a aprendizagem), habilidade espacial (ou espaço-temporal<sup>20</sup>), linguagem, velocidade de processamento de informações e entendimento lógico e abstrato (DAMÁSIO, 2010; DEARY; PENKE; JOHNSON, 2010).

A combinação destes domínios pode ser verificada em cada ato inteligente, mesmo que com predominância de um domínio sobre outro, mas uma noção importante é que há sempre algum tipo de interação (NACHEV; MAH; HUSAIN, 2009).

A memória de longa duração, ou de longo prazo, que é fundamental para todo processo de aprendizagem, conta com receptores que trabalham como detectores de coincidência, ou seja, estes receptores ligam eventos aparentemente separados. A plasticidade deste processo pode ser melhorada com o aumento destes receptores, fazendo com que a capacidade cognitiva avance. Isto é o que mostra o trabalho de Lehrer (2009), mas com um contraponto: lembrar demais se misturam muitas informações, inclusive as irrelevantes. Deste modo, a arte, mais que a capacidade, de esquecer, é fundamental, mesmo que seja uma arte inconsciente para seu criador (IZQUEIRDO, 2007). Assim, é importante desenvolvermos ao longo da experiência essa arte de não lembrar certas coisas. Se o cérebro tem uma precisão maior para lembrar, perde em certa medida a precisão de generalizar e abstrair. Citando o literato Jorge Luís Borges: “para pensar, é necessário poder esquecer, para assim poder generalizar” (IZQUIERDO, 2007, p. 96).

Essa capacidade de generalizar, ou seja, teorizar, organizar segundo uma lógica os conhecimentos e experiências da vida, segundo o princípio da diferenciação, ou discriminação, “descrito por Pavlov há quase um século atrás” (IZQUIERDO, 2007, p. 98), é que nos permite agrupar certos estímulos e por serem parecidos com outros que nos parecem valiosos, e também deixar de responder a outros estímulos que nos parecem contraproducentes.

Por isso também a importância de organizar o que é necessário lembrar, seja na memória de curto prazo, seja no processo que envolve a memória de longa duração. É essencial saber selecionar e distinguir as informações mais importantes das menos importantes ou

---

<sup>20</sup> Einstein, entre tantos outros cientistas do século XX, já mostrou que o tempo é uma dimensão do espaço (BALIBAR, 2008).

irrelevantes, seja do ponto de vista da situação específica, seja na perspectiva mais ampla do aprendizado.

Alguns estudos com expertises (*experts*) também mostram alto grau de organização do conhecimento específico (memória de longa duração), mas estes operam segundo a lógica interna específica, não necessariamente conseguindo abstrair, generalizar e teorizar sobre demais temas ou transpor seus conhecimentos para outras áreas ou temas. Segundo Grabner, Neubauer e Stern (2006), nesses casos utilizam-se menos a atenção e a memória de curta duração (ou de trabalho) para resolver questões de sua especialidade, pois se reconhece as informações importantes e não se perde tempo com detalhes pouco relevantes.

Essa maior efetividade na atenção dispensada aliada ao bom uso da memória de trabalho (curta duração) pode significar baixa ativação cortical e menos tempo para resolver uma situação problema. Nesses casos sim, obtemos um melhor aprendizado, não só com ganhos em expertise<sup>21</sup>, mas sim em inteligência, devido ao aumento da plasticidade e da melhor capacidade de tratamento das diferentes informações (GRABNER; NEUBAUER; STERN, 2006); além de melhor elaboração, entendimento, reflexão e planejamento na antecipação de situações, antevendo melhor as tendências das ações que envolvem a *linguagem corporal* (BEILLOCK; LYONS; MATTARELLA-MICKE; NUSBAUM; SMALL, 2008).

Damásio (2010, p. 198) destaca esta relação da memória de trabalho e da atenção, aliadas a emoção e ao sentimento:

Os termos raciocínio e decisão também implicam habitualmente que quem decide dispõe de alguma estratégia lógica para produzir interferências válidas com base nas quais é selecionada uma opção de resposta adequada e que dispõe dos processos de apoio necessários ao raciocínio. Entre esses últimos são normalmente mencionadas a atenção e a memória de trabalho, mas nada se diz sobre a emoção ou o sentimento, e quase nada sobre o mecanismo que permite a criação de um repertório de diferentes opções para a seleção.

---

<sup>21</sup> Expertise é entendida neste caso como elevado conhecimento em certo tema - área específica. Muito embora os *experts* comparem e contrastem muito bem as situações específicas, estabelecendo associações entre elas, eles não são capazes de transferir esta habilidade para demais situações da vida. Há também uma dificuldade de tornar o conhecimento declarativo, de refletir e teorizar sobre a prática, por parte dos *experts* (MESQUITA E GRAÇA, 2002b).

Deste modo, integrar razão e emoção na teoria que explicita o processo de tomada de decisão parece ser fundamental para se produzir ciência. O estado emocional, o modo como está aquele corpo no mundo, com suas variações de humor e sentimento, fazem toda diferença no processo decisório, no raciocínio e na própria visualização da estrutura lógica que organiza o objetivo e a estratégia para atingir o mesmo.

Por isto também, Marina (2009) afirma na sua concepção de inteligência que não basta elaborarmos mentalmente algo. Há de se colocar na realidade as possibilidades, para que esta tomada de decisão se torne realidade. E nesta parte do processo, fica mais evidenciada a importância de tomarmos o processo de tomada de decisão de maneira integrada e não dualista (não cartesiana), no que tange entre razão e emoção.

Sendo assim, inteligência é mais do que a capacidade de resolver equações e/ou situações problemas. É “acima de tudo a aptidão para organizar comportamentos, descobrir valores, inventar projetos e mantê-los, ser capaz de libertar-se do determinismo da situação, solucionar problemas, analisá-los” (MARINA, 2009, p. 14). Marina (2009) afirma que inteligência passa por saber pensar, mas também ter vontade ou coragem para fazer. É levar nossa atividade mental (que envolve tenacidade, retórica interior, memória, raciocínio, invenção de objetivos, imaginação...) a ajustar-se a realidade e a ultrapassá-la. Não há desenvolvimento da inteligência humana sem uma afirmação enérgica de subjetividade criadora. “O criador seleciona sua própria informação, dirige o olhar para a realidade e define as suas próprias metas. Ignorar estes aspectos equivale a ignorar os aspectos mais essenciais da inteligência humana” (MARINA, 2009, p. 18). Por isso é tão diferencial esse conhecimento humano de todo processo: desde a definição do objetivo, passando pelo planejamento, estratégia, táticas e técnicas a serem utilizadas, a avaliação e a redefinição do plano ou até mesmo correção do objetivo.

### **3.3 A teoria da inteligência criadora**

Segundo MARINA (2009), fazemos coisas para além do natural. Transformamos o natural, através do trabalho, atividade necessariamente humana (ontológica). Criamos computadores e bombas. “Essa inquietação que converte a humanidade num permanente

gerador de novidades ambivalentes, a atribuímos, com razão, à inteligência. O homem possui uma inteligência criadora” (MARINA, 2009, p. 20). Inventamos possibilidades dentro da realidade dada, e aqui resgatemos a noção antiga (dos gregos) de inventar; criar é inventar, encontrar as possibilidades. Não são inventados, como mentiras, e sim encontrados, na própria realidade. Assim, o próprio jogo (entendido sempre como um todo complexo, que envolve os que o jogam, os jogadores) coloca as possibilidades de solução conjuntamente com as situações problema. E ao jogador, cabe analisar a realidade do jogo e *inventar* soluções a partir de sua inteligência criadora (MARINA, 2009). O entendimento de que inventar é discernir, é realizar escolhas, é também compartilhada por Damásio (2010). Escolher, dentro das múltiplas possibilidades de intervenção que cada situação permite; tendo a estratégia como bússola.

Essa diferença do ser humano e demais animais, constata-se por esta contradição descrita por Marina (2009, p. 24): “No fundo, o ser humano tem as mesmas faculdades mentais que o animal, entendendo-se por faculdade mental aquela que trata a informação”. E mais adiante prossegue

O progresso da inteligência animal, que nos permite dizer que uma raposa é mais esperta do que uma minhoca, manifesta-se de duas maneiras. Antes de mais, caracterizam-se por um melhor controle do ambiente e das suas próprias ações. Quer dizer, são mais hábeis na resolução de problemas e na aprendizagem. Em segundo lugar, tem um comportamento mais flexível. O seu repertório de rotinas é mais rico. (...) Apesar de seus progressos, são inteligências paradas. A criação de novidades é um exclusivo humano (MARINA, 2009, p. 24).

Por isto que a inteligência humana é a inteligência animal *transfigurada* pela liberdade. Não somos presos somente aos estímulos e sensações, e sim nos orientamos por mecanismos subjetivos, buscando atender ao irreal (projetado) futuro (MARINA, 2009).

“O cérebro é na verdade um simulador de ação que utiliza a memória para prever o futuro”, afirma Berthoz (2005, p. 29).

São as necessidades que a realidade nos impõe que nos fazem pensar e criar respostas (ENGELS, 2000). Assim, pode-se afirmar que o movimento inteligente é, por sua vez, voluntário. Mesmo que operado por programas motores (automatizados), até o ponto de se atingir este nível de execução relativamente livre de demanda de atenção - que pode se focar em outros

aspectos da realidade - houve um processo de aprendizado que se obteve a custa de muita atenção. De modo que ao analisar o processo maior, de aprendizagem/ treinamento, os automatismos estão a serviço de uma liberdade desejada (MARINA, 2009); libertar a atenção para seguir analisando a realidade (que muda em milissegundos), para pensar futuras ações e correções de planos; pensar a estratégia.

Por isso Marina (2009) reforça que desde o aprendizado de uma língua até o de hábitos motores se dão de maneira hierarquizada. Os mais complexos esquemas fundamentam-se nos mais elementares. E que as duas linguagens, a motora também, passam por um conhecimento tácito. Por isso, a liberdade desejada orienta o processo de aprendizado

o principiante que aprende um novo idioma, traduz sempre as palavras deste idioma para sua língua natal; mas só quando puder manejá-lo sem apelar ao passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova é que poderá produzir livremente nela (MARX, 1969, p. 18).

Portanto, refletindo sobre a inteligência humana, fica mais claro que não há inteligência em si, descontextualizada, e sim ação humana inteligente, que se dá sempre em uma circunstância. Como afirma Marina (2009), um ato de inteligência criadora é uma experiência e um exercício de liberdade.

### **3.4 Inteligência e as MEC i**

Visualizar as situações da realidade (e, como por exemplo, do jogo) como ‘problemas’, situações reais contraditórias que podem ser solucionadas, ou melhor, superadas e transformadas em possíveis novas situações contraditórias, ou seja, novos possíveis problemas, nos coloca a necessidade de entender melhor este processo do ser humano interpretando a realidade do mundo a sua volta, interiorizando-o<sup>22</sup>.

Neste ponto, faz-se necessário, alguns esclarecimentos sobre nossa concepção de realidade, e, portanto, de suas situações. A aparência da realidade, devido a seu aspecto

---

<sup>22</sup> Segundo Ortega y Gasset, isto é o que difere o planeta e o mundo (Meditación de la técnica y otros ensayos sobre ciencia y filosofía. Madrid: Alianza Editorial, 1982).

fenomênico, não proporciona sua compreensão imediata. Como afirma Kosik; “o indivíduo ‘em situação’ cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade” (2002, p. 14). Essa contradição entre aparência do fenômeno e a realidade concreta se dá de modo que a aparência pode ser irreal se apresentada de modo isolado (KOSIK, 2002). Por isso, sem a ciência e a filosofia não temos como compreender a realidade concreta, que ultrapassa o isolamento da essência e da aparência fenomênica das coisas e situações.

Assim, nossa concepção de realidade passa pela compreensão da totalidade concreta, ou seja, “cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo” (KOSIK, 2002, p. 49). “Totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 2002, p. 44).

Se a realidade é entendida como concreticidade, como um todo que possui sua própria estrutura (e que, portanto, não é caótico), que se desenvolve (e, portanto, não é imutável nem dado de uma vez por todas), que vai se criando (e que, portanto, não é um todo perfeito e acabado no seu conjunto e não é mutável apenas em suas partes isoladas, na maneira de ordená-las), de semelhante concepção da realidade decorrem certas conclusões metodológicas que se convertem em orientação neurística e princípio epistemológico para estudo, descrição, compreensão, ilustração e avaliação de certas seções tematizadas da realidade, quer se trate da física ou da ciência literária, da biologia ou da política econômica, de problemas teóricos da matemática ou de questões práticas relativas à organização da vida humana e da situação social (KOSIK, 2002, p.44-45).

Esta concepção de realidade difere da concepção sistêmica de realidade (e também da teoria do caos), por isto é importante que se saiba de onde se parte, com quais pressupostos, para que se saliente as diferenças das análises e propostas feitas.

O paradigma sistêmico tem sido utilizado como uma das principais referências epistemológicas no que tange os estudos das MEC (REVERDITO; SCAGLIA, 2007).

Por óbvio que pareça; na teoria dos sistemas a realidade é analisada como um sistema, tomando a complexidade da realidade do ponto de vista de sua estrutura interna, devido ao seu legado Iluminista (KOSIK, 2002).



Graças ao conceito de mecanismo, por exemplo, é possível explicar o mecanismo de um relógio, o mecanismo da memória, o mecanismo da vida social (do estado, das relações sociais e assim por diante). Mas apenas no primeiro caso o conceito de mecanismo esgota a essência do fenômeno e o explica de maneira adequada, ao passo que nos dois outros casos, com o modelo do mecanismo, se explicam apenas *certos* aspectos do fenômeno ou sua determinada aparência fetichizada (KOSIK, 2002, p. 47).

Portanto: “Em tais casos trata-se de uma realidade mais complexa, cuja adequada explicação e descrição exigem categorias lógicas (modelos) estruturalmente adequadas” (KOSIK, 2002, p. 47). Assim, a teoria dos sistemas e o estudo das MEC têm seu diálogo limitado.

Damásio (2010, p. 279) também critica a noção dualista que as ciências herdaram do pensamento cartesiano, principalmente as ciências biológicas. Para explicar processos vitais, utiliza-se uma “mecânica de relojoeiro”.

Assim, Damásio atribui a essa forma cartesiana de separar mente e corpo, a noção da mente como um programa de software, muitas vezes utilizada pelos adeptos da concepção cibernética de inteligência. Segundo Damásio (2000, p. 281)

A separação cartesiana pode estar também subjacente ao modo de pensar de neurocientistas que insistem em que a mente pode ser perfeitamente explicada em termos de fenômenos cerebrais, deixando de lado o resto do organismo e o meio ambiente físico e social, e, por conseguinte, excluindo o fato de parte do próprio meio ambiente ser também um produto das ações anteriores do organismo.

Para compreender algo é necessário conhecer sua estrutura. Assim determinamos seu conceito. Mediante o método que utiliza dos conceitos e da abstração, através de decomposições do todo para compreendê-lo, podemos conhecer a realidade sem nos equivocarmos somente com sua aparência.

O processo de apreensão da realidade, derivando em aprendizado, passa por este movimento do pensamento, “que atua nos conceitos, no elemento da abstração” (KOSIK, 2002, p. 36).

A ação humana também é feita através da decomposição do todo. Só assim se chega a compreender a coisa, sem perder de vista a sua totalidade concreta (KOSIK, 2002, p. 18). Mas, por isso, devemos entender a teoria como a “compreensão explicitamente reproduzida”

(KOSIK, 2002, p.32) da realidade, ou seja, “significa conhecer as leis do movimento da coisa, (...) ou a coisa em movimento” (KOSIK, 2002, p.34).

Para estudar a inteligência humana no processo de jogar uma MEC, precisamos compreender e procurar analisar um processo que é dinâmico. Mais ainda, o jogo tem sua lógica interna, e se passa em alta velocidade, de maneira aberta e complexa. Assim, se “a realidade é interpretada não mediante a redução a algo diverso de si mesma, mas explicando-a com base na própria realidade, mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos do seu movimento” (KOSIK, 2002, p. 35), faz sentido estudar e pensar o jogo, e o jogar inteligente humano, com essa clareza e especificidade. Assim, como trataremos no próximo capítulo, organizar essa interpretação do jogo de handebol a partir de seus princípios fundamentais, fases e ciclos é fundamental. É daí que poderemos extrair elementos para pensar o que poderia ser um melhor processo de formação de jogadores inteligentes.

Sobre esta redução da realidade para possibilitar sua compreensão, vale lembrar que

Todo agir é ‘unilateral’, já que visa a um fim determinado e, portanto, isola alguns momentos da realidade como essenciais àquela ação, desprezando outros, temporariamente. Através deste agir espontâneo, que evidencia determinados momentos importantes para a consecução de determinado objetivo, o pensamento cinde a realidade única, penetra nela e ‘avalia’ (KOSIK, 2002, p. 19).

O pensamento vem sempre acompanhado de certa percepção do todo, ou seja, de uma atividade sensível-perceptiva, que garante este processo da consciência humana que é “reflexo e ao mesmo tempo ‘projeção’, registra e constrói, toma nota e planeja, reflete e antecipa: é ao mesmo tempo receptiva e ativa” (KOSIK, 2002, p. 33).

A circunstância (situação) é vista e entendida por nós a partir de certa concepção, de certa lógica que organiza nossa leitura da realidade; ou seja, “o próprio conceito do fato é determinado pela concepção total da realidade social” (KOSIK, 2002, p. 53). Como afirma Marina (2009, p. 99)

o jogador em plena corrida, lerá os gestos dos outros jogadores e selecionará a jogada mais eficaz. Fã-lo-á com o auxílio de um duplo sistema de referências: a situação e seu estilo próprio. Um bom jogador possui um padrão de jogo, um sistema de preferências, com que avalia continuamente as suas prestações.

Um bom jogador realiza o jogo de modo eficiente para seu time, colabora na obtenção dos objetivos coletivos da equipe, mas mais que isto; submete os adversários ao jogo que lhe é interessante estrategicamente, escreve o jogo em que todos terão que jogar. Cria sob a lógica interna do jogo, mas de acordo com seu estilo, sua marca. Assim, sua individualidade se coloca na realidade dialogando com ela, inventando de acordo com a concepção de ‘inventar’ dos antigos gregos, de forma a contrapor a um possível individualismo, que por ser orientado principalmente pela vontade do indivíduo, não responde adequadamente aos problemas que aquela dada realidade impõe.

Deste modo, a análise da realidade “seria um momento do processo de conhecimento necessário à compreensão da realidade investigada em seu todo concreto” (DUARTE, 2000, p. 84). Utiliza-se assim, como apregoado pela ciência através de seu método, “a abstração e a análise da forma mais desenvolvida” (DUARTE, 2000, p. 84). “A abstração é uma mediação indispensável pela qual a ciência chega à essência da realidade concreta” (DUARTE, 2000, p. 88), no sentido de fugir da aparência e se aproximar ao que de fato é a realidade. Concebemos assim, com relação à epistemologia, “o conhecimento com a reprodução da realidade pelo pensamento” (DUARTE, 2000, p. 93), através das mediações; análise e abstração. Logo, conhecer o jogo é mais do que necessário, é o único jeito de se apropriar da lógica interna do mesmo, para que com este pressuposto e seu método de análise e abstração, possa pensar as ações em cada situação.

O conhecimento é, portanto, fundamental para que o indivíduo seja sujeito de suas ações (DUARTE, 2000). Se apropriando do saber, o jogar, esta realidade de que ele é parte, passa a ser uma possibilidade concreta de ser criador.

O saber e o fazer estão dissociados na língua portuguesa. Mas em outras línguas não, como é o caso do francês e do inglês<sup>23</sup>. O ‘saber-fazer’ é determinante. Não nos adianta um atleta que domina as ações somente no que tange o conhecimento declarativo. É preciso que ele domine no processual, acima de tudo. Mas nosso objetivo é formar jogadores que não dissociem as duas formas de conhecimento, e sim as integrem, sabendo fazer bem, e podendo pensar, abstrair, elaborar e se comunicar sobre os rumos tomados em cada ação, tornando essas ações conhecimento também, para seu uso futuro.

Mas “estudar uma questão não é o mesmo que respondê-la” afirma Damásio (2011, p. 18). Para entender melhor essa defesa da inteligência como uma facilitadora do processo humano de planejar o agir, decidindo-o, portanto, precisamos levar em conta a noção defendida por Damásio (2010) da hipótese do marcador somático, como condutor das tomadas de decisão dos seres humanos.

Damásio (2010) lembra que inventar é também escolher. Nossas decisões são tomadas não de maneira fria e cartesiana, como se fosse possível separar a razão das emoções nesses processos. Portanto, a hipótese do marcador somático é que temos esses marcadores primários, que nos limitam uma série de possibilidades, antes mesmo de supormos as possíveis consequências de nossas escolhas. Assim, criamos e decidimos com esses processos contraditórios cooperando e competindo simultaneamente. Ao mesmo tempo em que não somos presos as emoções e sensações, temos limites impostos pelos nossos marcadores somáticos;

Em suma, os marcadores-somáticos são um caso especial do uso de sentimentos gerados a partir de emoções secundárias. Essas emoções e sentimentos foram ligados, pela aprendizagem, a resultados futuros previstos de determinados cenários. Quando um marcador-somático negativo é justaposto a um determinado resultado futuro, a combinação funciona como uma campanha de alarme. Quando, ao contrario, é justaposto um marcador-somático positivo, o resultado é um incentivo (DAMÁSIO, 2010, p. 206).

---

<sup>23</sup> Saber-fazer na língua inglesa é ‘know-how’ e na língua francesa é ‘savoir-faire’. A Federação Francesa de Handebol, por meio de seus cadernos de *Direção Técnica Nacional*, defendem que a cada grupo de sessões de treinos/aulas deve se saber fazer melhor o conteúdo, mas também arguir melhor sobre este tema do jogo (*Mês premiers entraînements de handball – dez. 2001 – publicado pela Fédération Française de Handball*).

Segundo Damásio, a ideia é “de que os marcadores-somáticos (ou algo que lhes assemelhe) colaboram no processo de filtragem dessa grande riqueza de pormenores - com efeito, reduzem a necessidade de filtragem ao permitir uma detecção automática dos componentes mais relevantes de um dado cenário. A simbiose entre os chamados processos cognitivos e os processos geralmente designados por ‘emocionais’ torna-se evidente” (2010, p. 207). É importante que fique claro, por vezes “os marcadores-somáticos funcionam de forma velada, ou seja, sem surgir na consciência” (DAMÁSIO, 2010, p. 206).

Ao ganhar tempo nas decisões em que existe pressão temporal (como nas MEC i), evita-se uma opção que seria negativa ou reforça-se o agir em caso de uma tendência a opção positiva. “Esse mecanismo oculto seria a fonte daquilo que chamamos intuição, o misterioso mecanismo por meio do qual chegamos à solução de um problema *sem* raciocinar, com vista a essa solução” (DAMÁSIO, 2010, p. 220).

Corroborando com a necessidade e a importância do treino das situações do jogo, para que o jogador transfira o que treinou para o jogo, Damásio (2010, p. 212) afirma “O elemento decisivo é o tipo de estado somático e de sentimento produzido num dado indivíduo, em dado ponto de sua história, numa dada situação”. Do mesmo modo, o sistema recompensa/punição e as reações e informações que correspondem aos erros e êxitos dos atletas formam esses estados somáticos. “A maioria dos marcadores-somáticos que usamos para a tomada racional de decisão foi provavelmente criada nos nossos cérebros durante o processo de educação e socialização” (DAMÁSIO, 2010, p. 209) - por toda a vida, não somente na infância e juventude. Muito embora este seja um ponto assaz relevante para o estudo da inteligência humana, não nos aprofundaremos nesta questão por se distanciar do centro de nosso foco.

Conhecer o jogo é também ter consciência da modalidade esportiva que se pratica. Segundo Damásio, a consciência “é, no mínimo, uma organização de conteúdos mentais, centradas no organismo que produz e motiva esses conteúdos” (DAMÁSIO, 2011, p. 23). Deste modo, organizar os conteúdos, seus objetivos, suas fases e princípios, na mente de cada jogador, é um passo essencial para que os praticantes conheçam o jogo.

Assim, “as estratégias de raciocínio giram em torno de objetivos, opções de ação, previsões de resultados futuros e planos para a implementação de objetivos em diversas escalas de tempo” (DAMÁSIO, 2010, p. 109). Por isto

Podemos adquirir estratégias para raciocinar e tomar decisões; e podemos selecionar uma resposta motora a partir do elenco disponível no cérebro ou formular uma resposta motora nova, que é uma composição desejada e deliberada de ações que pode ir desde uma expressão de cólera até abraçar uma criança, desde escrever uma carta para o editor até tocar uma sonata de Mozart ao piano (DAMÁSIO, 2010, p. 120).

Desta forma, “ao utilizarmos imagens evocadas, podemos recuperar um determinado tipo de imagem do passado, a qual foi formada quando planejamos qualquer coisa que ainda não aconteceu, mas que esperamos venha acontecer.” E prossegue: “enquanto o processo de planificação se desenrolou, formamos imagens de objetos e de movimentos e consolidamos a memorização dessa ficção em nossa mente.” Isso se dá, pois “a natureza das imagens de algo que ainda não aconteceu, e pode de fato nunca vir a acontecer, não é diferente da natureza das imagens acerca de algo que já aconteceu e que retemos”. Ambas as formas de imagens são “construções do cérebro” (DAMÁSIO, 2010, p. 124). Por isso, a criação de planos para futuros possíveis está intimamente ligada a vivências e aprendizados.

Logo, um jogador que é estimulado a criar o jogo, e que tem vasta experiência nas situações características do jogo, pode apresentar maior possibilidade de antecipação, no sentido de antever corretamente – imaginar, criar e intervir na realidade antes dela mesma se dar como fato. É aí que o treinamento realiza o jogo, assim como a experiência permite projetar o novo, antes de ele acontecer.

Muitas vezes, mesmo sem termos o estímulo visual, conseguimos utilizar nosso sistema de neurônios espelhos para visualizar o que nos foi falado. Assim, o treinador, ao passar suas instruções para seus atletas, utiliza-se, mesmo que sem saber, desta massa de neurônios espelho. Esse grupo de neurônios é capaz de identificar intenções e emoções por trás dos movimentos que visualizamos e até mesmo nos fazer imitá-los (POLLANY, 2011).

Arguindo sobre a cultura e a civilização, mantendo-se afastado das teorias que colocam a genética e as neurociências no centro de todas as explicações, inclusive sobre a

criatividade e a inteligência humana, Damásio afirma que “a compreensão desses fenômenos requer não só a biologia e a neurobiologia, mas também as ciências sociais” (2010, p. 153).

Antever os cenários possíveis e escolher uma melhor opção de como proceder naquela situação do jogo, e não só reagir ao cenário já configurado (e, portanto, limitado), é uma característica do atleta de alto nível, segundo Yarrow, Brown e Krakauer (2009). Essa é uma característica da forma mais desenvolvida de jogar, mais livre e criativa.

Conforme afirma Sonnenschein (1989), para responder a uma situação com ações adequadas é preciso primeiro analisá-la. Assim, se faz necessário aumentar a quantidade absoluta de informações de modo a formar um todo, ou seja, uma unidade informativa de ordem superior. Deste modo teremos, para Sonnenschein (1989), uma combinação de análise e de solução da situação tática, ao mesmo tempo adequada e rápida. A análise veloz da situação ganha mais importância por conta do fato determinado pela natureza dos jogos abertos e de invasão, onde o confronto por espaço-tempo se dá de maneira acentuada, onde as circunstâncias estão em permanente mudança.

Gaspar, Ferreira e Pérez (2005) também relacionam as tomadas de decisão dos atletas com cognição e emoção. Não adianta somente uma alta capacidade de decidir, senão com confiança e controle para tal. “Toda memória é adquirida num certo estado emocional”, afirma Izquierdo (2004, p. 36). Assim, conforme estudos como os de Ruiz e Tenebaum e Bar-Eli citados por GASPAR et al (2005), podemos falar em estilos de decidir no esporte. Tanto o conhecimento, como a percepção, são fundamentais para a tomada de decisão. Por isso, independente do estilo, “os erros de decisão só são eliminados quando os atletas aprendem a tomar atenção à relação temporal entre os seus movimentos e os sinais relevantes do envolvimento” (GASPAR; FERREIRA; PÉREZ, 2005).

### **3.5 Sobre a Formação de jogadores Inteligentes**

Como desenvolvido anteriormente, queremos jogadores inteligentes, que joguem a partir da concepção estratégico-tática, que garanta o conhecimento necessário para

elaboração de processos conscientes e intencionais (inteligentes, portanto) para obtenção de objetivos: estratégias, táticas.

De acordo com Bento, “se eu fosse um treinador... seria um prático-teórico” (2006, p. 30). Defendemos que todos os treinadores sejam práticos-teóricos. Assim como os jogadores devem, a nosso ver, também ser práticos - teóricos! Pensar o jogo ao jogar, criar em cada situação a melhor solução, para atingir seus objetivos estratégico-táticos. Entender a lógica do jogo, como já foi afirmado, é fundamental. Bachelard nos serve de referencia neste ponto: “a ciência é a estética da inteligência” (2008, p. 13).

Por isso Santana (2008) afirma que devemos superar a dicotomia entre estratégia e tática, para termos jogadores críticos e pensantes. Acreditamos então que “o sucesso nos jogos táticos depende largamente do nível de desenvolvimento das faculdades perceptivas e intelectuais dos atletas”, porque “os jogadores devem ter condições para inventar novos jogos no decorrer do próprio jogo” (COSTA; GARGANTA; FONSECA; BOTELHO, 2002, p. 8).

Cabe aqui esclarecer o modo que entendemos esse processo integrado, visto que a percepção é parte do processo inteligente já descrito. Por isto, citamos trechos de um artigo de Laguna<sup>24</sup>

¿Les gusta el jazz?

A mí si. Una de las características de este tipo de música es la **improvisación**.

[...]De pronto el clarinetista toma la voz cantante y empieza a desarrollar un tema, lo adorna con escalas vertiginosas que aparecen en el momento y evocan miles de sensaciones.

Dejo de pensar en el clarinetista y me acuerdo de que con él había otros 4 músicos: un pianista, un batería, un contrabajo y un guitarrista ¡Todos le siguieron y nadie falló ni dudó lo más mínimo! ¿Cómo fueron capaces de acoplarse?

Al fin y al cabo, el clarinetista era dueño de la situación, hacía lo que quería, pero los demás: ¿cómo adivinaron sus intenciones?

¿Se puede improvisar en conjunto sin irse cada uno por su lado, formando un todo coherente?

Vemos que los músicos lo hacen. Pero no solo los músicos, también bailando o haciendo teatro o en otras miles de actividades se puede **improvisar eficazmente y en grupo**, y subrayo lo de “eficazmente” porque es evidente que improvisar “desastrosamente” lo puede hacer cualquiera

---

<sup>24</sup> Manuel Laguna é treinador de handebol na Espanha e coordenador técnico da Federação Espanhola de Handebol. Fazemos referência aqui a um texto apresentado por ele no Curso de Treinadores promovido pela Federação Espanhola de Handebol, não publicado ainda: El Ataque Posicional en las etapas de formación: Hacer bien lo fácil (2010).



¿Lo podríamos hacer también en los deportes colectivos?  
Claro que sí. De hecho lo hacen los buenos equipos.  
En cualquier actividad **todas las personas** están preparadas para actuar **improvisando eficazmente** si han sido educadas de la forma adecuada (LAGUNA, 2010, p. 3).

Assim, tudo se passa no jogo como se fosse uma banda de músicos de jazz. Como afirma Laguna, os músicos ensaiam (treinam), mas na apresentação é o improviso o primordial. Ninguém improvisa do nada! Não se trata de um improviso autista e egocêntrico, e sim de um improviso individual que nunca sai do tema, ou seja, da lógica interna da estrutura musical dada. Deste modo, o improviso de um saxofonista é acompanhado pelos demais músicos, graças ao domínio destes da lógica interna da atividade. A criação individual faz sentido dentro da estrutura coletiva, dando possibilidade dos demais acompanharem no tempo e ritmo certo. Graças a este domínio da lógica interna da atividade é possível intuir então qual é a sua tendência, por onde devemos seguir no futuro próximo. Devemos dominar a lógica interna da atividade e sua técnica para superarmos as barreiras de ambas. Assim, o improviso e a criação ficariam eficazes e coletivos. Como afirma Levy (2000), seria a coordenação das inteligências em tempo real.

Tudo isso se passa nas MEC em um determinado terreno de jogo, e com tempo limitado. A pressão temporal é, sobretudo, o que torna complexa a ação tática nas MEC. Analisar o meio e interpretá-lo, tomar a correta decisão e executar de maneira eficaz a ação motora podem ser, sem pressão temporal, tarefas consideravelmente simples. Mas fazer tudo isso em curto espaço de tempo torna-se muito complexo. Pois, se todo este processo, que é perceptivo, decisório e motor, não se der em tempo útil (entende-se aqui que deve ocorrer antes de os adversários conseguirem responder com êxito a ele, por isso falamos em antecipar-se), dificilmente funcionará de modo eficiente. E os jogadores principiantes selecionam na maior parte das vezes, soluções *à priori*, privando-se de possibilidades de adaptar-se ao que pede a situação. Assim, considera-se muito importante a capacidade de saber, a tempo, que informações o jogador deve coletar e tratar. Pode-se afirmar então, conforme fez Garganta (2004, p. 223) que “os melhores jogadores distinguem-se dos outros não somente pela justeza das decisões tomadas durante o confronto, mas também pela velocidade com que estas decisões são tomadas”.

Afinal, não pretendemos formar atletas e jogadores que não consigam realizar bem e, em tempo hábil, suas tarefas dentro do terreno de jogo. Mas também não pretendemos limita-los a dominar somente isso. Queremos jogadores inteligentes e, sobretudo, seres humanos inteligentes, que realizem bem suas ações não somente em jogo.

Para estudar a inteligência humana no processo de jogar uma modalidade esportiva coletiva precisamos compreender e procurar analisar um processo que é dinâmico. Por isso, “conhecer as leis do movimento da coisa, (...) ou a coisa em movimento” (KOSIK, 2002, p.34). Reitero; o jogo tem sua lógica interna e se passa em alta velocidade, de maneira aberta e complexa. Assim, o ‘saber-fazer’ é determinante.

Por isto, afirma Laguna (2006)<sup>25</sup> que muitos admiram os jogadores que sabem ler a partida, mas valorizamos muito mais os jogadores que escrevem a partida! Os que escrevem agiram antes, obrigando os demais a atuar no cenário que eles criaram, e nas circunstâncias que eles impuseram. Deste modo, buscamos formar jogadores que saibam não somente ler o jogo, mas sim escrevê-lo e reescrevê-lo. Que sejam criativos, que inventem novos jogos dentro da realidade que o jogo impõe. Está claro que para saber ler e escrever é preciso ensinar e aprender o abecedário. Mas podemos alfabetizar com as cartilhas do *b-a bá* ou de outras formas, em que o componente criativo já esteja incorporado no processo. Mas, sobretudo, é preciso conhecer grandes textos para chegar a escrever bem. Ninguém vai escrever uma obra prima sem saber o básico das letras (salvo raras e maravilhosas exceções), sem conhecer o que já foi criado de universal e marcante na história da literatura.

Aqui cabe a defesa mais uma vez de que devemos ensinar a teoria do jogo aos jogadores. Desde cedo, que joguem com intencionalidade e pensando o jogo. Na música, teoria musical e aprender a ler as partituras são parte importante da formação do jovem músico. Por que para formar o jovem atleta não o é? Isto ajuda inclusive no processo de identificar uma melodia

---

<sup>25</sup> Fazemos referência aqui a outro texto apresentado por ele no Curso de Treinadores promovido pela Federação Espanhola de Handebol, também não publicado ainda: *Jugar y Hacer Jugar: La Formacion de Jugadores para el ataque posicional* (2006).

ou um arranjo ‘de ouvido’, no processo de escutar rapidamente, pois ao identificar, o tratamento da informação ganha outra marca, outra qualidade <sup>26</sup>.

Muitos casos podem ser citados aqui como defesa desta tese, da teoria do jogo, de ensinar sobre a lógica do jogo aos que vão jogar, mas vou rapidamente pontuar três. René Simões, treinador de futebol, dava aulas de tática individual e de grupos antes das sessões de treinamento com a seleção brasileira feminina<sup>27</sup>; o caso do treinador de handebol da França, Claude Onesta, que consegue discutir com os atletas sobre objetivos e avaliações, do que fazer, de como melhorar certo aspecto do seu time; e por fim, o caso dos tempos técnicos (os *time-outs* - e muitas vezes nas instruções e conversas sobre o jogo isso também se manifesta), onde muitas vezes as orientações são rasas e imediatas por parte de alguns treinadores e vemos treinadores que conseguem trabalhar com seus atletas a partir de conceitos, que são mais complexos e generalizáveis, portanto facilitam para o jogador transportar para as principais exigências do jogo, e não somente aplicar em uma ou outra situação podendo até incorrer em erros por não ter claro qual avaliação e qual objetivo por trás da informação.

Almejamos tudo isto, sem perder de vista nosso objetivo nesse processo, que é o da criação. Não podemos deixar de ter em mente que o que queremos também é aflorar o processo criativo do atleta. Queremos jogadores poetas, literatos do jogo, que consigam isso e também acompanhem em tempo hábil o improvisado dos demais. Não queremos pensadores lentos. Queremos atletas inteligentes. Penso que devemos formar atletas que componham suas músicas, com letra e melodia, seus arranjos e seus improvisos, que juntem teoria e prática.

Para chegar a uma seleção da resposta final, é preciso recorrer ao raciocínio, e isso implica ter em mente uma grande quantidade de fatos e de resultados correspondentes a ações hipotéticas e confrontá-los com os objetivos intermédios e finais, requerendo todos eles um método, uma espécie de plano de jogo escolhido entre os diversos planos que ensaiamos no passado em inúmeras ocasiões (DAMÁSIO, 2010, p. 199).

---

<sup>26</sup> Isto difere, em linhas gerais, a inteligência da expertise: a possibilidade de ultrapassar o limite da especialização, que o domínio do conhecimento não seja delimitado.

<sup>27</sup> KNIJNIK, J. D. Visions of Gender Justice: Untested Feasibility on the Football Fields of Brazil. *Journal of Sport and Social Issues*. September, 2012.

Essa afirmação nos elucida a importância do treinamento e do papel do treinador como coordenador deste processo. É no processo de treinamento e nas experiências coletadas nos jogos, que o atleta organiza esse método, que deveria corresponder à lógica interna do jogo e seu estilo próprio de jogo; derivando daí os diversos planos possíveis, donde selecionará o que deverá ser utilizado em cada situação. Devemos ressaltar que a clareza do objetivo final/principal, seu diálogo com os objetivos intermédios e o método que organiza a lógica interna do jogo e permite ao jogador estabelecer seu próprio estilo de jogo, com seu perfil de seleção nos processos de tomada de decisão que o jogo impõe, são, todos estes, trabalhos que o treinador deve coordenar.

Esta ideia também nos evidencia que, devido à grande quantidade de possibilidades de fatos e consequências hipotéticas derivadas de cada decisão a ser tomada, o jogador deve se preparar previamente para tal processo. Antever estes possíveis cenários, estas possibilidades de acontecimentos, diferencia o jogador que terá mais êxito. Pois “decidir bem implica também decidir de forma expedita, especialmente quando está em jogo o fator tempo” (DAMÁSIO, 2010, p. 201). Afinal, nesta questão, saber lidar com a pressão temporal é fundamental.

Deste modo, vemos a real integração de duas criações da humanidade que contaminam de maneira positiva o esporte, arte e ciência. “O cientista criador tem muito em comum com o artista e o poeta. O pensamento lógico e a capacidade analítica são atributos necessários a um cientista, mas estão longe de ser suficientes para o trabalho criativo” (SZILARD<sup>28</sup>; In: DAMÁSIO, 2010, p. 222). Isto, pois “a criatividade se assenta numa ‘fusão da intuição e da razão’”, afirma Damásio, citando Salk<sup>29</sup>.

Sobre a integração dos sistemas neurais nos processos de criatividade humano, Damásio afirma: “Quando presenciamos sinais de criatividade nos seres humanos contemporâneos, estamos provavelmente testemunhando o funcionamento integrado de diversas combinações desses dispositivos” (2010, p. 224).

---

<sup>28</sup> SZILARD, L. *Genious in shadows*. Nova Iorque: Charles Scribner’s Sons, 1992.

<sup>29</sup> SALK, J. *The anatomy of reality*. Nova Iorque: Praeger, 1985.

Como afirma Damásio, “sem o revolucionário surgimento da subjetividade, não existiria o conhecimento e não haveria ninguém para notar isso” (2011, p. 17).

Por isso afirmamos que só um jogador inteligente pode jogar, de maneira criativa e autônoma, handebol (e as demais MEC i). Suas ações são dependentes das suas tomadas de decisão, que são determinadas pelas situações do jogo que vão sendo colocadas. Jogar deve ser entendido então como uma atividade humana que pode ser libertadora se criativa; no infinito processo de humanização do ser humano.

Trataremos no próximo capítulo mais especificamente do handebol, seus princípios e fases, na perspectiva de compreendermos os aspectos a levar em conta na formação de jogadores inteligentes.

## 4. PRINCÍPIOS DO JOGO DE HANDEBOL

Eu quero ensinar e aprender  
Eu só quero aprender para ensinar! (A Humanidade, Aloísio Machado e a Velha Guarda do Império Serrano, 2006).

Segundo Magnane (1969), aquele que tomou algo como meio e este lhe virou fim, perdeu-se no meio do caminho e alienou-se no processo. Com o entendimento que o objetivo do jogo de handebol é ter feito mais gols que o adversário no final da partida (obviamente que de acordo com a conduta ética), elaborar e reelaborar estratégias, como meio (se colocam aqui os sistemas de jogo, a tática coletiva, tática de grupos, tática individual e as técnicas) para atingirmos o objetivo final deve ser o imperioso do jogo. Neste contexto, as estratégias admitem sua faceta tática, ou seja, correm no sentido da busca pelo objetivo e são altamente circunstanciais. Afinal, até mesmo uma dada estratégia é mera tática, dependendo da escala com que se analisa.

Buscamos, neste capítulo, organizar, de forma coerente com o que traçamos até aqui como concepção do jogo de handebol, na busca por formar jogadores inteligentes. Não se trata, somente, da organização dos conteúdos, mas também de buscar olhar de forma estratégica-tática para um jogo que é complexo, dinâmico e cada vez mais veloz. Para tal, as técnicas e os meios táticos, as regras e os sistemas de jogo defensivo, que normalmente orientam o modo de estudar a modalidade (assim como as demais MEC i), devem ser vistos no diálogo com os princípios gerais do jogo, as fases e ciclos do jogo, com seus princípios específicos, e as situações que estão colocadas.

Conforme tratado nos capítulos anteriores, os Princípios do Jogo são entendidos como conhecimento teórico, que sintetiza e ultrapassa os limites da situação dada (MAHLO, 1980). Devem ser mediadores da percepção, análise e síntese (e consequentes ações) do jogo. Afinal, buscam descobrir o véu que recobre o jogo: como entendê-lo e organizá-lo em termos de objetivos, situações, estratégias, etc. Assim, devem ajudar a superar a aparência do jogo, apreendendo sua complexa realidade, superando as formas de jogar mecanizadas, mas também as anárquicas.

Deste modo, o jogo é pura disputa de intenções, de objetivos. Segundo Ribeiro (2003, p. 3), “para jogar corretamente é necessário compreender, para compreender é necessário saber, para compreender e saber é necessário definir princípios do jogo”. Os princípios possibilitam a solução das contradições dinâmicas do jogo segundo uma grande capacidade perceptiva nas tomadas de decisões<sup>30</sup> (inteligência). A partir dessa avaliação e decisão (orientada pelos princípios), se age de forma mais adequada (dentre uma múltipla gama de respostas possíveis). Os Princípios do Jogo, portanto, orientam as decisões e comportamentos tático-técnicos dos jogadores, que agem sobre a realidade do jogo. Além de permitir uma compreensão comum e organizar a comunicação entre os jogadores (BAYER, 1986). Não buscamos que os jogadores tenham uma grande quantidade de conhecimento, mas sim que as informações sejam estruturadas de forma lógica (LAGUNA, 2011), de acordo com a lógica interna do jogo.

Segundo Mahlo (1980, p. 84)

[...] uma correta organização das situações de jogo deve visar que tais problemas sejam percebidos e compreendidos (sintetizados) em seus aspectos gerais [...] o facto de resolver problemas implica a maior parte das vezes conhecimentos teóricos cujo conteúdo generalizado ultrapassa de longe os limites da situação imediata dada.

Laguna (2002), assim como Ribeiro (2003), diferenciam quais são, para eles, os princípios gerais e específicos do jogo de handebol. Os Princípios Gerais do Jogo dizem respeito ao que está presente em todo momento do jogo e, em geral, são comuns às demais MEC i: Busca por Superioridade Numérica, Continuidade, Descontinuidade, Profundidade, Largura (Amplitude), Antecipação, Entre ajuda. Os Princípios Específicos por sua vez estão organizados pelas fases do jogo: **Ataque** (Contra Ataque, Ataque Rápido, Ataque Organizado - ou Posicionado) e **Defesa** (Recuperação Defensiva, Zona Defensiva Temporária, Defesa Organizada – ou Posicionada).

Sobre o princípio de superioridade numérica, vale ressaltar que alguns autores, entre eles Santana (2008), defendem que o princípio da Superioridade não é só Superioridade numérica; é também psicológica e posicional. A Superioridade posicional seria quando o adversário se posiciona em território que não lhe é favorável, por exemplo, longe da meta ou com

---

<sup>30</sup> Essa capacidade de tomada de decisões é uma grande condicionante no rendimento esportivo (GRECO, 1995).

menos ângulo de arremesso. A superioridade psicológica se daria quando, após uma série de insucessos, o adversário mudasse o sistema de jogo defensivo ou mesmo a estratégia de jogo. Sendo assim, o princípio Superioridade abarcaria três dimensões, numérica, posicional e/ou psicológica. Buscamos sempre as três no jogo. Muito embora, a numérica, para nós, é a chave de análise do jogo. Explicaremos porque mais adiante.

Sendo assim, as situações de jogo são determinantes para o entendimento e a aplicação dos princípios. Sendo os princípios a tradução de nossos objetivos em quadra (eles explicitam a estrutura do jogo), estes ‘planos’ previamente traçados orientam as decisões a serem tomadas. Ao se deparar com determinada situação, por mais imprevisível e diferenciada que esta possa vir a ser, ela pode ser organizada, do ponto de vista da vivência, pela fase e ciclo do jogo que ocorre, e de acordo com as orientações que os princípios nos dão.

Contudo, as situações que ocorrem são circunstanciais, e interferem nos objetivos colocados a priori. E o inverso é verdadeiro, sendo que o entendimento dos princípios do jogo é determinante para solucionarmos as situações do jogo, já que traduzem com clareza com que objetivo se vivenciará cada situação de cada fase do jogo. É deste modo que relacionamos os objetivos e as estratégias: os objetivos podem ser expressos em princípios; as estratégias são circunstanciais. Assim, “as situações reduzidas de jogo reúnem características essenciais da unidade do jogo” (COSTA; GARGANTA; GRECO; MESQUITA, 2009, p.41). Por fim, conforme Bayer (1986) escreveu, são mais que regras de ação, são a centralidade da comunicação entre os que jogam: a linguagem do jogo. Trataremos de apresentar os princípios do jogo de ataque no quadro 5 e os princípios do jogo de defesa no quadro 6.



**QUADRO 5**  
**PRINCÍPIOS DO JOGO DE ATAQUE**

FASE DO JOGO (objetivo)	PRINCÍPIOS DO JOGO
<u>Contra-Ataque</u> (na iminência de recuperar a bola, buscar o gol rapidamente – Contra Ataque direto e Contra Ataque sustentado – se desfaz na transição para o ataque posicionado).	Limitação do tempo da posse de bola; limitação do drible; limitação de passes em salto*; limitação das ações em grupo*; passes e recepção em movimento; passes rápidos em diagonal *; garantia de apoios para o portador da bola; finalização nas zonas de maior eficácia.
<u>Ataque Rápido</u> (transição do CA para o Ataque Organizado).	Limitação do tempo da posse de bola; apoios para o portador da bola; limitação do drible; inversões de sentido (quebras, jogo largo para depois ganhar ângulo...).
<u>Ataque Posicionado/ Organizado</u> (buscar arremessar em melhores condições para fazer o gol, dura até perder a posse de bola- pode ser estruturado em Jogo Livre, Jogo Dirigido e Jogo Pré-Fabricado).	Se afastar dos defensores (jogar perto do objetivo - o gol - e longe dos defensores); recepção da bola em progressão (em direção do gol, com o pé/tronco/olhar direcionado ao gol); atacar o gol (não o colega, nem o adversário); limitação do drible; recuperar (após atacar o gol); reequilíbrio da ocupação racional do espaço; mudanças de ritmo.

Fonte: Adaptado RIBEIRO, 2003, p. 6.

**QUADRO 6**  
**PRINCÍPIOS DO JOGO DE DEFESA**

FASE DO JOGO (objetivo)	PRINCÍPIOS DO JOGO
<u>Retorno Defensivo</u> (impossibilitar ou dificultar o contra-ataque; se posicionar para defender de acordo com seu sistema defensivo).	Proteção da meta; recuperação da bola; pressionar o portador da bola; evitar a inferioridade numérica
<u>Zona Defensiva Temporária</u> (transição do Retorno Defensivo para a Defesa Organizada).	Encurtar espaços inter-defensivos (entre os defensores), sem comprometer a amplitude da ação defensiva; evitar a inferioridade numérica.
<u>Defesa Posicionada/ Organizada</u> (por zona, mista ou individual: buscar não tomar o gol - impossibilitar o arremesso ou permiti-lo nas piores condições possíveis - e recuperar a posse de bola).	Recuperação da bola (e não somente torcer para que o ataque erre = Filosofia de Defesa); pressionar o portador da bola; encurtar os espaços inter-defensivos; assegurar os “triângulos defensivos”.

Fonte: Adaptado RIBEIRO, 2003, p. 6.

Nos quadros 5 e 6 estão expressos os princípios por cada uma das fases, ou ciclos, do jogo. Junto disso, os objetivos que definem aquela determinada fase. São três fases na defesa e três fases no ataque. Cada uma delas tem seus princípios específicos, de modo que alguns se mantem em todo ciclo do jogo (defesa ou ataque) e outros são restritos a aquela fase daquele ciclo. Vale lembrar que colocamos asteriscos na frente de alguns princípios que para alguns treinadores são questionáveis, enquanto princípios. Ou são princípios que variam de acordo com sua concepção de jogo; por exemplo, a limitação dos passes em salto (suspensão) no contra-ataque. Isto se justifica por um lado, na busca de ganho de tempo, e por outro, na ideia de quando se salta, vai chegar a hora da aterrissagem, de modo a possibilitar para a defesa, o momento certo a tirar as opções de passe e buscar a recuperação da bola. Contudo, outros treinadores acreditam que os passes em salto no contra-ataque podem acelerar, em determinados momentos (situações) o transporte da bola, pois possibilitam criar uma nova linha de passe, por cima dos adversários. Além do fato que, se treinados, os companheiros de time podem saber que,

após qualquer salto do portador de bola na fase do ataque, deve haver desmarques dos demais companheiros, a fim de que aumente a liberdade do atacante com bola jogar e utilizar-se de ações comuns ao jogo (inclusive fixando melhor a atenção dos adversários no salto), sem comprometer a manutenção coletiva da posse de bola.

Sendo assim, onde pusemos asteriscos, há certa margem de discussão, se de fato, são princípios do jogo ou são, na verdade, um certo entendimento do jogo, que pode variar entre diferentes treinadores, mesmo que todos tenham a mesma concepção estratégico-tática do jogo. Os princípios devem, portanto, ajudar a transformar o saber em *saber-fazer*; em *saber-agir*<sup>31</sup>.

#### 4.1 Defesa

Para o técnico da seleção feminina brasileira de handebol nos Jogos Olímpicos de Pequim - 2008, Juan Oliver Coronado<sup>32</sup>, os objetivos defensivos são cinco, segundo a hierarquia de prioridades, englobando essas três fases da Defesa: 1-Evitar o gol, 2-Recuperar a bola, 3-Evitar a progressão da equipe adversária às zonas de perigo de gol, 4-Forçar que, ao arremessar, esteja nas piores condições possíveis, 5-Trabalho do Goleiro. Sempre tendo em vista que, de acordo com as situações do jogo, os objetivos podem ter suas ordens prioritárias trocadas, de modo que, por exemplo, em uma situação de derrota, estando com dois jogadores a mais em quadra e com pouco tempo restando, pode-se objetivar inverter o primeiro princípio com o segundo, sendo mais importante tentar recuperar logo a posse de bola que simplesmente buscar não tomar gol.

Do ponto de vista defensivo, os jogadores também devem saber em poucos segundos ou em milissegundos, o que sucede, qual é a situação que está dada, que informações são mais relevantes (RIVILLA; LORENZO; FERRO; SAMPEDRO, 2011; SIMÕES, 2002). Deste modo, a dissuasão é uma ferramenta fundamental no jogo defensivo. Dissuadir é antecipar:

---

<sup>31</sup> Argumento defendido na revista *Approches du handball*, num. 13 – La Revue de la Direction Technique Nationale, publicada pela Fédération Française de Handball, jan. 1993

<sup>32</sup> Informação obtida em palestra ministrada no Curso para treinadores de Handebol de alto rendimento da Federação Paulista de Handebol, em novembro de 2006, São Paulo.

é antecipar as intenções/objetivos e táticas/estratégias do adversário. Dissuadir é tentar impedi-lo de atingir suas intenções ou pelo menos deixá-lo em dúvida se vai conseguir fazer o que faria para atingir tal objetivo. Segundo Herrero (2003)<sup>33</sup>, um bom defensor nas etapas de iniciação é o que dissuade bem. Concordamos com esta afirmação, pois saber disputar objetivos com o ataque e colocá-lo em dúvida se conseguirá lograr êxito é o fundamental do trabalho defensivo. Marcar, para Laguna (2006), é a atividade que tem por objetivo evitar que o oponente logre seus objetivos.

Tais estratégias de antecipação<sup>34</sup> são a característica mais marcante da atual concepção de defesa (HIANK, 2011), ou seja, não apenas reagir, mas sim pressionar e submeter o jogo de ataque a suas aspirações. A concepção defensiva atual difere em muito da concepção do que era defender tempos atrás. Hoje, pensa-se em defesa não como a fase que espera pelo que o ataque vai fazer, quase que torcendo, para o erro do adversário. Com a evolução do jogo de ataque, o jogo de defesa foi também evoluindo, perdendo em grande medida este caráter reativo e passivo, e adquirindo uma faceta mais antecipatória. A ideia é se antecipar as ações do ataque, impossibilitando-as. Se o ataque pretende se organizar, por que é que a defesa deve deixá-lo? Se o ataque pretende se consolidar com a troca de passes e a manutenção da posse de bola, por que assistir a isso passivamente? Por que não se antecipar a uma possível situação de gol, tentando roubar a bola e recuperar a posse de bola ou forçar o erro ou a precipitação por parte do ataque desde a origem?

Perguntas como estas que explicam as defesas cada vez mais agressivas e profundas, mesmo com sistemas defensivos tidos como fechados. Um exemplo é o sistema defensivo 6:0, tido como o mais fechado dos sistemas zonais de defesa. Muito embora as trocas e seu funcionamento padrão sejam orientados pela lógica do sistema 6:0, de uma só linha, a prática

---

<sup>33</sup> HERRERO, J. A. G. Alternativas de funcionamiento táctico colectivo en el mismo sistema defensivo. Artigo que tem sua origem na palestra ministrada na Real Federação Espanhola de Handebol, em julho de 2003 (Comunicação Técnica num. 218).

<sup>34</sup> A autonomia criativa do jogador é conquistada quando ele pode apropriar-se das situações do jogo de modo independente (FRADET, J. Compte rendu des travaux de colque CTF de la zone sud-ouest. Revista Aproches du Handball, n. 77, p. 35-40, out. 2003.; FRADET, J. Um outil pour évaluer les effects attendus de la formacion, Revista Aproches du Handball, n. 82, p. 17-9, agosto 2004.).

é de diferentes linhas de acordo com a situação e o objetivo, às vezes mais profundas e desenhadas que as de um sistema aberto como o 3:3.

Conforme já afirmamos anteriormente, um dos problemas chave da forma de entender a modalidade é oriundo da tradição analítica. Ao pensar a realidade de forma estanque (KOSIK, 2002), olha-se para o jogo e os sistemas como fotografias, que devem se comportar linearmente e quase que asépticamente, sem movimento, portanto, e sem autonomia dos pequenos grupos dentro do todo coletivo. Por isto se analisa que, em uma dada situação que um jogador tenta dissuadir ou roubar a bola, ele sai momentaneamente do seu posto específico inicial do sistema, desfigurando momentaneamente o sistema defensivo. Contraditoriamente, isto não desfigura a estrutura do sistema de defesa, isto configura a defesa!

A autonomia tática individual (também da dupla, do trio e do quarteto) é muito maior do que a restrição que um dado sistema defensivo pode trazer. Muito embora, essa maior liberdade ocorra com a devida responsabilidade com o sistema coletivo, com a clareza dos objetivos, a leitura e criação nas situações.

Os goleiros também têm cada vez mais se utilizado destas estratégias antecipatórias, seja nas ações de defesa, seja nas ações de contra-ataque (DAVILA; ROJAS; ORTEGA; CAMPOS; PAREGA, 2011; MOREIRA; TAVARES, 2004). Com o aumento da velocidade do jogo e das técnicas de arremesso que enganam taticamente o goleiro, reagir à trajetória da bola sem se antecipar é cada vez mais difícil. Usa-se cada vez mais o estudo do sistema de preferências dos arremessadores, o chamado trabalho de *scouting*. Sendo assim, o proceder dos goleiros passa por três momentos: o de preparar-se para a defesa, deslocando e se posicionando com certa atitude pré-defesa; um segundo momento de antecipação, que realiza-se na ação de defesa; e um terceiro momento que é a correção, ou seja, a retificação do trabalho de defesa feito de forma antecipada e que não necessariamente teve perfeição na leitura ou na exatidão da trajetória da bola. Assim, os goleiros trabalham cada vez mais com a inteligência na criação de formas de defender as bolas arremessadas e de enfrentar o duelo com os atacantes. Por

isto que os melhores goleiros do mundo tem sido os que contam com elevada experiência, muitas vezes perto dos quarenta anos de idade e com pelo menos vinte anos de prática<sup>35</sup>.

A transição defensiva tem sido cada vez mais enfatizada no jogo. Com o aumento da velocidade do jogo, os contra-ataques, os ataques rápidos e tiros de saída rápidos (após o gol a regra permite dar a saída de bola no centro da quadra sem ter que esperar os adversários retornarem) ocupam boa parte do jogo de ataque, de modo que ter o retorno defensivo e a zona defensiva temporária bem treinados, são altamente necessárias para poder jogar o jogo nos dias de hoje. Estratégias antecipatórias são criadas para retornar de forma equilibrada para sua quadra de defesa, sem perder o combate ao adversário já na quadra de ataque, utilizando-se da ocupação dos espaços a fim de evitar a progressão com passes e com passos (muitas faltas de ataque são ganhas nesses momentos) dos adversários.

## 4.2 Ataque

De acordo com Anton García (1988) e Bayer (1986), os Objetivos do Ataque são manter a posse de bola, garantir a progressão da bola (e dos jogadores) até a baliza contrária e fazer o gol. Deste modo, o ataque deve construir ações ofensivas, ou seja, criar a melhor situação de finalização possível (o mais perto do gol e com melhor ângulo possível) e selecionar a finalização para o gol.

Para entender a evolução, ao longo dos anos, da estrutura, organização e desenvolvimento do jogo de ataque no handebol, o melhor é nos orientarmos para o alto-nível (ROMÁN SECO, 2002<sup>36</sup>).

Segundo Román Seco (2002), os balcânicos (como a antiga Tchecoslováquia) já jogavam por princípios e mantendo os postos específicos em plena década de 1970. Já as

---

<sup>35</sup> Um exemplo disto é Jose Hombrados, goleiro da Espanha, que joga em alto nível com 41 anos (em 2013). Informação obtida no sítio da Federação Internacional de Handebol. - [www.ihf.info](http://www.ihf.info)

<sup>36</sup> ROMÁN SECO, J. DE D. La estructuración del juego de ataque en el balonmano de alto nivel. Texto da palestra realizada no II Congresso Nacional de Técnicos de Handebol, Espanha, novembro de 2002.

seleções da Romênia, Espanha e União Soviética (URSS) tinham o comando do armador central, cumprindo o papel de treinador dentro de quadra.

Com o desenvolvimento do handebol, surgiu a exigência de formar jogadores que sabiam jogar não só segundo seus próprios postos específicos (posições) e contra somente seu par defensivo. Esta mudança marcou um diferencial na concepção de tratar o jogo. O 1x1 não seria a unidade básica do jogo. Jogadores mais criativos e mais universais ganharam espaço com a filosofia polonesa do jogo de handebol: atacar o espaço entre defensores e criar superioridade de 2x1. O engajamento, meio tático ofensivo (GARCÍA, 1988) que perdeu sua essência no handebol brasileiro com o passar do tempo, mas é conhecido também como ‘penetrações sucessivas’; tinha por objetivo este ataque no espaço entre defensores e como consequência produzir condição de arremesso de um contra o goleiro ou criar esta superioridade de 2x1. Já que o jogo é ganho por quem faz mais gols que o adversário, fazer gols é determinante. O jeito mais fácil de fazer gol é com a mínima oposição do adversário possível, sendo esta reduzida ao goleiro. Por isto o contra ataque é a primeira tentativa ofensiva de buscar o gol, pois trata da ideia de chegar tão rapidamente as proximidades da meta adversária que não dá tempo ao adversário de se antepor – ficar entre os atacantes e sua meta, a baliza. Assim, consegue-se um arremesso realizado ‘somente’ contra a oposição do goleiro. Logo, o 1x Goleiro assume o caráter de meio mais simples de realizar o gol, principalmente se realizado com proximidade da meta e com angulação favorável.

Como não é possível somente contra-atacar, pois o adversário por vezes logrará êxitos em seus ciclos defensivos, é necessário nas fases ofensivas buscar esta superioridade básica, de 1x goleiro. Deste modo, o 2x1 é a unidade celular desta busca, pois dela deriva o fundamental 1x goleiro. Os poloneses organizaram, portanto, um conhecer do jogo baseado nesta ideia – ocupar um espaço entre dois defensores gera o 2x1 tão almejado. Esta é a noção básica do jogo de engajamento.

Neste contexto, ganham espaço também as variações técnicas em função do conceito tático: os arremessos na passada, com o pé do braço dominante apoiado e com apenas um passo - para ser realizado em tempo, rapidamente, antes do espaço entre dois defensores ser ocupado. A antiga Iugoslávia contribuiu para superar a ideia de arremessadores especializados na

primeira linha ofensiva. A tentativa era buscar jogadores universais na armação, que pudessem jogar nas três posições da primeira linha de ataque. Na década de 1990, o modo sueco de jogar em largura, com a utilização de todos os espaços próximos ao gol adversário, construiu também uma exigência de muito jogo sem a bola, desmarques, excelência nos passes, poucos erros (principalmente os que se dão sem finalização, conhecido como *turnovers* ou perda da posse de bola); portanto, um jogo mais eficaz (ROMÁN SECO, 2002).

Na década de 2000, o jogo fica mais rápido. Os contra ataques são responsáveis por 30% dos gols das equipes, com nítido aumento dos contra ataques sustentados e dos ataques rápidos, que são híbridos de jogo em grande espaço e em espaço reduzido (MOREIRA, TAVARES, 2004). O jogo também fica mais potente e veloz no ataque posicionado. O modo de jogo a partir de desdobramentos, ou seja, com transformações dos sistemas de ataque - do 3:3 ao 2:4, com apenas dois armadores e quatro jogadores na segunda linha ofensiva - (MENEZES, 2011), contribui para isto. Isto pede jogadores mais versáteis, que possam jogar como armador e pivô, ponta e pivô ou armador e ponta. Tudo muito influenciado pela mudança de concepção defensiva (menos passiva e esperando pelo ataque adversário e mais agressiva), no intuito de ganhar espaço (principalmente profundidade), afastar os atacantes de sua meta e impedir o ataque de atacar.

Segundo Ribeiro (2003), o jogo no ataque pode ser organizado em três diferentes formas jogadas: o jogo pré-fabricado, o jogo dirigido e o jogo livre.

O jogo pré-fabricado se pauta pelas *jogadas*, que de acordo com Ribeiro (2003), além de mecanizadas, geram a incapacidade de ler o jogo e trazem comportamentos pré-estereotipados. O jogo pré-fabricado não deve ser utilizado em mais que 2 ou 3 situações do jogo, segundo Ribeiro (2003). Uma concepção moderna do jogo pede a utilização desse tipo de organização do ataque somente em situações especiais – por exemplo, no caso de jogo passivo (ANTON GARCÍA, 1988).

O jogo dirigido busca analisar as forças do ataque e da defesa e propor (dirigir) uma estrutura de jogo coletivo que orienta as ações ofensivas grupais e individuais. Baseia-se na análise da realidade do jogo, na abstração e elaboração de planos estratégicos de acordo com as



situações. Esta é a forma jogada mais utilizada no handebol mundial de alto nível na atualidade (ROMÁN SECO, 2002).

O jogo livre é recomendado para equipes nas etapas de iniciação e formação (RIBEIRO, 2003), pois solicita uma grande qualidade tática individual. Esta exigência gera, portanto, os jogadores estrategistas que queremos, com alta capacidade tático-técnica. Os princípios devem ajudar neste processo de formação de jogadores-criadores, para que a leitura, as tomadas de decisão e a criatividade nas respostas às situações do jogo prevaleçam (GRECO; ROTH; CHORER, 2004).

De acordo com Knijnik (2009) e com nossa concepção de formação, tanto o jogo livre quanto o jogo dirigido - em ambos a análise de jogo cumpre destacado papel - devem nortear as formas jogadas do handebol deste século XXI.

Deste modo, devemos ser críticos, no sentido de refletir sobre o jogo sempre. Buscamos formar jogadores perigosos<sup>37</sup>, que levem perigo aos adversários: no ataque, o perigo é fazer gol! E quando não puderem fazer o gol, que ponham outro em condição de fazê-lo, dando a assistência. Na metáfora bélica utilizada por Laguna (2006)<sup>38</sup>; os treinadores são generais e produtores de armas: devem formar jogadores que sejam generais também dentro da quadra – para nós, estrategistas. E que sejam armas perigosas para o adversário. Ser perigoso significa poder fazer gol sem que se tenha que ter condições muito favoráveis; muitas vezes em situações claramente difíceis. Criar as condições quando estas não estão dadas!

Assim, o jogador perigoso no ataque alia qualidade de arremesso à capacidade de conquistar por si mesmo circunstâncias de arremesso. Há, portanto, a ideia de surpresa, mas surpresa não só na variedade das ações, mas também o engano do adversário e a diminuição do tempo e dos gestos na execução, para não dar tempo aos adversários responderem à situação criada. Deste modo, Laguna (2006) explicita que o bom jogador deve iludir (ludibriar, enganar) o

---

<sup>37</sup> Saber se adaptar a instabilidade do jogo, nas circunstâncias do jogo, é perigoso em demasia para o adversário. Sobretudo, fazer isto com uma velocidade que permita antecipar os acontecimentos e condiciona-los e sua vontade. Este é a característica dos jogadores que se quer formar, segundo a Federação Francesa de Handebol (Revista *Approches du Handball. Special 11ème Ecole Française d'Entraîneurs -1ère partie. num. 76, Agosto de 2003*).

<sup>38</sup> LAGUNA, M. Jugar y Hacer jugar: La Formacion de Jugadores para el ataque posicional. Curso de Treinadores da Real Federação Espanhola de Handebol. Madrid, 2006.

máximo sua oposição, seus adversários. Lutar pelos espaços, se posicionar bem, no caso do atacante, próximo do gol e longe dos defensores, simultaneamente. Portanto, há uma luta por condições de arremesso (por parte do ataque). Assim, precisamos de jogadores com uma alta capacidade de conquistar espaços antes de receber a bola: desmarque e jogo sem a bola. Isto não passa de uma das aplicações ofensivas da noção de antecipação, um dos princípios gerais do jogo.

Tanto o desmarque quanto todas as ações de jogar sem a bola nos remetem ao argumento do 2x1 como unidade celular do jogo. Como afirma Laguna, (2006) ‘o desmarque é o recurso básico e primeiro de qualquer modalidade coletiva de invasão!’. Disto deriva a noção da estrutura do 2x1 como unidade base (celular) do jogo. A ocupação de um espaço entre defensores na igualdade 2x2 cria este 2x1. Esta ocupação de espaço feita sem a bola é o desmarque. Nisto se diferem a finta, estrutura base do antigo jogo baseado no 1x1, feito com a bola; do desmarque e do jogo de ganhar do adversário antecipadamente, antes de receber a bola (jogo sem bola), transformar a igualdade em superioridade por antecipação. Ao invés de receber a bola atacando o marcador (e o ajudando em sua tarefa de defensor, pois este ganha tempo, descanso e sabe que terá a chance de efetuar a marcação); ataca-se um espaço livre, entre marcadores, antes mesmo da bola chegar às suas mãos, de modo que os defensores tem menos tempo pra reagir e mais espaço pra deslocar na tentativa de se opor a ofensiva.

Por isto, devemos formar jogadores universais, que fintem, arremessem, penetrem, joguem com e sem bola (senão teremos apenas um atacante por vez no jogo de ataque); sobretudo, criem para si e para os demais (LAGUNA, 2006). Que possam fazer perigosos os companheiros, através da *argamassa* do jogo coletivo de ataque no handebol. Segundo Laguna (2006), são as bases do jogo coletivo; o passe é a comunicação com outros atacantes e a fixação<sup>39</sup> é a comunicação com os defensores (LAGUNA, 2006).

Deve ficar claro aqui que vemos no jogo sempre uma hierarquia de objetivos. Como já enfatizamos, o objetivo primeiro do ataque é fazer o gol, e para isto se coloca demais

---

<sup>39</sup> Conforme afirma Menezes (2011), as fixações podem ser em profundidade e/ou em largura. Há atualmente a tendência à possibilidade de pensar o jogo de modo mais próximo à realidade, ou seja, com pelo menos três dimensões. A terceira dimensão neste caso – a altura – nos permite pensar em fixações também em altura, já bastante comum na prática do handebol. Para além, as possibilidades de combinar as fixações em altura e profundidade, altura e largura, e assim por diante.

objetivos secundários (estratégicos, no caso), como manter a posse de bola e progredir até zonas de eficácia de arremesso. Muito embora, em certas situações o principal objetivo é manter-se com a posse da bola. Há claramente uma inversão da hierarquia dos objetivos, isto sem que se perca a noção de que os objetivos estão hierarquicamente organizados no jogo. Entendemos, assim como Laguna (2006), que a fixação é um fracasso muito produtivo! Contraditório como a realidade. Tentar fazer o gol indo para algum espaço entre defensores e, ao ser marcado – o que significa um fracasso no seu primeiro objetivo imediato - gera pelo menos a fixação de um defensor (podem ser mais), que passa a possibilitar uma assistência para um colega fazer o gol. Assistência aqui entendido como passe que gera gol. Ao olharmos com a ótica do jogo de 1x1, fixar é um êxito apenas do defensor. Contraditório como a realidade, é um êxito do defensor e pode virar seu o contrário, um sucesso do atacante. Mas é aqui que está a intencionalidade do jogo coletivo – buscar suas ações, orientado pelos objetivos, sabendo que não se está sozinho. Tentar o gol e se for marcado, produzir fixação, ou seja, espaço, tempo e/ou superioridade para o jogo de ataque. Portanto, o passe vira assistência, e a ação individual agrega qualidade ao jogo coletivo (ALBA, 2002), gerando continuidade nas ações de ataque, respeitando, portanto, os princípios do jogo.

Laguna (2006) lembra que ‘tão importante quanto fixar fisicamente um defensor, é fixar a atenção de vários defensores’. E prossegue afirmando que a melhor fixação é a que cria muito perigo em pouco tempo, pois não dá tempo para o defensor pensar, nem agir. E cabe aos atacantes aproveitarem o perigo que criaram (analisar as informações da realidade) em pouco tempo, pois tudo muda rapidamente no jogo. Por isto, devemos treinar os jogadores não só a criar, mas a aproveitarem a criação. É, assim, fundamental ter claro que jogadores pretendemos formar para determinar que tipo de trabalho deve ser feito (HERRERO, 2004).

A transição ofensiva, como já afirmamos, ocupa grande parte do jogo de ataque hoje. Os contra ataques e ataques rápidos, e tiros de saída rápidos, já são responsáveis por mais de um terço dos gols de ataque. O tempo de ataque posicionado também caiu pela metade na última década, fazendo com o jogo ficasse mais dinâmico. Outro fator que deve ser lembrado é que, com a maior profundidade das defesas, os contra-ataques já estão preparados, ainda mais com essa concepção de roubar a bola ou forçar o erro do adversário sem permitir finalização. Temos também que levar em conta o aumento do número de jogadores que podem ser inscritos

no jogo – de 14 para 16; permitindo mais trocas e mais transição no jogo. Isso tudo faz com que a transição ofensiva ganhe um espaço destacado no jogo de handebol nos dias de hoje.

### **4.3 O papel do treinador na concepção estratégico-tática**

Já afirmamos diversas vezes que nossa concepção defende a técnica determinada pela tática, sendo por ela integrada (tática-técnica). A técnica não é o bandido da história, e não é por isto que criticamos o chamado tecnicismo. O tecnicismo tem a raiz de seus problemas no método científico que o embasa - analítico - e, portanto, trata da técnica não submetida à tática e às estratégias.

Saber fazer, inclusive com domínio das técnicas, historicamente evoluídas e conquistadas pela humanidade, como patrimônio cultural, é fundamental. Mas isto não pode, e nem deve, vir descolado dos motivos, nem dos tempos e histórico, deste trabalho técnico (SANTOS, 2008).

Por isto, a técnica vale não só como movimento para atingir seu objetivo, mas como ação que ilude, engana o adversário, esconde sua intenção e o deixa sem a real percepção da realidade. Reafirma seu caráter estratégico-tático! A técnica permite, por exemplo, ao atacante, dar somente a informação que o defensor já tem: o atacante quer fazer o gol. Mas permite também dar falsas informações, iludindo o adversário (SANTANA, 2008). Os gestos declaram intenções, algumas em detrimento de outras, e constituem uma linguagem (visual) entre os que jogam.

Segundo Laguna (2006), no jogo ‘para ser eficaz é preciso saber em grande medida, intuitivamente’. Trata-se da inteligência criativa, tácita (MARINA, 2009), quase que implícita na lógica de ver as coisas do mundo e do jogo por parte do jogador inteligente. A relação com o erro deve ser característica também nesse processo de formação dos jogadores inteligentes. Saber lidar com essa inteligência tácita, pois há processos inteligentes que são conscientes e há outros que são totalmente inconscientes (LAGUNA, 2011).

Segundo Graça e Mesquista (2002b), gerir o risco é a marca diferenciada do jogador genial. Seja ele homem ou mulher (MARCZINKA, 2011), a relação com o erro, ou o

risco na hora das tomadas de decisão, tem um perfil diferenciado nos jogadores e jogadoras que tem sucesso nas MEC i. Lidar bem com essa pressão pela decisão em situações com o tempo limitado, é marca destes *experts*.

Como vimos, a efetividade das ações coletivas deriva em grande medida deste alto grau na capacidade tático-técnica dos jogadores, seja na defesa seja no ataque (MULLER; GERT-STEIN; KONZAG; KONZAG, 1996).

Deste modo, talvez possamos admitir que, a principal tarefa do treinador é a de organizar os conhecimentos que existem sobre o jogo, no processo de jogar dos jogadores. Disto derivam o estudo, a análise, o planejamento e a periodização, as intervenções e as avaliações deste processo, norteados por uma filosofia de jogo, ou seja, pelo entendimento que o treinador tem da modalidade (NASH; SPROULE; HORTON, 2008; GARGANTA, 2009; ANTÓN; CHIROSA; ÁVILA; OLIVER; SOSA, 2000; PRUDENTE; GARGANTA; ANGUERA, 2004).

Mahlo afirma que “a capacidade para agir por si próprio e com bom conhecimento não se forma espontaneamente no jogo. O ensino desportivo, portanto, deve ter como objetivo desenvolver metodicamente o acto e o pensamento táticos” (1980, p. 161).

Pode-se jogar muitas vezes sem se ter o conhecimento estruturado da lógica do jogo (TAVARES; VELEIRINHO, 1999). Entender parte da lógica pode ser considerado fácil, entende-la como um todo e de forma coerente, isto é muito mais difícil. Para Mahlo (1980, p.84), “uma correta organização das situações de jogo deve visar que tais problemas sejam percebidos e compreendidos (sintetizados) em seus aspectos gerais [...] o facto de resolver problemas implica a maior parte das vezes conhecimentos teóricos cujo conteúdo generalizado ultrapassa de longe os limites da situação imediata dada”.

Considera-se, então, a responsabilidade do treinador no processo de ensino-aprendizagem. Em todas as áreas do saber existem pessoas autodidatas, mas estes são uma incipiente minoria, e se relacionam o conhecimento de forma pouco hierarquizada, sem saber que seria melhor ter conhecido isto antes daquilo, só percebendo isto depois de ter aprendido na sequencia que não seria a mais adequada. E mesmo assim, não quero aqui resumir a noção de sequencia pedagógica e nem de progressão de conteúdos. Não é disto (somente) que se trata.

Trata-se de elos entre os diversos pedaços do conhecimento. Sem o método e sem a lógica, os conhecimentos são *só* pedaços (BAUMAN, 2004).

Saber que jogo é ganho por quem faz mais gols que o adversário pode até ser amplamente conhecido pelos praticantes de handebol. Mas saber a relação da largura da quadra com o processo de continuidade no jogo de ataque não é algo facilmente apreendido sem as devidas mediações. O jogo, assim como a realidade, não é apreendido pelo ser humano de forma direta e sem mediações. Talvez, a metáfora do véu ajude a explicar: é como se a realidade, e no caso, o jogo, fossem recobertos por um véu. Sem descobrir o véu que recobre a realidade, não a enxergamos/entendemos bem. Por isto, temos mediações que facilitam este processo; de conhecer.

Como já afirmamos, a lógica interna do jogo não nos é facilmente apreendida pela experiência direta. A formação de conceitos é um processo que tem suas fases (NASCIMENTO, 2004). Poucos são os gênios que conseguem por si só realizar este processo.

*As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, ‘os órgãos da sua individualidade’, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de educação (LEONTIEV, 1978, p. 290, grifo do autor).*

O jogo só é jogado com sucesso – isto não significa apenas obter a vitória, e sim realizar com sucesso o ato de jogar um jogo - se a lógica do jogador se baseia na lógica do jogo. Portanto, esta organização racional do jogo, é exatamente sua afirmação estratégico-tática (SANTANA, 2008). Cada um de nós pode ter seu jeito e sua estrutura interna de predileções para tomar as decisões, tendo assim sua lógica interna no processo criativo de jogar. Mas se não considerarmos a lógica do jogo, não há criação que dê certo com razoável eficiência e eficácia (pode funcionar poucas vezes, como a exceção em relação à regra).

Um exemplo simples para ajudar a entender: uma situação em que o atacante tem superioridade numérica e prefere a igualdade numérica, facilitando assim a tarefa da defesa.

Muitos de nossos jogadores do handebol brasileiro, no ataque ‘preferem’ jogar 1x1 em superioridade ao invés de atacar o espaço entre dois defensores, e caso seja marcado, aproveitar a fixação e passar, realizando assim uma assistência para gol.

Muitos reclamam (treinadores, torcedores/os que assistem ao jogo, jogadores) que a maioria dos jogadores não entende o jogo, não sabem ler o jogo e muito menos escrevê-lo, criar o jogo conforme sua intencionalidade. Ora, aí esta o problema, não basta ter jogado, nem ter muito tempo de experiência prática para saber algo. Isto é fundamental, mas não basta para a maioria dos seres humanos. A vasta experiência adquirida sem as devidas mediações e sem a lógica e o método, são *só* os pedaços soltos de conhecimento de que tratou Bauman (2004), que podem nunca se juntar e nunca realizarem um todo com coerência interna, ficando assim submerso às situações em que foram adquiridas. Nessa hora isso deu certo- mas estava certo? Se forem feitas diversas vezes essas ações, terei quais resultados? Na maioria das vezes o que pode vir a acontecer? Foi acaso/sorte ou não? Só deu certo nessa situação e nessa circunstância ou dará certo na maior parte das vezes que esta situação se apresentar?

Assim, temos a ciência do esporte contra o empirismo – este aqui entendido como trata Kosik (2002), como o oposto a forma praxica, que se sustenta na ideia de mediar às experiências pelo pensamento, a luz da teoria, de não separar prática e teoria. O conhecimento do jogo empiricamente constituído tem limites, como o da tentativa e erro. Por isto os debatedores de futebol nos botecos e bares mundo afora compreendem o jogo de futebol (para citar a modalidade mais debatida em botecos, pelo menos no Brasil), mas compreendem com sérias limitações. Alguns torcedores até acompanham a maior parte dos jogos de seu time, conhecem os jogadores e os adversários, jogam futebol também nas *peladas*, mas tratam do jogo como algo que lhe foi mediado por empiria e por tentativa e erro (na maioria das vezes).

Com alguns de nossos jogadores de handebol, treinadores e os que assistem a modalidade, muitas vezes acontece algo parecido; incorrem em erros que podem ser o de generalizar o que não poderia/deveria ser generalizado; ou exatamente o contrário. Fazendo assim com que o sistema de preferências do sujeito desconsidere a lógica interna do jogo em muitas de suas decisões.

Que deve se saber jogar para jogar bem já nos é bastante conhecido há muito tempo. O que queremos defender aqui é que: deve-se saber o que é o jogo para jogar melhor, ou seja, conhecer e respeitar sua lógica interna (ao jogar) para assim poder criar sua forma de jogar. Esta seria a principal tarefa dos treinadores, ajudar os jogadores a conhecer e organizar seu conhecimento sobre o jogo, de forma coerente e lógica: dirigir este processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento (REVERDITO; SCAGLIA, 2007). Dominar a lógica interna do jogo, partindo dela para superá-la. Assim, o estilo de decisão do jogador deve prevalecer, e provavelmente o será de forma mais criativa e autônoma. Como consequência, também poderá induzir à elevação do nível de jogo e à evolução do handebol, assim como das demais MEC i (COSTA; GARGANTA; GRECO; MESQUITA, 2002).

No próximo capítulo trataremos dos procedimentos metodológicos da pesquisa; os caminhos e os porquês das escolhas. Até aqui realizamos reflexões derivadas da revisão da literatura e de ideias que, pensamos, podem redefinir e melhorar o modo como entendemos a modalidade handebol, o processo de formação de jogadores e alargar o conceito de inteligência utilizado nas discussões e práticas que tangem este processo. Daqui para à frente, trataremos de justificar, metodologicamente, como podemos usar também como referência para este estudo, o discurso dos treinadores das seleções brasileiras, tanto masculina quanto feminina. Além do mais, incorreremos num percurso onde não vamos triangular dados, muito menos recorrer a confrontar, de maneira cartesiana e formal, ideias já trazidas nos quatro primeiros capítulos e as ideias que surgiram nas entrevistas com estes treinadores. Deste modo, o texto há de ser tratado como um todo, convidando o leitor a fazer suas reflexões no percurso de toda leitura.



## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **5.1 Sobre a escolha da Pesquisa Qualitativa**

Se considerarmos os Estudos do Esporte como um campo de pesquisa, básica e/ou aplicada, que deve buscar desenvolver pesquisa e produção científica de alto-nível para contribuir com avanços para o Esporte, a Universidade e mais, para toda sociedade, devemos ter claro que as metodologias utilizadas para isso não devem se restringir a técnicas meramente, devem abarcar a dimensão mais ampla do significado de metodologia. Essa discussão feita por Pereira (1998, p. 231) define metodologia como o caminho pelo qual se chega a certo resultado, mesmo que este não tenha sido fixado de antemão sendo “a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade através do conhecimento de teorias, paradigmas e métodos científicos”.

Por isso caracterizamos esta dissertação como uma investigação sobre o handebol como uma das MEC i, com ênfase no ensino-aprendizagem-vivência-treinamento, portanto na formação dos atletas e praticantes em geral, à luz da concepção estratégico-tático, refletindo sobre como ainda encaramos de maneira “tradicional” o handebol e sobre como este pode ser re-significado se o entendermos de modo estratégico-tático. E, a partir daí, as potencialidades deste outro entendimento na relação dos seres humanos com esta modalidade esportiva, num processo de formação de jogadores inteligentes.

Assim, usamos Lefèvre e Lefèvre (2005) como referência, devido à metodologia que desenvolvem, que permite utilizar o discurso do sujeito coletivo como ferramenta para discutir as questões até aqui permeadas, desde a discussão de estratégia e tática até as questões trazidas no capítulo anterior, sobre os princípios do jogo de handebol e o papel dos treinadores.

Para tal preferimos uma pesquisa qualitativa no sentido de buscar uma visão mais holística e menos fragmentada da realidade (TRIVINOS, 2010). Assim, quisemos discutir o discurso (coletivo) de treinadores com uma função estratégica no handebol nacional e também internacional, sempre à luz da visão estratégico-tática do jogo. Deste modo, a pesquisa

qualitativa, como afirmam Lefrève e Lefrève (2005), ajuda a apresentar um pensamento sobre dado tema, de uma pessoa ou coletividade, por meio dos indícios discursivos que se diz sobre ele.

Por isto, na pesquisa qualitativa, mais do que buscar quantidades, medidas ou dados; buscamos uma compreensão dos significados expressados pelos entrevistados, conforme afirma Richardson et al (1999). Mas como alerta Negrine (2010), as generalizações são limitadas neste tipo de pesquisa. A tentativa é buscar significados entre os objetos estudados, sempre de modo contextualizado. Ainda segundo Negrine, “a pesquisa qualitativa tem como pressuposto científico manipular informações recolhidas, descrevendo e analisando-as, para num segundo momento interpretar e discutir à luz da teoria” (2010, p. 62).

Utilizaremos de Pesquisa Qualitativa, que, segundo Thomas e Nelson (2002), não é um método novo e muito menos não comprovado de investigação, posto que apresenta como características o fato de a amostra ser proposital e pequena, a hipótese não é testada em laboratório e, sim, haver teorização no *mundo real*, com todos os fatores derivados disto. Além disso, o delineamento da pesquisa deve ser flexível, ou seja, pode mudar de acordo com a realidade, e a análise dos dados deve ser descritiva e interpretativa. Desse modo, o formato entrevista pessoa a pessoa é dos meios mais utilizados neste tipo de pesquisa. Dentre as diversas possibilidades de entrevista, empregamos aqui a denominada por Negrine como semi-estruturada, que parte de um roteiro prévio, mas, segundo o autor, “permite que se realizem explorações não-previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa” (2010, p. 76).

Sabendo que a realidade é holística e multidimensional (THOMAS; NELSON, 2002), nos utilizamos da pesquisa qualitativa. Essa teorização que marca toda a pesquisa qualitativa é entendida por nós da mesma maneira como BAIN<sup>40</sup>, citado por Thomas e Nelson (2002) caracterizou a *teoria crítica* na pesquisa qualitativa; com o intuito de ajudar a dar elementos para escolhas que *melhorem a vida*; principalmente, a dos práticos-teóricos que mencionamos anteriormente.

---

<sup>40</sup> BAIN, L. L. Interpretative and critical research in sport and physical education. **Research Quartely for Exercise & Sport**, v. 60, n. 1, p. 21-4, mar. 1989.

## 5.2 Sobre a Análise do Discurso (AD)

Com vistas a estruturar a pesquisa qualitativa, colher os dados e analisá-los, entendemos que seria proveitoso o recurso ao entendimento dos dizeres como discursivos, isto é, como material linguístico radicado na História, portanto ideológico, esclarecedor de posicionamentos sociais. Para tanto, procuramos compreender os fundamentos da disciplina que assume a descrição/interpretação como método, de modo a examinar o jogo do que se reitera e do que escapa na produção dos sentidos do que se diz.

A AD considera como histórica toda produção da linguagem, considerando-a 'discurso': um conjunto de restrições semânticas indissociáveis de práticas sociais, ou seja, um conjunto de condicionamentos dos dizeres que são indissociáveis de conjuntos de modos de ser, o que implica relação entre certos temas e as formas de trata-los (SALGADO, 2011).

A noção de condições de produção do discurso, que se refere aos processos sociais em que estão colocados os protagonistas e o objeto do discurso, além da noção (oriunda da psicanálise de Lacan) de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, e interfere no discurso, "como se houvesse, sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro, do inconsciente" (Mussalim, 2003, p. 107), são conceitos fundamentais para a AD. Outro ponto importante é a ideia de critério posicional; que considera a posição inicial do sujeito no interior do sistema. Mais ainda, no interior inconsciente do sujeito.

Em Pêcheux (1969), lemos: "O que podemos dizer é apenas que todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias, que serão designadas aqui da seguinte maneira:

## QUADRO 7

### Formações Imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente
$I_A^{(A)}$	imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	"Quem sou eu para lhe falar assim?"
$I_A^{(B)}$	imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	"Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
$I_B^{(B)}$	imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	"Quem sou eu para que ele me fale assim?"
$I_B^{(A)}$	imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	"Quem é ele para que me fale assim?"

Fonte: GADET; HAK, 1997, p. 83.

Acabamos de esboçar a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção" (GADET; HAK, 1997, p. 83).

No caso de uma conversa de um treinador com um atleta, estes estão em posições diferentes no interior do sistema<sup>41</sup>, com certa relação de poder demarcada, além do fato de que o treinador começa a conversa com o atleta com uma construção imaginária do interlocutor, de quem é o tal atleta. E vice versa, sendo possível também que durante o diálogo estas construções sejam refeitas e vão mudando com o passar do tempo. As posições estão institucionalizadas – treinador e atleta – conforme a conjuntura de um período, de um país, de uma região ou de um time.

Isto vale também para a relação entre o entrevistador e o entrevistado, ainda mais quando o entrevistador, como neste estudo, é também um treinador, partilhando vários espaços típicos da profissão com os entrevistados. O sujeito marca sua identidade e define-se

<sup>41</sup> Para a AD, esta noção é constitutiva de toda interlocução.

nestas relações, um tanto consciente, e um tanto inconsciente, que, nesse jogo entre o dito e o interdito, marcam sempre os interlocutores (MUSSALIM, 2003).

Para nós, isto não “contamina” a entrevista, muito pelo contrário, abre possibilidades de diálogo e discussão dos temas em outra qualidade, pois se compartilha uma série de saberes e vivências dos temas abordados, balizados pelos lugares instituídos, pelos dizeres formulados a partir deles.

A noção de condições de produção é de grande importância para a AD, já que estas condicionam as características do discurso, garantindo, assim, a possível análise. Entende-se, portanto, a relação que se procura “estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros” (MUSSALIM, 2003, p.112)

Assim, “o que permite a elocução de um discurso e não de outros é que foi produzido pelo sujeito sob determinadas circunstâncias”, “a saber, o contexto histórico-ideológico e as representações que o sujeito, a partir da posição que ocupa ao enunciar, faz de seu interlocutor, de si mesmo, do próprio discurso etc.” (MUSSALIM, 2003, p.116). Podemos assim considerar o enunciado.

O conceito de formação discursiva, correlato, também nos pode ser valioso: “uma formação discursiva determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social” (MUSSALIM, 2003, p.119).

Desse modo, trabalharemos com diferentes discursos, devido a diferentes formações discursivas e as diferentes condições de produção. Nesse sentido, buscaremos as ideias centrais em todos os discursos analisados, sejam elas comuns ou únicas.

“Para a AD, os sentidos do discurso são historicamente construídos” (MUSSALIM, 2003, p.123). Sendo assim, uma formação discursiva não deve ser considerada como fechada, pois é na interação contínua com o Outro que esta se apresenta, como em um “espaço de trocas entre vários discursos” (MUSSALIM, 2003, p.129).

Por isso, é possível certa “circulação entre posições enunciativas” (2003, p.130), contraditórias, corroborativas e/ou complementares.

Desse modo, para a AD, “o que está em questão não é o sujeito em si; o que importa é o lugar ideológico de onde se enunciam os sujeitos” (MUSSALIM, 2003, p.132). No entanto, os discursos não são constituídos a priori, e sim na medida em que eles vão se constituindo. Assim, afirma Mussalim: “O discurso, o sentido, o sujeito, as condições de produção vão se constituindo no próprio processo de enunciação” (2003, p. 138). Acima de tudo, vão se constituindo de forma não linear. Os processos históricos levam à produção do conhecimento por meio de rupturas, saltos, mudanças de rumo, etc.

Tal como o entendemos, essas rupturas podem ter diferentes significados, como surgir com novas problemáticas, e aqui, segundo Possenti (2003), podem ser referidas, a título de ilustração, a psicanálise com Freud ou a astronomia com Copérnico, ou romper com a forma como o campo era tratado, como Marx e os demais economistas clássicos, conforme exemplifica o mesmo autor.

Estas rupturas podem ser vistas no caso do processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento das MEC i, guardadas as devidas diferenças. O tradicional modo tecnicista (e não a técnica como elemento do processo acima citado) tem seu momento histórico, sua origem nas modalidades individuais, etc.; mas a ruptura com este momento e esta relação com a técnica poderia ser feita. Segundo Possenti (2003), estas rupturas com o estágio anterior, seja do senso comum seja de um modo de produção da ciência de certa época histórica, são condições necessárias tanto para a cientificidade quanto para a consolidação de outras teorias.

Portanto, essas rupturas podem se dar em relação a uma teoria científica (como Einstein, que rompe com a física newtoniana) ou tomando o lugar da teoria anterior mas mantendo-se no mesmo campo ou, então, de modo a consolidar um campo como objeto da ciência, passando a tratá-lo como método científico (POSSENTI, 2003).

De forma resumida, a mesma palavra ou enunciado tem sentidos diferentes dependendo do contexto, da conjuntura, ou melhor, da formação discursiva.

Por isso, cada texto tem sua importância para a AD, mas dentro da noção que um texto tem relação com uma cadeia maior. O sentido não está nunca em uma palavra ou em um texto ou em uma boca ou em um pensamento: ele se produz nesse “um”, que atualiza a cadeia historicamente constituída, amarrando-se na teia interdiscursiva conforme as memórias da

comunidade discursiva em que circula. (SALGADO, 2011) Assim, o texto não é uma unidade coerente de sentido por si só, mas uma “manifestação aqui e agora de um processo discursivo específico” (POSSENTI, 2003, p. 364). “O sentido de um enunciado decorre de sua substitubilidade por enunciados equivalentes na mesma FD (Formação Discursiva)” (Idem, p. 373).

Logo, um texto tem efeito de interdiscurso, ou seja, faz parte de uma memória discursiva, textos que formam esta cadeia maior, de textos que foram (ou poderiam) ser, ou ter sido, ditos, dentro dessa cadeia / arquivo, que caracterizam uma dada formação discursiva.

Sobre a memória discursiva vale dizer que remete a posições ideológicas, a tomadas de decisão e posições marcadas, do que tem que ser dito e do que não convém ser dito etc. Assim, “remete ao modo como o trabalho de uma memória coletiva permite a retomada, a repetição, a refutação e também o esquecimento desses elementos de saber que são os enunciados (POSSENTI, 2003, p. 365)”.

Desse modo, “cada um enuncia a partir de posições que são historicamente constituídas” (POSSENTI, 2003, p. 368). Isso é fundamental para entendermos os discursos dos treinadores, que ao serem entrevistados, falam de lugares socialmente constituídos, historicamente constituídos, institucionalizados, portanto, numa dada conjuntura que condiciona seus dizeres. Mais nos interessa, pois assim o é para a AD (POSSENTI, 2003), o que se repete em décadas do que o que é característico de determinada circunstância imediata.

Pois, em cada situação, por mais inéditas e imprevisíveis que sejam, elas fazem parte da história, e têm, portanto, condições de produção. Essas condições de produção delineiam certas formações discursivas. Os contextos fazem parte de um todo, que lhes transcende, e “os enunciadores se assujeitam à sua formação discursiva (FD)” (POSSENTI, 2003, p. 369).

Como no caso das situações do jogo, os jogadores criam, mas dentro das situações que o jogo lhes impõe, ou melhor, sujeitam-se às condições de existência do que todos ali referem como “o jogo”. E é exatamente devido a essa noção de interdiscurso que podemos pensar que, os “discursos não são independentes uns dos outros e não são *elaborados por um* sujeito” (Idem, p.386 – grifo nosso). O discurso pode ser proferido por um sujeito numa dada

situação enunciativa, mas que está sempre radicado na história, em uma formação discursiva; é sempre um sujeito enunciante condicionado.

### **5.3 Entrevistas e entrevistados**

Entendida a busca por um entendimento do que dizem os treinadores, como falas que têm marcas singulares sempre articuladas às condicionantes desse lugar instituído, definimos como entrevistados treinadores principais e seus auxiliares diretos das seleções brasileiras adultas, masculina e feminina.

Pretende-se, com isso, verificar que concepção de handebol e quais objetivos estão sustentando o trabalho realizado nestas seleções, no que tange a formação dos jogadores inteligentes na modalidade handebol. E quais argumentos sustentam esta prática.

Prática esta que orienta o trabalho de todas as categorias de base e supostamente deve também orientar os trabalhos nos clubes de todo país. Este processo é pensado na forma de acampamentos de desenvolvimento e melhoria dos atletas, que vem de todo o país, e é realizado no caso masculino há mais tempo (houve entre 2005 e 2007, voltando a ocorrer em 2013) e no feminino só se concretizou recentemente, no ano de 2013.

Entrevistamos os treinadores principais das seleções adultas e seus auxiliares diretos (ou primeiros auxiliares), por serem estes também os responsáveis pela formação de atletas, já que coordenam os acampamentos e as demais seleções de base. Estes quatro entrevistados, todos homens, tem uma média de idade de 45 anos e de experiência de 25 anos. Outra característica importante de ressaltar é que os dois treinadores principais são estrangeiros, um dinamarquês (da seleção feminina) e outro catalão [espanhol] (da seleção masculina). Já os dois auxiliares são brasileiros. As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2013.

### **5.4 Sobre a elaboração do instrumento de coleta de informações e as entrevistas**

Optamos pela entrevista semi-estruturada principalmente pela flexibilidade que permite ao entrevistado responder de acordo com seu interesse no tema e nos temas que podem



estar ligados ao que foi estritamente perguntado. Além disto, garante um determinado rol de informações que o entrevistador visa garantir na pesquisa (NEGRINE, 2010). Assim, buscamos perguntas abertas, deixando um tanto livre para o entrevistado tratar dos temas. Tratamos de colocar as perguntas consideradas mais abertas no começo e deixamos as mais ‘fechadas’ para o fim, como recomenda Negrine (2010).

A escolha das perguntas e, o devido agrupamento destas em blocos, foi feito a partir de uma discussão coletiva, em que outros treinadores e professores foram consultados, para contribuir na discussão das mesmas com a orientadora. Depois disto, ainda foram aplicadas quatro entrevistas como testes (projeto piloto), antes da realização das entrevistas aqui tratadas.

O roteiro da entrevista (segue em APÊNDICE A) continha uma primeira parte que buscava falar brevemente sobre as condições da pesquisa e da entrevista. Na sequência, um primeiro bloco de perguntas com o objetivo de traçar um perfil do entrevistado, relacionando sua história e formação como treinador, também buscando informações sobre sua vida de atleta e a relação com seus ex-treinadores, além de ouvir sobre sua formação acadêmica. Em uma terceira parte, o bloco de perguntas cujo intuito era ouvir dos treinadores sobre a formação de jogadores inteligentes, partindo de sua concepção do jogo e buscando sua perspectiva para a tendência de evolução da modalidade (principalmente no que tange a ideia de formar futuros jogadores). Por fim, uma pergunta com tema que também influi na formação de jogadores inteligentes: a questão do uso de regras adaptadas na iniciação à modalidade.

Seguimos alguns cuidados orientados por NEGRINE (2010) ao realizar as entrevistas, como fazê-las em locais tranquilos, anotando o que nos chamou mais atenção e auxiliados pelo uso de um gravador - que possibilitou posteriormente as transcrições.

Os entrevistados foram informados das condições e propósitos das entrevistas. Também devolvemos as entrevistas transcritas aos entrevistados, dias depois, deixando livre para que os mesmos alterassem ou retirassem o que achassem necessário.

Quando das entrevistas foi entregue para cada entrevistado uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), registrado no Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP (Parecer número 426.193).

## 5.5 Sobre a interpretação das informações

A etapa da transcrição foi feita balizada na ideia de manter o máximo a fidelidade do que foi dito pelos entrevistados, sem alteração dos vocábulos utilizados para não contaminar as informações (NEGRINI, 2010).

A partir daí foi feita a busca pelas informações determinantes e das triangulações possíveis, com base na disciplina AD e na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

O DSC consiste em uma técnica que é utilizada a favor de uma estratégia metodológica “que visa tornar mais clara uma dada representação social” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.19). Para estes autores, esta representação social pode ser expressão do que pensa certo grupo de pessoas sobre determinado tema. Assim, esta expressão pode ser manifesta através do discurso - como o que foi produzido nas entrevistas.

Ainda segundo Lefèvre e Lefèvre (2005), existem procedimentos transparentes e organizados sobre certo padrão que tabulam as informações. Estes procedimentos são as expressões-chave (ECH), as ideias centrais (IC) e o DSC.

As ECH são trechos literais do discurso, que correspondem ao conteúdo que trata da questão perguntada. São os pedaços ou segmentos que remetem à ideia central.

As IC são o que, de forma sintética, traduz o sentido do discurso, como um tema do depoimento.

Assim, o encadeamento entre as ECH, estes resumidos em IC, formam o DSC.

O DSC é, portanto, um discurso síntese construído a partir das ECH de todos os sujeitos, relativas a certa IC. Deste modo, o discurso de todos será como o de um - o DSC; pelo encadeamento de ECH.

Buscamos assim, mais do que comparar os discursos dos quatro treinadores das seleções brasileiras entrevistados, sem querer tratar das diferenças ou semelhanças, produzir uma fala do pensamento coletivo destes treinadores, um sujeito coletivo (SC), que pode trazer ECH singulares ou correspondentes (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Desta forma, podemos ter ECH de um ou mais sujeitos, não necessariamente será coletivo porque foi produzido pelos quatro entrevistados, mas sim por esta coletividade.

Para de fato formar um DSC, segundo Lefèvre e Lefèvre (2005), não podemos nos esquecer de tirar certas particularidades, tratando os pedaços selecionados dos discursos. Além disto, encadear a sequência de apresentação dos discursos de forma coerente e clara.

Deste modo, após lermos as transcrições, buscamos as ECH de resposta a cada questão. Após isto, apontamos as IC, reunindo as ECH que tem sentido comum ou complementar. Por fim, elaboramos o DSC, na primeira pessoa do singular, por se tratar da fala do SC, como se o social falasse como um indivíduo.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Já que o objetivo do presente trabalho é refletir criticamente sobre o entendimento da modalidade handebol e as possibilidades de formação de jogadores inteligentes, as análises feitas a partir de como se está pensando nas seleções brasileiras de handebol contribuem para dar concretude às reflexões.

De acordo com Negrine (2010), primeiro devemos realizar o processo de descrição e análise das entrevistas. Depois tratar da interpretação e discussão. Neste capítulo trazemos a etapa posterior a este percurso, a apresentação da discussão - que deve responder ao problema da pesquisa e ser organizada a partir de unidades de significados e categorias de análise (NEGRINE, 2010).

Na reflexão crítica, na discussão e apresentação de resultados é que “sobressai a originalidade do estudo e do conhecimento produzido pela investigação” (NEGRINE, 2010, p. 96).

Deste modo, organizamos um roteiro de apresentação dos resultados, a partir da terceira parte, que corresponde à terceira pergunta. Trataremos de fazer algumas considerações prévias que abordem dados da segunda parte, pois julgamos serem importantes para a contextualização da diversidade cultural dos entrevistados.

Vale ressaltar que todos jogaram em algum nível (foram jogadores) e acreditam que isto o ajuda a ser treinador; também o ajuda no trato com os atletas, na relação com a equipe. Muitos ex-treinadores os influenciaram para saber o que fazer e o que não fazer (não reproduzir o que avaliava como coisas ruins). Não influenciaram necessariamente na forma de ver o jogo para uns mas sim para outros.

Todos valorizam conquistas que não são títulos, mas sim objetivos alcançados, que os times consigam evoluir significativamente, ou alcançar níveis de jogo ou ambiente de grupo muito bons, ajudaram a formar jogadores que se tornaram destacados profissionais de nível de seleção etc.

Em muitos outros países a formação acadêmica não é necessária e nem relacionada ao trabalho com Esporte. Assim, a forma de pensar esta relação - formação superior, ligadas as universidades e/ou centros de ensino superior e a formação como treinador - é bastante diferente do Brasil. Aqui, muitas vezes o treinador é um ex-jogador e formado em Educação Física, muito também pela exigência do CONFEF (Conselho Federal de Educação Física), que regulamenta/fiscaliza esta prática da profissão de treinador esportivo desde 2000. Em outros países, como alguns dos europeus com grande tradição no handebol (como exemplo citamos a França, Espanha e Dinamarca), sem os diferentes níveis de cursos promovidos pelas federações e confederações, não é possível trabalhar como treinador em nenhuma equipe.

Sendo assim, as diferenças culturais (e da origem) entre os colaboradores, devem ser levadas em conta. O sistema organizativo e político da modalidade (e do esporte) no país de origem também. Outra diferença que aparece (ou tende a aparecer) diz respeito ao entendimento dos conceitos (inteligência, tática etc...), já que não necessariamente todos apresentam o mesmo arcabouço teórico.

Em cada tópico da questão tratada, organizaremos uma tabela com as ideias centrais e com o número de sujeitos (N). Logo após, apresentaremos um quadro com as IC e seus DSC correspondentes. Depois disto seguirá a discussão do tema (SANTANA, 2008).

Assim, não traremos no texto os quadros EXPRESSÕES CHAVE (ECH) E IDEIAS CENTRAIS (IC) – pois estes constam no APÊNDICE B.

Feitas estas considerações, vamos à discussão a partir de cada pergunta:

**6.1 Muitos pesquisadores e treinadores consideram que estratégia, tática e técnica são conceitos fundamentais para o jogo e, portanto, para o treinamento. Como você pensa e relaciona (na prática) esses conceitos no processo de formação de jogadores?**

**TABELA 1**  
**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N	Sujeitos
1 Importância teórica dada a tática e não à técnica	N1	S1
2 Diferença técnica em relação aos outros países	N3	S1, S2, S3
3 Entender o Jogo para jogar	N1	S2
4 Treinar a inteligência e a técnica desde cedo	N1	S2
5 Quem decide o jogo é o 1x0 (atacante contra o goleiro)	N1	S3
6 Jogador saber pensar estrategicamente	N1	S3
7 Ter domínio das ações táticas permite jogar melhor	N2	S3, S4
8 Sempre aliar técnica e tática	N3	S1, S3, S4
9 Formar o jogador em todas as questões (técnica - psicológica – tática - física...)	N1	S4
10 É muito difícil jogar sem o componente tático	N2	S3, S4
11 Importância do trabalho tático e da tomada de decisão para pensar o treinamento	N1	S4

## QUADRO 8

### IC e DSC

IC	DSC
IC 1 = Importância teórica dada à tática e não à técnica	DSC 1= a gente quer levar a teoria no <i>pé da letra</i> , “é importante desenvolver a noção tática” – é importante sim, mas, aí a gente acaba não dando uma importância à parte técnica.
IC 2 = Diferença técnica em relação aos outros países	DSC2= quando comparado com outros países, vemos que temos uma defasagem muito grande do aspecto técnico. Taticamente, hoje, a gente não deve nada a ninguém, mas tecnicamente, tanto no masculino quanto no feminino, ainda você vê que é diferente. Enquanto o cara tem uma eficiência do movimento absurda, nem se meche pra executar um arremesso ou um passe, a gente parece que carrega mil toneladas para conseguir fazer um passe que teoricamente é simples. Precisamos evoluir muito na questão técnica.
IC 3= Entender o Jogo para jogar	DSC3= o principal é que eles consigam entender o jogo, as principais ideias e jogar.
IC 4= Treinar a inteligência e a técnica desde cedo	DSC4=é fundamental treinar a inteligência dos jogadores, isso desde a iniciação. Exercícios que os jogadores têm que tomar decisões. E trabalhar a técnica desde o início, claro com crianças que tenham três, quatro, cinco anos, seis anos – aí a evolução tática vem pouco...
IC 5= Quem decide o jogo é o 1x0 (atacante contra o goleiro)	DSC5=quem decide o jogo é 1x0 – atacante x goleiro. Os jogadores acabam se adaptando a fazer gols fáceis, em goleiros que não são tão competentes, aí acostumam a escolher a pior opção para fazer o arremesso e, conseqüentemente, erram muito. Muitas vezes o goleiro nem pega tanto, porque foi uma grande defesa do goleiro, mas porque foi uma péssima escolha do atacante.
IC 6= Jogador saber pensar estrategicamente	DSC6=Investir no entendimento dos diferentes papéis estratégicos e que momento desempenhar cada um. Assim, deve-se investir nas questões estratégicas, nas mudanças de trajetórias, nos ataques aos espaços, no jogo de superioridade e inferioridade saber que tem momento que ele é ponto de apoio, tem momento que ele é protagonista efetivo, tem momento que ele é construtor, tem momento que ele é finalizador...
IC 7= Ter domínio das ações táticas permite jogar melhor	DSC7=a questão tática individual é fundamental; o jogador tem que ter o domínio efetivo das ações táticas do jogo que lhe permitam jogar melhor.
IC 8= Sempre aliar técnica e tática	DSC8=a parte tática individual deve andar junto com a parte técnica individual. A gente acaba juntando para desenvolver o jogador tecnicamente e taticamente. A construção técnica e tática tem que estar aliadas, tem que estar sempre juntas.
IC 9= Formar o jogador em todas as questões (técnica - psicológica – tática - física...)	DSC9=acredito que o jogador nunca pode ser formado em uma só linha. O jogador tem que ser taticamente, tecnicamente, fisicamente e psicologicamente preparado - para ter uma boa formação esportiva na nossa modalidade. Um jogador que é fisicamente muito bom mas não tem uma boa resposta tática nos jogos, ou o que não tem boas qualidades físicas para responder a exigência e sacrifício, ou não é forte psicologicamente para aguentar a pressão de ter que resolver situações em momentos determinados...isso não adianta.
IC 10= É muito difícil jogar sem o componente tático	DSC10=é muito difícil jogar se não há um componente tático. O jogador tem que ter uma boa capacidade de tomar decisões e tem que ter uma boa capacidade para adaptar-se a forma de jogar coletiva e saber a função que se dá a ele no time. Ter jogadores que só sabem arremessar, dificilmente se integram dentro dos parâmetros de uma equipe.
IC 11= Importância do trabalho tático e da tomada de decisão para pensar o treinamento	DSC11=nada serve se não sabemos quando temos que aplicar no trabalho tático e na tomada de decisão dos jogadores - esta foi a principal lição de Claude Bayer – que fez com que o meu estilo de treinamento mudasse totalmente.

Verifica-se que o Sujeito Coletivo (SC) tem preocupações distintas com relação à importância dada a cada um dos conceitos, e as relações entre eles.

Há uma crítica a ênfase ao trabalho tático, mas naquela já mencionada separação entre tática e técnica (capítulos 2, 3 e 4) - *“é importante desenvolver a noção tática – é importante sim, mas, aí a gente acaba não dando uma importância à parte técnica”*. Assim, formaríamos bons entendedores do jogo, mas que não conseguem executar bem. Segundo, Molina (2001), deveríamos aliar esse trabalho, dando a devida atenção à relação de determinação: tático-técnico. Deste modo, aparecem as distinções na fala do SC, *“a parte tática individual deve andar junto com a parte técnica individual. A gente acaba juntando para desenvolver o jogador tecnicamente e taticamente. A construção técnica e tática tem que estar aliadas, tem que estar sempre juntas.”* E mais; *“o jogador tem que ser taticamente, tecnicamente, fisicamente e psicologicamente preparado - para ter uma boa formação”*.

Vale também ressaltar a ênfase que se dá a defasagem ‘técnica’ em relação aos demais países com que competimos. Isso diz respeito à eficiência e eficácia do movimento, *“Enquanto o cara tem uma eficiência do movimento absurda, nem se mexe pra executar um arremesso ou um passe, a gente parece que carrega mil toneladas para conseguir fazer um passe que teoricamente é simples”*. Aqui, a noção de facilidade para realizar certa tarefa básica do jogo, como o passe, com economia de atenção e energia, sem gasto com gestos desnecessários, parece que retrata uma certa desigualdade técnica- que embora seja notória, segundo o SC, pode ser atribuída a muito mais que a falta de treino, ou ao treinamento inadequado, da própria técnica. Pode-se caracterizar como um problema de amplo prisma, devido às dificuldades que encontramos na área da Educação Física, principalmente a escolar, e o trabalho de garantir acesso a cultura corporal, que traga também essa base de conhecimento do corpo, de melhor conhecimento da relação corpo-mundo; além de um certo grau de coordenação motora, de percepção espaço-temporal, de consciência corporal etc...integrada aos conhecimentos que garantam esse repertório (NASCIMENTO, 2004).

Isso garantiria um déficit menor no trabalho da técnica, no que diz respeito às dificuldades de executar as ações do jogo. Mas também a outros motivos possíveis para esta diferença, que não necessariamente se dá em outras modalidades esportivas. A diferença de tempo no repertório vivenciado do handebol em relação a outras modalidades no país é muito grande. As demais MEC tem um tempo de exposição em mídia muito maior, e também tem



campeonatos com maior média de público. Isto pode ajudar a explicar esta diferença técnica, coisa que com o uso de ferramentas audiovisuais pode ser diminuída.

Outra afirmação do SC é com relação a isso, a formação de jogadores inteligentes desde a iniciação, aliando tomada de decisão e o trabalho tático ao treino da técnica. Afinal, *“é fundamental treinar a inteligência dos jogadores, isso desde a iniciação. Exercícios que os jogadores têm que tomar decisões. E trabalhar a técnica desde o início...”*.

Assim, faz todo sentido que apareça como fundamental essa melhoria tático-técnica para que tenhamos melhores condições nos duelos entre atacante e goleiro (e vice-versa). Esse processo já descrito em capítulos anteriores, de iludir o adversário no ato do *“1x goleiro”*, é essencial no jogo. Só melhoramos os arremessos com esse trabalho de melhoria tático-técnica, que exige um vasto repertório de liberdade do movimento e de consciência corporal, tanto por parte dos nossos atacantes, quanto por parte dos nossos goleiros.

Sobre qual deve ser o trabalho realizado, no que diz respeito a relação dos conceitos, um linha que aparece na fala do SC é de que os jogadores devem entender do jogo: *“o principal é que eles consigam entender o jogo, as principais ideias e jogar. Investir no entendimento dos diferentes papéis estratégicos e que momento desempenhar cada um. Assim, deve-se investir nas questões estratégicas, a questão tática individual é fundamental; o jogador tem que ter o domínio efetivo das ações táticas do jogo que lhe permitam jogar melhor. O jogador tem que ter uma boa capacidade de tomar decisões e tem que ter uma boa capacidade para adaptar-se a forma de jogar coletiva e saber a função que se dá a ele no time.”* Assim, podemos tratar do tema de formar jogadores que tenham um pensamento estratégico; ou seja, que entendam o jogo estrategicamente, sabendo das diferentes ações e posturas a serem tomadas de acordo com os momentos e situações, sempre orientados pelos objetivos e planos coletivos.

**6.2 Pensando no que tem evoluído o jogo nos últimos anos e na possível evolução do jogo neste futuro próximo, quais as principais características que um jogador de handebol precisa ter no handebol do século XXI ?**

**a- Quais as principais evoluções da modalidade handebol nos últimos anos na sua opinião? (DESDE A OLIMPIADA DE 2004- DOIS CICLOS OLÍMPICOS)**

**TABELA 2**

**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N'	S
1= Mudança de regras	N2	S1, S3
2 = Jogo mais veloz, mais transição entre as fases do jogo	N3	S1, S3, S4
3 =Defesas mais profundas, mais ativas e ocupando mais espaço	N2	S1, S3
4= Aumento da demanda física no jogo	N2	S2, S4
5= Maior demanda de percepção, tomada de decisão (tática individual) e inteligência	N1	S3
6= Mudanças não radicais nas questões táticas	N1	S3
7= Melhora na capacidade de resolver situações de 2x1, em várias combinações de posições e lugares	N1	S3

## QUADRO 9

### IC e DSC

IC	DSC
IC1= mudança de regras	DSC1=as mudança de regra... Dezesesseis jogadores em uma equipe modifica muito a questão física. Tiro de saída modifica muito o jogo, deu uma velocidade muito grande ao jogo. Os <i>time-out</i> também contribuem, embora eu ache que os times out podem ser melhor aproveitados.
IC2 = jogo mais veloz, mais transição entre as fases do jogo	DSC2= o jogo é cada vez mais de transição, pois até quando você toma gol você tem possibilidade de marcar... Antigamente não se usava, há uns 10, 15 anos atrás, agente não via um jogo de transição tão intenso. Houve a ampliação do jogo de velocidade e do jogo da transição, devida a entrada da posse da bola (roubos, <i>turnovers</i> , defesas dos goleiros ou gols sofridos) e a transição é cada vez mais efetiva, por isso que aumentaram as preocupações com os balanços defensivos e com as transições. Hoje em dia o jogo é muito dinâmico, praticamente não se pode falar de ataque e de defesa, senão que o jogo é algo global. Com o aumento da velocidade, houve um aumento das características e dos componentes físicos dos jogadores. Isso fez com que nossa modalidade se tornasse muito mais espetacular. Antes as fases de jogo estavam muito marcadas, se atacava, se defendia, o jogo muitas vezes andava muito devagar, em função do placar, das características físicas dos jogadores, em função dos treinadores...
IC3 =defesas mais profundas, mais ativas e ocupando mais espaço	DSC3=defensivamente mudou muito: a profundidade de todas as equipes aumentou, independente do sistema. Todos tocam, desequilibram, todo mundo intercepta... uma coisa que, há alguns anos era diferente, todo mundo jogava de uma maneira mais conservadora, jogava mais fechado, dava possibilidade do arremesso de certa distância...hoje tem pouco espaço pra atacar. Também pela profundidade, o jogo ficou bem mais intenso. Os jogadores estão ocupando mais espaço. Um exemplo é a França, que apareceu há uns sete anos atrás com alguns deslizamentos sobre deslizamentos, e então um jogador que está de segundo sobe a fazer o papel de avançado, o terceiro desliza e ocupa o lugar do segundo, ai eles voltam para 6:0... Isso tem sido muito bem aplicado. Nas ligas a gente vê muito isso, na Alemanha a gente vê também, eles não guardam posto nem sistema em determinadas situações defensivas...
IC4= aumento da demanda física no jogo	DSC4=os jogadores correm mais por jogo. Os jogadores têm muito mais mudança de direção por jogo, têm muito mais saltos - então isso demanda fisicamente maior e melhor força. Mudou o conceito físico do atleta, e isso mudou a forma de jogar. Se aumentou a velocidade, aumentou as características de componentes físicos dos jogadores (sabe se fazer algo ou, pode fazer algo que não se conseguia por limitações reais físicas... isso muda o jogo).
IC5= Não temos uma política nacional de desporto nem orientação do COB sobre as perspectivas da formação de atletas	DSC5=a gente não tem efetivamente uma política nacional de desporto, a gente não tem orientações do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), que deveria ter objetivos, planejar, a partir de onde estamos, para onde vamos e o que faremos pra atingir isso.
IC6= Maior demanda de percepção, tomada de decisão (tática individual) e inteligência	DSC6= há um nível maior de percepção do jogo, uma inteligência maior, já dão respostas mais rapidamente ao que se pede. E nós não estamos falando só de jogadores jovens de 18, 19 anos... Os jogadores de 28, 29 anos, eles já foram esses jovens que deram bons retornos. Talvez uma maior quantidade destes jogadores é o que ainda nos falta.
IC7= Mudanças não radicais nas questões táticas	DSC7=quando a gente olha um pouco a concepção tática do jogo existem mudanças, mas elas não são mudanças radicais, por exemplo: a Suécia dos anos noventa. Continuamos aplicando o passe no ponto futuro, o desmarque do pivô, o desmarque dos laterais. E com as mesmas bases do jogo, uma base de desmarque e tudo mais... foi o trabalho defensivo que se ampliou, por exemplo, como a Espanha, que é atualmente campeã do mundo.
IC8= Melhora na capacidade de resolver situações de 2x1, em várias combinações de posições e lugares	DSC8=houve uma mudança comportamental, olhando a Croácia, por exemplo; há grande capacidade de resolver problemas de dois contra um, e em vários lugares do jogo. Então, você tem o central, que normalmente é o maestro. Mas, você tem pontas que decidem o dois contra um com seu pivô, dois contra dois com seu lateral...

Observa-se que as três coisas que foram enfatizadas como mudanças principais no jogo pelo SC foram: as mudanças de regra, a mudança de profundidade defensiva e o aumento da velocidade do jogo, com maior ênfase na transição e maior encadeamento entre as fases do jogo.

Sobre as mudanças de regra, as que seriam principais responsáveis pela mudança do jogo, segundo o SC, foram o aumento do número de jogadores permitidos em súmula e a nova regra do tiro de saída – *“Dezesseis jogadores em uma equipe modifica muito a questão física. Tiro de saída modifica muito o jogo, deu uma velocidade muito grande ao jogo”*. A regra do tiro de saída, que foi modificada durante o ciclo olímpico de 2004-2008<sup>42</sup>, possibilitou que após um gol sofrido a equipe pudesse reiniciar o jogo independentemente dos adversários, podendo levar certa vantagem caso estes ainda estivessem na quadra de ataque ou retornando de modo não suficientemente organizado. Assim, o contra gol passou a ser uma importante forma jogada. Se bem executado, mesmo que um time tomasse um gol após muitos segundos de trabalho ofensivo do adversário, em pouquíssimos segundos o time já teria descontado este gol sofrido. Sem o desgastante trabalho ofensivo de duelo contra a defesa posicionada. Fator este que também é apontado como uma grande mudança no jogo.

Segundo o SC, a concepção e o trabalho defensivo mudou bastante - *“a profundidade de todas as equipes aumentou, independente do sistema. Todos tocam, desequilibram, todo mundo intercepta... uma coisa que, há alguns anos era diferente, todo mundo jogava de uma maneira mais conservadora, jogava mais fechado, dava possibilidade do arremesso de certa distância...hoje tem pouco espaço pra atacar. Também pela profundidade, o jogo ficou bem mais intenso. Se aumentou a velocidade, aumentou as características de componentes físicos dos jogadores”*. Assim, caso se saiba (ou consiga) fazer algo que não se conseguia por limitações físicas reais, há a possibilidade de mudar a forma jogada, e assim mudar o jogo.

---

<sup>42</sup> Informação obtida no sítio da IHF – Internacional Handball Federacion ([www.ihf.info](http://www.ihf.info)).

Com a melhora do preparo físico dos atletas, pode se jogar com mais profundidade defensiva e com mais transição, mudando a cara do jogo, tornando este muito mais dinâmico e ativo, pois cada vez menos se deixa o adversário jogar e buscar suas intenções. Houve, portanto, uma mudança importante de filosofia de defesa.

Outra mudança levantada pelo SC é que *“a transição é cada vez mais efetiva, por isso que aumentaram as preocupações com os balanços (retornos) defensivos e com as transições (entre fases). Hoje em dia o jogo é muito dinâmico, praticamente não se pode falar de ataque e de defesa, senão que o jogo é algo global”*.

Outra inclinação que o SC aponta é que houve um aprimoramento das concepções táticas do jogo que já existiam desde a década de 1990 – *“quando a gente olha um pouco a concepção tática do jogo existem mudanças, mas elas não são mudanças radicais, por exemplo: a Suécia dos anos noventa. Continuamos aplicando o passe no ponto futuro, o desmarque do pivô, o desmarque dos laterais. E com as mesmas bases do jogo, uma base de desmarque e tudo mais... foi o trabalho defensivo que se ampliou, por exemplo, como a Espanha, que é atualmente campeã do mundo”*. Se não houve grandes mudanças na estrutura do jogo de ataque, se observa uma significativa *“melhora na capacidade de resolver situações de 2x1, em várias combinações de posições e lugares”*. Deste modo, o que se modificou foi a necessidade de termos jogadores mais universais e que sejam ao mesmo tempo ótimos especialistas, para jogar bem essas situações nos seus espaços de posto específico, combinado com as posições próximas destes lugares de jogo, mas também podendo jogar bem em lugares e posições que não são a sua original. Tudo isso se dá devido a *“maior demanda de percepção, tomada de decisão (tática individual) e inteligência”*. Não só os centrais tem que ser os jogadores inteligentes do time, pontas e pivôs, além dos goleiros, também – *“Então, você tem o central, que normalmente é o maestro. Mas, você tem pontas que decidem o dois contra um com seu pivô, dois contra dois com seu lateral...”*

Por fim, importante no elo com a segunda parte da pergunta, discutida no sub item a seguir, é sobre o tema de orientações maiores para uma política de formação de atletas, no

caso, para as MEC i. Se esta análise que desenvolvemos ao longo do segundo capítulo está correta, que os jogadores das MEC i devem ser capazes de ser estrategistas, de jogar este jogo que é cada vez mais veloz e que exige cada vez mais essas características do atleta, podíamos ter uma melhor orientação do ponto de vista de uma política pensada para o caso de formação de atletas destas modalidades esportivas. Ressalta o SC que *“não tem orientações do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), que deveria ter objetivos, planejar, a partir de onde estamos, para onde vamos e o que faremos pra atingir isso”*.

### **b- Quais as principais características necessárias ao jogador atual?**

**TABELA 3**

**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N	S
1 Ter talento no jogo ofensivo	N1	S1
2 Ter biótipo para atuar defensivamente	N1	S1
3 Ser completo/ universal	N2	S1, S2
4 Ser alto	N1	S2
5 Ser atlético (atleta muito bom fisicamente)	N3	S2, S3, S4
6 Ser um jogador inteligente	N1	S3
7 Reunir condições de atuar bem taticamente	N1	S4
8 Saber conviver em grupo e saber que o jogo é coletivo	N1	S4
9 Saber adaptar-se bem durante as condições das partidas, a nível psicológico (pressão, tensão, sonhos...)	N1	S4

## QUADRO 10

### IC e DSC

IC	DSC
1 Ter talento no jogo ofensivo	DSC1=no ataque o jogador tem que ter um certo talento, ele pode até se desenvolver, durante a carreira dele, mas, pra ele ser um jogador de alto nível ele tem que ter um certo talento que está nele.
2 Ter biótipo e condições físicas para atuar defensivamente	DSC2=defensivamente, acredito que não precisa ter o talento, tem que ter um bom biótipo, tem que ter as capacidades de força e de velocidade, de uma maneira que dê para ele desenvolver no jogo. Mas, eu acredito que o treinamento pode formar os defensores.
3 Ser completo/ universal	DSC3=o jogador tem que ser cada vez mais completo. Talvez não em relação à especificidade da posição, mas também... tem que ter um ponta que saiba jogar de armador, mas ele tem que saber em relação à função dele, em todas as fases do jogo - tem que saber defender, contra-atacar, retornar e atacar... Tem que saber fazer tudo, mesmo trabalhando de uma maneira específica. Sobre o fim do especialista de ataque e do especialista de defesa: escuto nos últimos vinte anos que vai acabar mas até agora não aconteceu. Mesmo com a nova regra, que realmente está privilegiando de marcar com seis, e atacar com seis, sem troca, hoje é fato que todo mundo realiza trocas ataque-defesa.
4 Ser alto	DSC4=vamos ver jogadores mais altos pela frente (todas as populações tem ficado mais altas, não é só no esporte).
5 Ser atlético (atleta muito bom fisicamente)	DSC5= vamos ver jogadores mais atléticos, com muita disposição, jogadores mais altos, que mudem melhor de direção, com muita força, que saltam mais alto... penso que o jogador fisicamente tem que ser um atleta. O jogador toma a decisão de jogar handebol e toma a decisão de ser um atleta com todas as consequências disto. Um jogador não é um jogador de handebol do mês de março até o mês de novembro, o jogador de handebol é um jogador que toma a decisão de ser um jogador hoje e sua formação e suas condições como atleta são para a vida (até aposentar pelo menos).
6 Ser um jogador inteligente	DSC6=acima de tudo, precisamos de jogadores muito inteligentes para fazer essas coisas, porque se você tiver um grandão que não consiga pensar o jogo, ele não vai conseguir executar o jogo dessa maneira, ele vai executar de outra forma.
7 Reunir condições de atuar bem taticamente	DSC7=o jogador tem que reunir condições adequadas para atuar de forma tática.
8 Saber conviver em grupo e saber que o jogo é coletivo	DSC8=que seja capaz de conviver e ter uma ideia de jogo coletivo, que forme parte de um grupo, um coletivo. De estar dentro de um grupo e de assumir o papel que tem dentro deste grupo. Pois sabemos que em um grupo de 16, cada um tem uma parte específica dentro da quadra e uma parte específica fora da quadra. Que tenha capacidade para assumir cada uma delas.
9 Saber adaptar-se bem durante as condições das partidas, a nível psicológico (pressão, tensão, sonhos,...)	DSC9=a nível psicológico seja uma pessoa que seja capaz de se adaptar aos momentos de jogo. Lidar com a tensão, ter a capacidade de tomar decisões constantemente e também lidar

Entendida as mudanças e exigências do handebol nesse momento e como tendência, podemos pensar que características devem ter seus jogadores daqui para frente. Isso deve orientar o processo de formação de jogadores.

Alguns dos elementos enfatizados pelo SC foram na linha de que precisamos do jogador desenvolvido de forma a ser completo, universal, sabendo se adaptar bem as condições do jogo. Tanto que *“seja uma pessoa que seja capaz de se adaptar aos momentos de jogo. Lidar com a tensão, ter a capacidade de tomar decisões constantemente e também lidar bem com seus sonhos/ambições. Ter a capacidade de integrar um grupo - de estar dentro de um grupo e de assumir o papel que tem dentro deste grupo”*. Assim como que também *“seja capaz de conviver e ter uma ideia de jogo coletivo, que forme parte de um coletivo”*.

Isso nos mostra a dimensão para além da quadra das necessidades do jogador nas relações com um time. Pensar a formação de jogadores sublimando esta dimensão parece impossível. Mais ainda, pensar um jogador que saiba resolver muito bem as suas próprias situações problema dentro do jogo, mas que não saiba atuar de forma coletiva, tendo esta ideia de jogo coletivo, parece que é uma visão muito limitada do processo de formação de jogadores e das reais necessidades do handebol atual.

Uma menção feita no discurso do SC foi no sentido de diferenciar a formação no ataque e na defesa. Deste modo, *“no ataque o jogador tem que ter um certo talento, ele pode até se desenvolver, durante a carreira dele, mas, pra ele ser um jogador de alto nível ele tem que ter um certo talento que está nele”*. Já defensivamente, é necessário *“ter biótipo e condições físicas para atuar”* bem. Muito embora essa distinção tenha sido feita, há uma noção que *“vamos ver jogadores mais altos, [...] mais atléticos, com muita disposição, [...] que mudem melhor de direção, com muita força, que saltam mais alto... penso que o jogador fisicamente tem que ser um atleta”*. A necessidade de jogadores fisicamente capazes de jogar o jogo, com as demandas que o jogo é jogado hoje em dia (e tende a agudizar estas demandas), no alto nível mundial, parece que é defendida de forma uníssona.



Retomando a noção de que o jogador deve ser cada vez mais completo, afirma o SC que “[...] *tem que ter um ponta que saiba jogar de armador, mas ele tem que saber em relação à função dele, em todas as fases do jogo - tem que saber defender, contra-atacar, retornar e atacar... Tem que saber fazer tudo, mesmo trabalhando de uma maneira específica*”.

Para além do que foi levantado, como características necessárias para o jogador de handebol, deve ser enfatizado que, “*acima de tudo, precisamos de jogadores muito inteligentes para fazer essas coisas, porque se você tiver um grandão que não consiga pensar o jogo, ele não vai conseguir executar o jogo dessa maneira, ele vai executar de outra forma. O jogador tem que reunir condições adequadas para atuar de forma tática. [...] Ser um jogador inteligente*”. Deste modo, há a afirmação que “*acima de tudo*” o importante é formar jogadores inteligentes, muito embora a concepção do que seria este jogador inteligente não seja a mesma, em todo seu prisma de possibilidades, da que defendemos no corpo do trabalho. A necessidade, por nós defendida, de alargar o conceito de inteligência utilizado no handebol, deve aparecer mais a frente, nas perguntas mais específicas sobre este tema.

### 6.3 Você tem uma filosofia de jogo de handebol? Qual a sua concepção do jogo?

**TABELA 4**

**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N	S
1 Ainda existem países e / ou regiões com sua filosofia de jogo	N3	S1, S2, S3
2 Formação a partir da combinação do entendimento espanhol e nórdico	N1	S1
3 Tem que ser elaborada a partir dos atletas que você vai ter para trabalhar	N1	S2
4 Ter algumas ideias do que você quer independente dos atletas / time	N1	S2
5 Existem diferenças de pessoa para pessoa na forma de ver o jogo (filosofia)	N1	S4
6 O Trabalho defensivo como garantia para desenvolver o restante do jogo	N1	S4
7 A capacidade de lutar e persistir na luta pelo que se quer dentro de quadra é fundamental	N1	S4
8 O jogo coletivo sobressai ao jogo individual.	N1	S4
9 Há que estabelecer regras ( <i>princípios</i> ) no jogo coletivo e também pautas a nível individual para os jogadores poderem se situar neste trabalho coletivo	N1	S4

## QUADRO 11

### IC e DSC

IC	DSC
1 Ainda existem países e / ou regiões com sua filosofia de jogo	DSC1=os países nórdicos, a Suécia, a Dinamarca... atuam bem parecido, valorizam muito a questão da técnica individual. Eu vejo outras escolas como a Espanha e a França, que valorizam bastante o trabalho de transição, de defesa e transição para o ataque – este é o ponto forte deles. Focam também o trabalho individual, mas eles valorizam mais o trabalho coletivo, principalmente na fase defensiva. A escola espanhola na verdade é uma escola que foi buscar na estrutura da escola francesa, sua forma de trabalho, que seria um estudo sobre as diversas ações do jogo, a hierarquização do jogo, a especialização dos postos e das ações coletivas. E há outros lugares, como a Alemanha... Na Hungria temos um handebol totalmente diferente de todos os lugares, que eu nem sei definir o que é. Coletivamente não é um jogo tão rico, eles valorizam muito as ações individuais. Eu acho que cada um tem uma filosofia de jogo e eu acho que está bem claro, analisando várias seleções, clubes, que eles têm a filosofia de como eles estão querendo jogar. O jogo é meio parecido com a vida; existem algumas tendências históricas de escola de jogo que expressam filosofias muito claramente. Existe esta filosofia nórdica, uma do leste europeu, da Rússia, que fica um pouco bebendo dessa água, mas que também flerta com uma coisa mais de força... Sendo assim, tem algumas culturas que já têm isso muito claro, mas para a gente ter essa cultura vai levar certo tempo.
2 Formação a partir da combinação do entendimento espanhol e nórdico	DSC2= acho que pela minha educação aqui no clube, eu aprendi muito mais dentro das ofensivas espanholas, que agente usa bastante aqui no Brasil, até pelos treinadores que vieram para as seleções... Mas eu aprendi também com a vinda do Morten Soubak um pouco dessa filosofia nórdica que é do sistema defensivo 6:0. Algumas questões técnicas, táticas e individuais de goleiro, que são diferente na escola nórdica, além do trabalho do pivô. Algumas questões que talvez sejam detalhes do jogo.
3 Tem que ser elaborada a partir dos atletas que você vai ter para trabalhar	DSC3= a filosofia tem que ser avaliada, analisada, criada através dos tipos de atletas que você tem na sua mão, porque uma coisa é ter uma equipe de coreanos, outra é ter uma equipe de alemães, de dois metros de altura, talvez a mesma filosofia não bata nos dois times. Então, a coisa tem que ser feita através dos atletas que você tenha na sua mão.
4 Ter algumas ideias do que você quer independente dos atletas / time	DSC4=sempre tem ideias do que você acredita. Por exemplo: se você tem uma equipe que você acha melhor marcar 3:2:1, eu acho que você tem que estabelecer algumas normas e regras que faça todo mundo ficar sabendo como você quer trabalhar o seu 3:2:1... Como você quer fazer seu contra- ataque, a partir do 3:2:1? Quem é o titular? Ele vai voltar e trazer a bola, ou ele vai para ponta... Qual é a função? Eu acho que dependendo disso, você tem que ter uma ideia, como você quer organizar todos os passos do jogo independente do sistema defensivo...
5 Existem diferenças de pessoa para pessoa na forma de ver o jogo (filosofia)	DSC5=penso que como somos todas pessoas diferentes, também teremos um conceito diferente do que queremos do nosso esporte, das nossas coisas... Eu penso que as diferenças entre os treinadores muitas vezes vêm determinadas pelas diferenças pessoais que tem cada um. Porque a princípio, quando começa a dar treinos, a filosofia é copiada, influenciada pelas pessoas que estão conosco. Mas a partir do momento que se começa um caminho, você vai gerando sua própria filosofia e também sua própria imagem exterior do que você é, e do que representa para as pessoas que ficam perto de você. É a partir daí que você gera um pouco das suas próprias preferências, no jogo, na forma de atuar, que também podem modificar-se à medida que vai caminhando, à medida que vai evoluindo.
6 O Trabalho defensivo como garantia para desenvolver o restante do jogo	DSC6=é muito importante o trabalho defensivo. Penso que a defesa sempre dá a consistência e as garantias para se desenvolver o jogo.
7 A capacidade de lutar e persistir na luta pelo que se quer dentro de quadra é fundamental	DSC7= a capacidade de persistência e de briga/luta que tem os jogadores na quadra é um ponto diferencial.
8 O jogo coletivo jogo sobressai ao individual.	DSC8= o jogo coletivo deve se sobrepor ao jogo individual. O coletivo na equipe, no convívio das figuras - não figuras entendidas como aquele jogador que se destaca fisicamente, ou fazendo mais gols - que para mim é aquela pessoa que se identifica como o líder do grupo, a pessoa que tem capacidade de tomar decisões, a capacidade de comandar um grupo e de influenciar sobre os demais.

<p>9 Há que estabelecer regras (<i>princípios</i>) no jogo coletivo e também pautas a nível individual para os jogadores poderem se situar neste trabalho coletivo</p>	<p>DSC9=quando se escolhe um sistema defensivo ou de ataque, este tem suas regras, tem regras coletivas e também tem regras individuais. Há que estabelecer as regras (<i>princípios</i>) no jogo coletivo e também as pautas no nível individual, para os jogadores poderem atuar dentro deste trabalho coletivo. Para que cada jogador atue na função do posto específico que ocupa, tem que saber jogar.</p>
--	---

A primeira ideia que trouxe o SC nessa questão é referente às “escolas de jogo”, culturalmente firmadas ao longo da história nas diferentes regiões ou países em que o handebol foi mais desenvolvido. Assim, como trouxemos no quarto capítulo, houve uma evolução do jogar e das formas de entender a modalidade muito em função dos confrontos entre essas diferentes “escolas”. Segundo o SC, *“o jogo é meio parecido com a vida; existem algumas tendências históricas de escola de jogo que expressam filosofias muito claramente. Existe esta filosofia nórdica, uma do leste europeu, da Rússia, [...] outras escolas como a Espanha e a França, que valorizam bastante o trabalho de transição, de defesa e transição para o ataque – este é o ponto forte deles. Focam também o trabalho individual, mas eles valorizam mais o trabalho coletivo, principalmente na fase defensiva. [...] E há outros lugares, como a Alemanha, [...] a Hungria...”* Hoje em dia, há um intercâmbio muito grande entre seleções nacionais, clubes e jogadores, que atuam juntos quase o ano todo em um determinado clube, com companheiros de equipe de várias seleções nacionais diferentes, sob a visão de jogo de um treinador que não necessariamente vem da mesma “escola” que ele, de modo a causar uma certa integração entre as diferentes formas de ver o jogo.

De certa maneira, essa integração, algumas vezes de forma sintética, e em outros momentos de forma a realizar uma somatória de partes que não dialogam, ocorre também aqui no Brasil. Por isso, por um lado o SC se diz formado nessa integração; *“eu aprendi muito mais dentro das ofensivas espanholas, que agente usa bastante aqui no Brasil, até pelos treinadores que vieram para as seleções... Mas eu aprendi também com a vinda do Morten Soubak um pouco dessa filosofia nórdica que é do sistema defensivo 6:0”*.

Por outro lado, o SC afirma pensar que *“como somos todas pessoas diferentes, também teremos um conceito diferente do que queremos do nosso esporte, das nossas coisas... Eu penso que as diferenças entre os treinadores muitas vezes vêm determinadas pelas diferenças pessoais que tem cada um”*.

É possível distinguir duas vertentes opostas e complementares da fala do SC sobre sua filosofia de jogo. Uma dessas vertentes vai na linha de que não se pode ter uma filosofia independente da realidade, ou seja, que, por exemplo, não leve em consideração os jogadores com que se vai trabalhar. Deste modo, *“a filosofia tem que ser avaliada, analisada, criada através dos tipos de atletas que você tem na sua mão, porque uma coisa é ter uma equipe de coreanos, outra é ter uma equipe de alemães”*.

A outra vertente caminha no sentido de que “sempre tem ideias do que você acredita”, independente da sua equipe. Possivelmente ambas devam caminhar junto, é importante submeter sempre a realidade suas preferências, ao passo que é fundamental assumir o seu modo de ver as coisas, de pensar a modalidade, que é uma só, independente da “escola”.

Um exemplo disso é quando o SC argumenta sobre essas ideias que podem prevalecer sobre as diferentes “escolas”: *“é muito importante o trabalho defensivo. Penso que a defesa sempre dá a consistência e as garantias para se desenvolver o jogo [...] a capacidade de persistência e de briga/luta que tem os jogadores na quadra é um ponto diferencial [...] o jogo coletivo deve se sobrepor ao jogo individual [...] quando se escolhe um sistema defensivo ou de ataque, este tem suas regras, tem regras coletivas e também tem regras individuais. Há que estabelecer as regras (princípios) no jogo coletivo e também as pautas no nível individual, para os jogadores poderem atuar dentro deste trabalho coletivo. Para que cada jogador atue na função do posto que ocupa”*. Neste último ponto entra para nós a noção dos princípios de jogo, pois, estas “regras” (ou consignas) orientam o entendimento coletivo do jogo de modo a possibilitar a comunicação entre os jogadores, orientar sua criação, e manter os objetivos e estratégias sempre em vista. Isso vai permitir também que a filosofia do determinado treinador não vá de encontro com as características determinantes da modalidade esportiva trabalhada.

**6.4 Como você definiria ou caracterizaria um jogador inteligente? É possível formar jogadores inteligentes? Há transferência / consequência dessa inteligência desenvolvida e treinada como jogador para fora de quadra, como atleta e como pessoa? Jogadores mais inteligentes são pessoas mais inteligentes e não só experts?**

**TABELA 5**

**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N	S
1 Sim, é possível formar jogadores inteligentes	N4	S1, S2, S3, S4
2 Formar o jogador de forma completa	N3	S1, S3, S4
3 Criar ações, sem sair dos combinados coletivos	N1	S1
4 Sim e não (sobre a transferência)	N3	S1, S3, S4
5 Entender o jogo e tomar decisões certas	N1	S2
6 Para formar é preciso treinar repetidas vezes	N1	S2
7 Não tem transferência para fora da quadra	N1	S2
8 O meio influencia e pode ajudar na transferência	N1	S3
9 Tem o craque inato e tem os excelentes jogadores que foram formados	N2	S3, S4
10 Tem que saber fazer e saber por que fazer, antecipadamente	N2	S3, S4
11 Têm jogadores que poderiam ser bons em qualquer MEC i (transferência entre modalidades)	N1	S4

## QUADRO 12

### IC e DSC

IC	ECH
1 Sim, é possível formar jogadores inteligentes	DSC1=sim é possível formar. Entendo que o jogador inteligente pode se trabalhar, mas que há jogadores que vai ficar muito difícil que sejam jogadores que taticamente tenham certa resposta, e que a única forma que temos para que estes jogadores melhorem é através da experiência, mas que ainda assim não sabemos se sua performance será adequada.
2 Formar o jogador de forma completa	DSC2=só que pra chegar no alto nível, não adianta só ser inteligente. Muitos jogadores que jogam até Cadete, Juvenil... ou sobressaem porque tem uma boa capacidade de entendimento do jogo e fisicamente não é tão bom, ou por serem mais fortes, e/ou mais rápidos e sem a inteligência contemplada. Na sequência não viram bons jogadores por não unirem os dois lados. O lado de entendimento do jogo é tão importante quanto às capacidades físicas. Eu acho que o jogador inteligente é importante, mas o esporte hoje, você tem que estar completo, se não ou vai ter dificuldade para jogar ou nem consegue jogar.
3 Criar ações, sem sair dos combinados coletivos	DSC3= o jogador inteligente tem que criar as ações, mas o time tem uma maneira de jogar, tem que estar dentro dessa maneira. Ele cria as possibilidades - ou para ele conseguir jogar, ou para servir seus companheiros. Acho que criatividade é a palavra chave, não ficar preso só às ações mecânicas, ou ao que o treinador pede, mas ele criar ações, em todas as fases do jogo, para arremessar, pra defender, para contra-atacar, para tudo... acho que criatividade é uma palavra que resume bem o jogador que é inteligente.
4 Sim e não (sobre a transferência)	DSC4=sim e não... as vezes é inteligente para jogar Handebol, mas talvez para uma atividade escolar ele não seja... esse é um jogador inteligente, não uma pessoa inteligente. Mas, ele tem uma inteligência para o jogo, que é legal. Mas pode ser que o cara seja mais criativo para outras coisas, mas acho que em geral não é, pelos exemplos que eu vejo. Mas há jogadores que são completos, fora da quadra são jogadores inteligentes e dentro da quadra são jogadores inteligentes. Penso que não há um padrão... Ou seja, eu tive muitos bons jogadores que fora da quadra são pessoas normais. Mas dentro da quadra se transformam. E tive jogadores que são muito inteligentes fora e na quadra são muito ruins.
5 Entender o jogo e tomar decisões certas	DSC5=temos atletas que entendem o jogo melhor que os outros, mas temos que estimular que todo atleta sempre tome a decisão certa.
6 Para formar é preciso treinar repetidas vezes	DSC6=através da repetição, pondo os atletas seis milhões de vezes na mesma posição para aprender o que fazer nessa situação, e, ainda assim, alguns se sairão melhor do que os outros, e quem se sair melhor, vai ficar na equipe. Mas isso tem que ser treinado, provado, incrementado, desde muito cedo. Sempre dependendo das situações: vale a pena fazer dribles, não vale a pena, vale a pena fazer a bola alta, longa, curta... assim ir treinando a inteligência.
7 Não tem transferência para fora da quadra	DSC7=não vejo relação. Eu acho que esses jogadores em quadra são muito inteligentes, mas quando saem desta já não são.
8 O meio influencia e pode ajudar na transferência	DSC8=acredito muito que o meio (ambiente) favorece bastante as questões gerais. Então, se você tem uma pessoa que estuda, que vai ao cinema, vai ao teatro, que tem um bom vocabulário, que fala outra língua... quando você vai falar com ele sobre o jogo, ele entende muito melhor. Ele tem acesso à cultura, acesso a dinheiro, a passeio (lazer), etc. Se eles tivessem um ambiente muito bem preparado e uma discussão muito bem interessante do jogo, é muito provável que eles conseguiriam entender mais rapidamente o jogo e decidir mais rapidamente. Quando pega um jogador de uma escola pública, de periferia, que às vezes não tem tanto acesso essas coisas, ele demora mais para entender. Se ele tiver uma oportunidade maior de cultura, de lazer, de estudo, ele vai conseguir fazer uma transferência maior para o aprendizado do jogo. Desde que o treinador faça também o ambiente favorável.
9 Tem o craque inato e tem os excelentes jogadores que foram formados	DSC9= tem o craque que ele é inato, mas não é todo mundo que tem essa capacidade de ter nascido e de decidir. Pode pegar aí alguns exemplos como Pelé, Messi, etc. Há muitas vezes que você vai assistir a um jogo, aos 10 minutos, 15 minutos, já detecta facilmente este jogador que é um diferencial. Porque em 20 minutos, o que ele faz, não fazem os demais jogadores em 60 minutos. Mas a capacidade de tomar decisões, a capacidade de ações e de <u>deslocamentos</u>

---

10 Tem que saber fazer e saber por que fazer, antecipadamente	<p><u>intencionais</u> que fazia este jogador, não faziam os demais. Há que se caracterizar aquele jogador que é inteligente de forma inata. Eu penso que hoje em dia os meninos sabem jogar, porque é algo inato neles. O que devemos saber é se esta capacidade de jogar é adaptável dentro da modalidade handebol. E tem os menos craques, mas que são excelentes jogadores. Estes, quanto mais puderem ter outras atividades fora, mais vão ter a capacidade de transferir para dentro do jogo. Mas depende muito da habilidade do treinador de fazer isso. Porque se o treinador não consegue nem montar um ambiente favorável, nem discutir isso, vai ficar só um menino inteligente do lado de fora da quadra, porque o jogo para ele não foi tão bem elaborado. Estes jogadores precisam ser inteligentes a partir das informações que recebem, ter a oportunidade de evoluir. Eu penso que nos segundos, precisamos trabalhar com eles, e nos primeiros, os craques inatos, precisamos ajuda-los a que sigam melhorando esta faceta.</p> <p>DSC10=tem que saber fazer, saber por que fazer. O jogo é provido de ações e tomadas de decisões. As ações são as consequências dessas decisões tomadas. Então quanto mais decisão correta ele toma, melhor ele avalia o momento, o tempo, o espaço, o elemento e o adversário no jogo. Esses segundos que ele leva a frente do outro, diferenciam. A antecipação tem que estar premiada por competência e as experiências, porque ele sabe o que vai acontecer, mas se ele não sabe que tem que ter um deslocamento, se ele não sabe usar um recurso de pernas e braços, talvez ele até chegue, mas ele perde a bola. Ele tem uma boa leitura, mas perde a bola... Quando você executa ações desde sempre, com escola da bola, com ações de jogos e brincadeiras, que a partir dessas atividades eles têm que tomar decisões sempre, eles vão aprendendo a discutir o jogo a interpretar o jogo e a escrever o jogo. Assim, há jogadores que tem uma capacidade tática de adaptação muito boa e, estes, com um bom nível físico, podem chegar a ser bons jogadores.</p>
12 Têm jogadores que poderiam ser bons em qualquer MEC i (transferência entre modalidades)	<p>DSC12=há jogadores que poderiam ser bons jogando basquete, jogando futebol e jogando handebol. Estes são os típicos jogadores que, em qualquer coisa que tivessem escolhido, seriam bons jogadores.</p>

---

De forma uníssona o SC afirma ser possível formar jogadores inteligentes. A questão que fica é sobre os conceitos de jogador inteligente e de inteligência que são utilizados na sua fala. Muito se baseia, ainda, no conceito de que inteligência se traduz por boa capacidade de percepção, de tomada de decisão e de ação antecipada por parte deste ser humano que está a jogar. Muito embora se baseie nessa ideia do que é inteligência, há pequenos apontamentos que podem ser mostras de um conceito mais amplo e complexo do que venha a ser inteligência.

Para nós, podemos alargar o conceito de inteligência utilizado no debate da formação de jogadores no handebol (assim como no Esporte como um todo), e por isso nos baseamos muito na teoria da inteligência criadora. Deste modo, pensaríamos essa formação de jogadores com maior ambição, no sentido de formar este ser humano que joga com mais autonomia, maior criatividade e maior capacidade de elaborar planos estratégicos, a fim de objetivar e inventar (escrever) outras realidades. Como pode se notar certas vezes, as falas dos treinadores entrevistados não foram expressas no mesmo tom da literatura citada. De modo que não significa necessariamente que há discordância, nem similaridade.



Feita essas considerações, nos voltemos ao discurso do SC. Muito embora se confirme a possibilidade de formar jogadores inteligentes, há algumas ponderações, como por exemplo, a ideia de que somente ser inteligente não basta: “*só que pra chegar no alto nível, não adianta só ser inteligente[...] O lado de entendimento do jogo é tão importante quanto às capacidades físicas. Eu acho que o jogador inteligente é importante, mas no esporte hoje, você tem que estar completo, se não ou vai ter dificuldade para jogar ou nem consegue jogar*”. Nesta linha, o SC reforça que “*há jogadores que tem uma capacidade tática de adaptação muito boa e, estes, com um bom nível físico, podem chegar a ser bons jogadores*”. Muito embora, lembramos que, para Marina (2010), querer realizar o que se planejou e ter energia, vontade e capacidade suficiente para tal faz parte da noção da inteligência criadora.

Outra afirmação importante do SC é no sentido de exaltar a característica criadora que define o jogador inteligente. Em tempo, reforça que a criatividade do jogador inteligente tem que dialogar com a dimensão coletiva do jogo. Assim, “*o jogador inteligente tem que criar as ações, mas o time tem uma maneira de jogar, tem que estar dentro dessa maneira. Ele cria as possibilidades - ou para ele conseguir jogar, ou para servir seus companheiros. Acho que criatividade é a palavra chave [...] o treinador pede, mas ele criar ações, em todas as fases do jogo, para arremessar, pra defender, para contra-atacar, para tudo... acho que criatividade é uma palavra que resume bem o jogador que é inteligente*”.

De forma diferente, a fala do SC também foi a de caracterizar o jogador inteligente a partir da possibilidade de “*entender o jogo e tomar decisões certas*”, defendendo para que isto ocorra um modo de treinar que é o da repetição: “*através da repetição, pondo os atletas seis milhões de vezes na mesma posição para aprender o que fazer nessa situação [...] Sempre dependendo das situações: vale a pena fazer dribles, não vale a pena; vale a pena fazer a bola alta, longa, curta... assim ir treinando a inteligência*”. De acordo com o que defendemos no corpo do texto, não é tão somente através da repetição, através da quantidade de trabalho realizado, que conseguiremos formar jogadores inteligentes. Pelo menos não na concepção do que seria para nós o jogador inteligente.

Sobre a ideia de transferência da inteligência desenvolvida para além do handebol, houve contrariedade nas falas do SC. Encontramos desde a clara posição de que “*não*

*tem transferência para fora da quadra”, até a noção de que “o meio influencia e pode ajudar na transferência”. Além disso, verificamos também a defesa de transferência entre as MEC i: “há jogadores que poderiam ser bons jogando basquete, jogando futebol e jogando handebol. Estes são os típicos jogadores que, em qualquer coisa que tivessem escolhido, seriam bons jogadores”. Para defender a transferência da inteligência de fora do âmbito esportivo, o SC enfatiza a importância do meio nesse processo: “se você tem uma pessoa que estuda, que vai ao cinema, vai ao teatro, que tem um bom vocabulário, que fala outra língua... quando você vai falar com ele sobre o jogo, ele entende muito melhor. Ele tem acesso à cultura, acesso a dinheiro, a passeio (lazer) etc. Se eles tivessem um ambiente muito bem preparado e uma discussão muito bem feita do jogo, é muito provável que eles conseguiriam entender mais rapidamente o jogo e decidir mais rapidamente”.*

Verifica-se também a diferenciação entre “o craque inato e [...] os excelentes jogadores que foram formados”. Isso reflete na capacidade diferenciada de jogar – “há muitas vezes que você vai assistir a um jogo, aos 10 minutos, 15 minutos, já detecta facilmente este jogador que é um diferencial. Porque em 20 minutos, o que ele faz, não fazem os demais jogadores em 60 minutos. Tanto se era acertado, como se não era acertado. Mas a capacidade de tomar decisões, a capacidade de ações e de deslocamentos intencionais que fazia este jogador, não faziam os demais. Há que se caracterizar aquele jogador que é inteligente de forma inata. Eu penso que hoje em dia os meninos sabem jogar, porque é algo inato neles. O único que devemos saber é se esta capacidade de jogar é adaptável dentro da modalidade handebol. E tem os menos craques, mas que são excelentes jogadores. Estes, quanto mais puderem ter outras atividades fora, mais vão ter a capacidade de transferir para dentro do jogo. Mas depende muito da habilidade do treinador de fazer isso”. Para nós, a intencionalidade das ações realizadas é um bom parâmetro para observar os comportamentos inteligentes em um jogo. Enfatizamos os “deslocamentos intencionais”, pois, dentre as ações do jogo, o deslocar-se no espaço-tempo é o que constrói o modo como o jogador se coloca enquanto sujeito no jogo. Por que está aqui e não em outro lugar? Por que agora e não antes ou depois? Por que percorre esse caminho, nesse ritmo e nesse momento do jogo? Isso diz muito sobre o que é o jogar.

Por fim, aparece o que nós chamamos de jogador inteligente como aquele que sabe fazer e sabe por que fazer, de modo antecipado (inteligente como o que interpreta, lê e escreve o jogo). Assim, o SC nos traz essa noção: *“tem que saber fazer, saber por que fazer. O jogo é provido de ações e tomadas de decisões. As ações são as consequências dessas decisões tomadas. [...] com ações de jogos e brincadeiras, [...] a partir dessas atividades eles têm que tomar decisões sempre, eles vão aprendendo a discutir o jogo, a interpretar o jogo e a escrever o jogo”*.

**6.5 Que tipos de treinamentos e demais atividades devem ser empregados para formar jogadores inteligentes? Que tipos de intervenções durante os treinos um treinador (e sua comissão técnica) devem ter para formar jogadores inteligentes? E nos jogos? Podemos pensar a formação de jogadores inteligentes também na categoria adulta? Como desenvolver esses comportamentos/ ações inteligentes dos jogadores adultos?**

**TABELA 6**  
**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N	S
1 Abrir um leque de opções para os jogadores observarem e desenvolverem	N2	S1, S3
2 Usar <i>feedback</i> visual de filmar os jogos	N1	S1
3 Propor situações de treino na prática interligadas com a análise de vídeo	N1	S1
4 Trabalho diferenciado pela faixa etária	N1	S1
5 Treinador conversar com os atletas sobre os treinos, explicitando o porque das coisas (explicitar o todo para os atletas, para que tenham o entendimento tático e o entendimento do esporte)	N2	S2, S4
6 Formar como adulto é muito difícil , mas é possível se tiver uma certa base	N2	S2, S3
7 Formar treinadores inteligentes, para que a gente possa formar jogadores inteligentes	N1	S3
8 Planejar o aprendizado técnico aliado à parte tática-estratégica , com uma metodologia e o entendimento geral das ações	N1	S3
9 O jogo como continuidade do treino (principal responsabilidade do treinador é no	N2	S3, S4

---

treinamento – quem joga são os jogadores)

10 Diferenciar a formação de saber –fazer o jogo, da formação em apenas saber do jogo	N1	S3
11 O treinador está lá para por problemas dentro da quadra e ver se os jogadores tem capacidade para resolvê-los e, se não resolvê-los, ajuda-los para encontrar as ideias	N1	S4
12 Pensar a formação de modo global, com ênfase ao trabalho tático	N1	S4
13 Formar como adulto é possível se não tiver tido nenhuma má formação prévia (sem vícios)	N1	S4

---

## QUADRO 13

### IC e DSC

---

IC	DSC
1 Abrir um leque de opções para os jogadores observarem e desenvolverem	DSC1=treinador tem uma responsabilidade muito grande com isso, porque é ele que vai abrir esse leque de opções para o jogador observar e desenvolver. Praticamente é impossível ter um jogador que chegue ao alto nível e ser um jogador que você chama de inteligente, se ele não teve bons treinadores na formação. O treinador é muito importante nesse processo todo, tanto no cotidiano quanto nos jogos.
2 Usar <i>feedback</i> visual de filmar os jogos	DSC2=usar o <i>feedback</i> visual, filmar os jogos independente da idade. Em toda competição e em todo treino, você tem um objetivo. Já que o <i>feedback</i> verbal você usa, mas pelo estresse do jogo fica difícil do jogador perceber, usa-se, dias depois do jogo, em uma situação mais tranquila, o <i>feedback</i> visual, dele mesmo jogando.
3 Propor situações de treino na prática interligadas com a análise de vídeo	DSC3=eu acho que a análise de vídeo é tão importantes quanto às situações de treino na prática, eu acho que um depende do outro.
4Trabalho diferenciado pela faixa etária	DSC4=que você tem que dar o estímulo ótimo para aquela idade. Qual a faixa etária que eu trabalho? Essa... Então nessa idade eu tenho que trabalhar isto e dar esses estímulos aqui, que está na idade ótima para isso. Esperando que ele chegue no adulto “pronto”.
5 Treinador conversar com os atletas sobre os treinos, explicitando o porque das coisas (explicitar o todo para os atletas, para que tenham o entendimento tático e o entendimento do esporte)	DSC5=é importante que o técnico converse com os atletas falando sobre os treinos, porque nós estamos fazendo o que nós estamos fazendo... Para cada atleta entender por que nós estamos treinando isso agora, e qual é a ideia do curto prazo e qual a ideia do longo prazo. Também colocar metas para os atletas, tecnicamente, taticamente, fisicamente...
6 Formar como adulto é muito difícil , mas é possível se tiver uma certa base	DSC6=formar como adulto eu acho muito difícil. Se a meta e chegar entre os melhores, é difícil. Não tenho dúvida nenhuma que é possível, mas tem que chegar com certa formação. Eu diria que a gente consegue modificar sim o jogador adulto. O que é difícil é quantificar o quanto se consegue, e aí entra a questão dele já ter solidificado uma série de ações, ter passado pelo grande momento de aprendizado e tudo mais. Mas, quando você começa a falar com ele, oferece situações de treino, passa vídeos, filma o jogador treinando e mostrar para ele de novo, não é possível que ele não modifique algumas coisas. Mas eu acredito sim, que eles possam modificar. Não acho um absurdo falar de formação de jogadores inteligentes na categoria adulta.
7 Formar treinadores inteligentes, para que a gente possa formar jogadores inteligentes	DSC7=primeiro eu acredito muito que a gente precisa fazer treinadores inteligentes, para que a gente possa formar jogadores inteligentes. A gente precisaria estimular uma série de ações que eles pudessem vivenciar e experimentar, e depois ter alguém que pudesse apontar, não necessariamente caminhos, mas acertos e erros, possibilidades de sugestões. Hoje a gente percebe núcleos em vários lugares onde boas ações acontecem, mas essas ações não são

---

---

	<p>socializadas de maneira geral. Há que pensar que a profissão de treinador quase sempre é de educadores físicos. E a oportunidade de trabalho cada vez mais rara, o salário é cada vez mais difícil e o fator de quase não termos pessoas que querem ser treinadores. Temos poucos treinadores, menos ainda treinadores inteligentes; e assim vamos ter poucos atletas inteligentes. Com poucos treinadores inteligentes, temos poucos atletas inteligentes. Primeiro o cara tem que ter conhecimento específico do que ele está fazendo, conhecer a parte de fisiologia, conhecer a parte de crescimento, conhecer a parte dos momentos necessários para determinadas aprendizagens... É preciso que ele tenha um lugar que favorecem o trabalho tranquilo do treinador. A gente teria que ter uma federação e treinadores de equipe que entendessem que aquele processo tem que ser daquele jeito.</p>
<p>8 Planejar o aprendizado técnico aliado à parte tática-estratégica, com uma metodologia e o entendimento geral das ações</p>	<p>DSC8=devemos ter o entendimento geral das ações e a aplicação de uma metodologia que contemple o aprendizado técnico aliado à parte tática e estratégica de vencer o goleiro em vários lugares. A estratégia de vencer os jogadores em vários lugares, isso é fundamental para desenvolvimento da inteligência. Ao mesmo tempo, os jogadores têm que ter informação. Informação do jogo individual, da tática individual, do jogo coletivo, do jogo dos mais velhos, do jogo dos mais novos. Se a gente conseguir somar essas ações, é possível que a gente consiga aumentar a quantidade de jogadores inteligentes que temos.</p>
<p>9 O jogo como continuidade do treino (principal responsabilidade do treinador é no treinamento – quem joga são os jogadores)</p>	<p>DSC9=O jogo é uma continuidade do treino, algumas pistas, algumas ideias, algumas ações, ou até lembrar coisas, o treinador deve fazer. A gente tem treinadores que narram o jogo, que passam o jogo todo dizendo 'passa aqui, vá pra lá'. Os treinadores de categoria menores também brigam muito com outros treinadores e com a arbitragem. Eu acredito que a responsabilidade do treinador é o treinamento. No jogo, o treinador tem que saber dirigir, tem que saber colocar os jogadores no lugar adequado, tem que dar informações muito concretas e muito certas, mas o que nunca tem que fazer é continuamente dirigir os seus jogadores. Sobre tudo nas etapas de formação. Para mim o treinador que está na quadra continuamente dirigindo cada deslocamento da sua equipe, está errado. Esta não é a forma de treinar um time.</p>
<p>10 Diferenciar a formação de saber –fazer o jogo, da formação em apenas saber do jogo</p>	<p>DSC10=evidentemente que é difícil quantificar essa inteligência, às vezes um jogador pode até entender o jogo, mas não tem a capacidade de colocar em prática aquilo que entendeu. Então, na verdade, você não conseguiu avançar no aspecto de realizar do jogo, apenas com o aspecto de pensar o jogo.</p>
<p>11 O treinador está lá para por problemas dentro da quadra e ver se os jogadores tem capacidade para resolvê-los e, se não resolvê-los, ajuda-los para encontrar as ideias</p>	<p>DSC11=eu acredito que o treinador está lá para por problemas dentro da quadra e olhar para ver se os jogadores tem capacidade para resolvê-los e, se não resolvê-los, ajudá-los para começarem a resolvê-los e encontrar as ideias. Eu não concordo muitas vezes com o treinador que dá excessivas informações aos jogadores, porque os jogadores têm que ter capacidade para descobrir suas próprias decisões na quadra. Em um esporte sempre há muitas decisões que podem ser positivas, não somente aquela que expõe o treinador. Penso que nós treinadores temos que fazer uma planificação de objetivos e de exercícios, o jogador tem que saber descobrir e evoluir dentro destes treinamentos.</p>
<p>12 Pensar a formação de modo global, com ênfase ao trabalho tático</p>	<p>DSC12=por isso eu penso que a formação de um jogador, tem que ser uma formação global. Dou uma importância ao trabalho tático e tomada de decisão, mas também temos que entender da globalidade da formação do jogador. Por isso temos que incentivar sobretudo o trabalho tático no treinamento, e não o trabalho analítico. O trabalho analítico forma partes, é um pouco do reforço que necessita o jogador para que a tomada de decisão tenha efetividade. Se um jogador evolui muito taticamente também tem que saber arremessar, saber arremessar forte, tem que ter variedade nos passes, nos arremessos porque senão, por mais que você saiba a decisão que tem que tomar, se não acompanha o aspecto motriz, o aspecto físico, é muito difícil jogar.</p>
<p>13 Formar como adulto é possível se não tiver tido nenhuma má formação prévia (sem vícios)</p>	<p>DSC13=somente se pode formar um jogador inteligente já adulto, quando este jogador não teve informação. É a única esperança que se tem. Se não é assim, é muito difícil. Eu penso que a etapa cadete é uma das melhores etapas para formar os jogadores, tanto em um aspecto, como em outro. Segundo ano infantil, primeiro e segundo ano cadete, para mim são três anos mais importantes, um dos três anos mais importantes na formação do jogador. A partir daí você entra em outro tipo de formação, física, as qualidades técnicas, mas o entendimento do esporte, o entendimento tático, para mim é muito importante. Um jogador adulto, que já não adquiriu aspectos táticos, fica bastante complicado ter que trocar os defeitos que tem. Então a única esperança que temos para formar um jogador inteligente na fase já adulta, é que seu treinamento tenha sido tão ruim que tenha escondido nele um potencial e que, a partir das</p>

---

---

informações dadas à ele, tenha capacidade para seguir adiante. Se esse jogador teve bons treinadores, e não tenha tido a capacidade de evoluir taticamente, é bem difícil que na idade adulta ainda possa evoluir.

---

Verifica-se que o SC enfatizou a importância do treinador nesse processo, tanto no que tange sua tarefa de planejar e organizar os conteúdos, quanto na sua capacidade de interferir (positiva e/ou negativamente) no processo de ensino-aprendizagem-vivência-treinamento do jogador. Primeiramente enfatiza-se esta importância – *“treinador tem uma responsabilidade muito grande com isso, porque é ele que vai abrir esse leque de opções para o jogador observar e desenvolver. Praticamente é impossível ter um jogador que chegue ao alto nível e ser um jogador que você chama de inteligente, se ele não teve bons treinadores na formação. O treinador é muito importante nesse processo todo, tanto no cotidiano quanto nos jogos”*. Ressalta-se aqui a noção de *“abrir o leque”* para os jogadores, de forma a possibilitá-los vivenciarem diferentes experiências.

Nesta linha, tanto para aumentar o repertório quanto para o jogador se analisar jogando, *“usar o feedback visual [...] filmar os jogos independente da idade. Em toda competição e em todo treino, você tem um objetivo [...] eu acho que a análise de vídeo é tão importante quanto às situações de treino na prática, eu acho que um depende do outro”*. Isto tem sido algo cada vez mais constate e possibilita uma metodologia de trabalho, em que a ferramenta audiovisual precede a prática, algo como um aporte teórico sobre o que se objetiva naquela sessão de treinamento. Ao mesmo tempo, analisa os erros e aspectos a melhorar das sessões anteriores, ou dos jogos anteriores. Sendo assim, é uma conexão bastante concreta entre o pensar e planejar o jogar de dentro e fora da quadra.

Outro aspecto enfatizado foi o *“que você tem que dar o estímulo ótimo para aquela idade. Qual a faixa etária que eu trabalho? Essa... Então nessa idade eu tenho que trabalhar isto e dar esses estímulos aqui”*, de modo a não atropelar conteúdos e nem deixar defasagens no trabalho de longo prazo da formação do jogador.

Ter a clareza desse processo em que está envolvido é fundamental para o jogador, não devendo ficar somente de posse da comissão técnica os objetivos e o planejamento

que se tem. Por isso, “*é importante que o técnico converse com os atletas falando sobre os treinos, porque nós estamos fazendo o que nós estamos fazendo... Para cada atleta entender porque nós estamos treinando isso agora, e qual é a ideia do curto prazo e qual a ideia do longo prazo. Também colocar metas para os atletas, tecnicamente, taticamente, fisicamente...*”. Isso é de fundamental importância no trabalho coletivo de uma equipe. Senão, entre outros problemas, podemos agudizar as injustiças nas relações de poder dadas naquele coletivo, ao invés de diminuí-las, que é o caminho que defendemos.

Com relação a esse planejamento para formar jogadores inteligentes, o SC afirma que devemos “*planejar o aprendizado técnico aliado à parte tática-estratégica, com uma metodologia e o entendimento geral das ações*”, de modo que “*devemos ter o entendimento geral das ações e a aplicação de uma metodologia que contemple o aprendizado técnico aliado à parte tática e estratégica de vencer o goleiro em vários lugares. A estratégia de vencer os jogadores em vários lugares, isso é fundamental para desenvolvimento da inteligência. Ao mesmo tempo, os jogadores têm que ter informação. Informação do jogo individual, da tática individual, do jogo coletivo, do jogo dos mais velhos, do jogo dos mais novos. Se a gente conseguir somar essas ações, é possível que a gente consiga aumentar a quantidade de jogadores inteligentes que temos*”. E defende a formação integral do jogador, mas com ênfase no trabalho tático: “*por isso eu penso que a formação de um jogador, tem que ser uma formação global. Dou uma importância ao trabalho tático e tomada de decisão, mas também temos que entender da globalidade da formação do jogador. Por isso temos que incentivar, sobretudo, o trabalho tático no treinamento, e não o trabalho analítico. O trabalho analítico forma partes, é um pouco do reforço que necessita o jogador para que a tomada de decisão tenha efetividade. Se um jogador evolui muito taticamente também tem que saber arremessar, saber arremessar forte, tem que ter variedade nos passes, nos arremessos porque senão, por mais que você saiba a decisão que tem que tomar, se não acompanha o aspecto motriz, o aspecto físico, é muito difícil jogar*”.

Essa defesa se explica na fala de que; “*evidentemente que é difícil quantificar essa inteligência, às vezes um jogador pode até entender o jogo, mas não tem a capacidade de colocar em prática aquilo que entendeu. Então, na verdade, você não conseguiu avançar no aspecto de realizar do jogo, apenas com o aspecto de pensar o jogo*”. Voltamos à necessidade de

formar o jogador com saber-fazer, o “*savoir-faire*” que já afirmava Mahlo (1980, p. 17) mais de quatro décadas atrás.

Sobre a formação de jogadores inteligentes na fase adulta, duas linhas aparecem na fala do SC: “*formar como adulto, eu acho muito difícil. Se a meta e chegar entre os melhores, é difícil. Não tenho dúvida nenhuma que é possível, mas tem que chegar com certa formação. Eu diria que a gente consegue modificar sim o jogador adulto. O que é difícil é quantificar o quanto se consegue*”. Outra linha acredita que “*somente se pode formar um jogador inteligente já adulto, quando este jogador não teve informação. É a única esperança que se tem. Se não é assim, é muito difícil. [...] Então a única esperança que temos para formar um jogador inteligente na fase já adulta, é que seu treinamento tenha sido tão ruim que tenha escondido nele um potencial e que, a partir das informações dadas a ele, tenha capacidade para seguir adiante. Se esse jogador teve bons treinadores, e não tenha tido a capacidade de evoluir taticamente, é bem difícil que na idade adulta ainda possa evoluir*”. Ambas mostram a possibilidade de formar como adulto, muito embora enfatizem as dificuldades restritivas para tal.

Voltando a importância dada ao treinador no processo de formação de jogadores inteligentes, uma inclinação se faz notória: quem joga o jogo são os jogadores, os treinadores não devem querer jogar o jogo para estes. Fica evidente aqui a noção de “*jogo como continuidade do treino*”. A principal responsabilidade do treinador é no treinamento – quem joga são os jogadores. Assim, o SC defende esta tese - “*eu acredito que a responsabilidade do treinador é o treinamento. No jogo, o treinador tem que saber dirigir, tem que saber colocar os jogadores no lugar adequado, tem que dar informações muito concretas e muito certas, mas o que nunca tem que fazer é continuamente dirigir os seus jogadores. Sobretudo nas etapas de formação*”.

Por isto, o SC acredita que “*o treinador está lá para por problemas dentro da quadra e olhar para ver se os jogadores tem capacidade para resolvê-los e, se não resolvê-los, ajudá-los para começarem a resolvê-los e encontrar as ideias. Eu não concordo muitas vezes com o treinador que dá excessivas informações aos jogadores, porque os jogadores têm que ter capacidade para descobrir suas próprias decisões na quadra. Em um esporte sempre há muitas decisões que podem ser positivas, não somente aquela que expõe o treinador. Penso que nós*



*treinadores temos que fazer uma planificação de objetivos e de exercícios, o jogador tem que saber descobrir e evoluir dentro destes treinamentos”.*

Deste modo, o SC compreende que é necessário formar, portanto, *“treinadores inteligentes, para que a gente possa formar jogadores inteligentes”*. Já que *“com poucos treinadores inteligentes, temos poucos atletas inteligentes. Primeiro o cara tem que ter conhecimento específico do que ele está fazendo, conhecer a parte de fisiologia, conhecer a parte de crescimento, conhecer a parte dos momentos necessários para determinadas aprendizagem... É preciso que ele tenha um lugar que favorecem o trabalho tranquilo do treinador. A gente teria que ter uma federação e treinadores de equipe que entendessem que aquele processo tem que ser daquele jeito”*. Por isso, aparece a necessidade de uma visão mais ampla da formação de jogadores inteligentes. É um processo que não se dá somente dentro da quadra e muito menos somente com os treinadores e jogadores. Deve ir desde políticas públicas nacionais de esporte (e de educação, saúde, cultura, etc...), resultando em uma melhor estrutura esportiva no país, que interfere diretamente e de modo determinante no processo; até repensar a formação de treinadores no país, podendo agudizar essa integração entre teoria e prática, resultando em verdadeiros práticos-teóricos, como defendeu Bento (2006).

**6.6 Com relação à formação / iniciação, no caso das categorias mirim e infantil, e as regras adaptadas: o sistema de jogo defensivo, por zona ou individual, está altamente relacionado com a formação técnico - tática individual e a formação de jogadores inteligentes ou é mais importante a qualidade de trabalho técnico - tático que vai ser feito com os jogadores do que o sistema de jogo?**

**TABELA 7**

**IC, Número de Sujeitos e Quais Sujeitos**

IC	N	S
1 O problema não é da regra adaptada, é de quem (e como) trabalha com a regra adaptada	N1	S1
2 Problema: muitos sistemas diferentes pra pouco tempo de treino e pouca idade	N1	S2
3 Entender que é um o jogo e que os jogadores tem que jogar de forma lúdica (menos preocupados em como atacar ou em como defender)	N1	S4
4 Se for bem utilizada é importante para qualificar a experiência dos jovens jogadores	N1	S3

**QUADRO 14**

**IC e DSC**

IC	DSC
1 O problema não é da regra adaptada, é de quem (e como) trabalha com a regra adaptada	DSC1= a ideia da regra adaptada é boa, mas eu acho que os treinadores tentam se utilizar das vírgulas, dos parágrafos, da regra adaptada, para contemplar a competição, e ter um melhor resultado do time dele, e não a formação de jogadores. A culpa não é da regra adaptada, a culpa é de quem trabalha com a regra adaptada. Assim, para jogar com o sistema defensivo individual, aquele jogador que talvez seja o talento que vai chegar lá na frente, que é o jogador de melhor biótipo, que pode chegar em alto nível, ele não participa do tempo. Aí ele não se desenvolve. Não que quando você joga com outros sistemas defensivos não tenha desmarque, não tenha o passe para o desmarque, que são, acho, as coisas que a defesa individual contempla mais... Mas, ele acaba não participando da competição. Então o problema, na minha visão, não é a regra adaptada, eu sou totalmente a favor da regra adaptada, e sou contra todos, ou quase todos, os treinadores que trabalham nas categorias que tenham regra adaptada, porque eles não usam de uma maneira para desenvolver o Handebol. E talvez se ele soubesse usar a regra a favor da formação do jogador, o jogador se desenvolveria muito mais.
2 Problema: muitos sistemas diferentes pra pouco tempo de treino e pouca idade	DSC2=acredito que é muito bom para as crianças em formação aprender vários sistemas defensivos diferentes. Mas o brasileiro tem poucas horas para aprender 4 sistemas defensivos. Um país onde a formação das crianças é feito através de defesas abertas, e quando eu estou vendo os times do adulto, 80 ou 90 por cento, marcam 6:0. Então

---

	<p>porque não treinaram isso quando eram criança? Eu acho muito estranho isso. Mas eu não tenho uma resposta definitiva. Agora, o problema é que a criança no Brasil ela começa muito tarde, pelo menos comparando com uma criança nórdica... E a criança nórdica aprende com certeza uma, talvez até duas, defesas até os dezoito anos. Aqui começa talvez seis anos mais tarde, treina muito menos, e tem que aprender 4 defesas até os dezoito anos.</p>
<p>3 Entender que é um o jogo e que os jogadores tem que jogar de forma lúdica (menos preocupados em como atacar ou em como defender)</p>	<p>DSC3=acredito que nos preocupamos excessivamente em como têm que defender ou como têm que atacar. Acredito que a base esteja em pensar que isso é um jogo e que os jogadores têm que jogar, que temos que tentar que os treinamentos sejam mais dinâmicos, entre parênteses menos chato, que o jogador realmente encontre no nosso esporte algo para a diversão e para ter uma faceta lúdica e que pouco a pouco se vá especializando em um posto específico e na possibilidade de saber se esse jogador tem uma possibilidade de futuro ou não. As defesas abertas ajudam no deslocamento, na tomada de decisão... eu penso que é bom. Não sei se tem que ser a defesa individual. Eu penso que assim como, em cada etapa temos umas dimensões da bola, umas dimensões de gol, etc.; isso deveria ser importante nas etapas iniciais. Está claro de que os jogadores, para melhorar na defesa, precisam deslocar-se, necessitam estar mais perto do jogador que fica com a bola. E o jogador que fica com a bola também necessita. Então eu penso que isso é importante</p>
<p>4 Se for bem utilizada é importante para qualificar a experiência dos jovens jogadores</p>	<p>DSC4=faz com que os jogadores participem mais efetivamente do jogo, aumenta o sucesso na realização dos gestos de passe e aumenta a possibilidade de sucesso dos arremessos ao gol; aumento do número de "atores" no jogo, aumenta o número de ataques... Acredito que seja importante, porém, somente quando esse sistema de jogo condicionado for, efetivamente, colocado em prática. Quando os jogadores têm que passar por diferentes sistemas, se devidamente orientados, terão um aumento no repertório de jogo e ampliarão suas tomadas de decisão.</p>

---

Verifica-se diferentes olhares sobre esta questão, mas que não veem na regra adaptada do sistema defensivo necessariamente a solução. Nem o problema. Segundo o SC, “*a ideia da regra adaptada é boa, mas eu acho que os treinadores tentam se utilizar das vírgulas, dos parágrafos, da regra adaptada, para contemplar a competição, e ter um melhor resultado do time dele, e não a formação de jogadores. A culpa não é da regra adaptada, a culpa é de quem trabalha com a regra adaptada*”. Deste modo, se não tivermos mudanças na estrutura de competição e da lógica com que se participa destas competições nos escalões mais novos, de nada vai adiantar a adaptação da regra, que será condicionada pelos treinadores em busca das vitórias. E mais, pode até prejudicar a formação, pois “*para jogar com o sistema defensivo individual, aquele jogador que talvez seja o talento que vai chegar lá na frente, que é o jogador de melhor biótipo, que pode chegar em alto nível, ele não participa do tempo. Aí ele não se desenvolve*”.

Outra crítica que o SC aponta é que temos muitos sistemas defensivos diferentes para pouco tempo de treino e pouca idade dos praticantes, o que dificulta a vivência do

jovem jogador e seu desenvolvimento defensivo na modalidade. Trata-se de muito conteúdo para pouco tempo de prática e pouca experiência com a modalidade. Por isso, o SC afirma: *“acredito que é muito bom para as crianças na formação aprender vários sistemas defensivos diferentes. Mas o brasileiro tem poucas horas para aprender quatro sistemas defensivos”*. Talvez seja exigir demais de crianças que devam se preocupar mais em se divertir ao praticar o handebol. Nesse sentido, o SC acredita *“que nos preocupamos excessivamente em como têm que defender ou como têm que atacar. Acredito que a base esteja em pensar que isso é um jogo e que os jogadores têm que jogar; que temos que tentar que os treinamentos sejam mais dinâmicos, entre parênteses menos chato, que o jogador realmente encontre no nosso esporte algo para a diversão e para ter uma faceta lúdica e que pouco a pouco se vá especializando em um posto específico e na possibilidade de saber se esse jogador tem uma possibilidade de futuro ou não. As defesas abertas ajudam no deslocamento, na tomada de decisão... eu penso que é bom. Não sei se tem que ser a defesa individual”*.

Por fim, há outra faceta apresentada que também é enfatizada na fala do SC, que diz respeito aos possíveis aspectos benéficos desse tipo de adaptação da regra para os iniciantes, pois isto *“faz com que os jogadores participem mais efetivamente do jogo, aumenta o sucesso na realização dos gestos de passe e aumenta a possibilidade de sucesso dos arremessos ao gol; aumento do número de "atores" no jogo; aumenta o número de ataques... Acredito que seja importante, porém, somente quando esse sistema de jogo condicionado for, efetivamente, colocado em prática. Quando os jogadores têm que passar por diferentes sistemas, se devidamente orientados, terão um aumento no repertório de jogo e ampliarão suas tomadas de decisão”*.

Deste modo, refletimos neste capítulo sobre as contribuições destes treinadores com significativa importância no cenário do handebol brasileiro. No capítulo seguinte, faremos algumas considerações finais sobre o que foi levantado no corpo desta dissertação, muito embora sem o caráter de conclusão, pois, a nosso ver, este estudo assume mais um caráter de ponto de partida do que de ponto de chegada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se alguém nota que estás escrevendo bem, toma cuidado: é o caso de desconfiares... O crime perfeito não deixa vestígios. (QUINTANA, 2007, p. 106)

Com o objetivo de refletir sobre temas complexos como as formas de entendimento das MEC e a concepção estratégico-tática das mesmas (em específico do handebol), definindo possibilidades acerca dos princípios do jogo, do papel dos treinadores nessa concepção, e mais, além de pensar o caso da formação de jogadores inteligentes, após estudar diversas concepções de inteligência e se valer principalmente da teoria da inteligência criadora, ouvimos os treinadores das seleções brasileiras, masculina e feminina, utilizamos do DSC para dialogar com o discurso e, com tudo isso, realizar tal reflexão e trazer elementos que possam forjar ações práticas melhores.

De certo, muitas facetas que pairam sobre estes temas não foram aqui aprofundadas como deveriam. Ficam para o prosseguimento dos estudos.

Com grande ambição, nos propomos discutir um tema complexo, a inteligência humana no esporte, e a possibilidade de formarmos jogadores inteligentes sob uma perspectiva ousada de inteligência. Nos dedicamos a estudar os diálogos da concepção da teoria da inteligência criadora com uma visão das modalidades esportivas que propõe reorganizar, sob outro método e sob outro prisma, o modo como nos relacionamos com estas MEC, mais especificamente o handebol. A concepção estratégico-tática redefine o sentido desse jogar, pois vê o jogo a partir da disputa de objetivos, intenções e estratégias, concebendo todas as ações como situações estrategicamente determinadas. Mais ainda, busca unir, com a devida relação de determinação, tática e técnica, o saber e o fazer.

Isto possibilita repensarmos as relações de poder entre treinadores e jogadores, empoderando os que jogam com a possibilidade de pensar estrategicamente, de criar em função dos objetivos coletivos e conquistar maior autonomia. Com o intuito de alargar o nível da discussão desse processo de formação de jogadores inteligentes, buscamos associar esporte à ciência e arte, trazendo a noção da inteligência criadora sob a influência da concepção

estratégico-tática. Para tal buscamos autores de variadas linhas de pensamento, sempre com o cuidado de não formarmos um todo dicotômico, nem distorcer suas ideias, mas sim tentar diálogos possíveis de áreas e linhas de estudo que muitas vezes, aparentemente, não comunicam com os estudos do esporte.

Sabemos que a busca por mais informações para aprofundar os conhecimentos e realizar essa reflexão não esgotaria o processo, nem traria necessariamente mais convicções do que novas dúvidas. Mesmo assim, tentamos discutir o quanto uma concepção mais tradicional ainda nos orienta e o quanto estamos, apenas no discurso, incorporando um modo estratégico-tático de lidar com o handebol.

Muitas vezes esbarramos também nos desafios do estudo do tema da inteligência humana, dado os limites que esta área de estudo ainda apresenta aos olhares dos muitos pesquisadores que se lançam a se debruçar, mundo a fora, sobre esta intrigante e complexa faceta humana.

Sobre o não menos complexo debate de método de análise da realidade, deve ficar claro que, para nós, muitas vezes, a principal crítica ao tecnicismo se baseia na escolha da técnica como central e não da tática. Pois bem, acreditamos que o principal problema não é este – muito embora este seja um grande problema - e sim o método de análise da realidade. Assim, não adianta usarmos e defendermos o ‘taticicismo’, recriando a fragmentação e reproduzindo a somatória de partes juntadas, com uma visão analítica da tática e da estratégia, como se fossem, somadas, o jogo. Situações de jogo somadas não resolvem o problema ao nosso ver, como por exemplo, 2x2 + 4x4 igual ao jogo de 6x6. O jogo é mais complexo que isto. Não se trata de somar tomadas de decisão (ou quaisquer outras partes do jogo) para se chegar ao todo. É um problema, sobretudo, de método de análise da realidade.

Assim, buscamos demonstrar que a concepção estratégico-tática pede a superação da visão analítica, seja da realidade, seja da ciência e, sendo assim, do handebol.

Sabemos que muito do que trouxemos a tona aqui não é novo. Mahlo (1980) e Bayer (1986), entre outros, já haviam lançado muitas das questões que agora reforçamos. Buscamos, inclusive, recorrer a estes autores para mostrar os avanços que já havia no nível do debate por eles proposto. Tentamos também construir diálogos possíveis entre estes autores e os

mais recentes, sempre trazendo o nosso ponto de vista e as nossas ideias. Isso muitas vezes traz um caráter ensaístico ao texto – risco que decidimos correr.

Um claro exemplo disto é o tema dos princípios do jogo. Desde Mahlo (1980) e Bayer (1986) é uma ideia que vem sendo discutida e estudada. Utilizamos também autores específicos do handebol que propuseram construir isto no handebol. E por fim, mostramos que há limites na forma como foram propostos, já que a análise de jogo pede, hoje em dia, pensarmos o jogo em mais de duas dimensões (largura e profundidade).

Buscamos construir uma linha de raciocínio, que pudesse contribuir com mais um passo no caminhar dos estudos do esporte, este entendido como estudos que visam melhorar a prática esportiva. Assim, não temos receitas, mas sim o próprio texto como disparador de muitas reflexões que tangem o tema da concepção estratégico-tática do handebol, e suas contribuições para a formação de jogadores inteligentes.

Desta forma, se o jogo traz situações a serem superadas, que geram novas situações, podendo estar cada vez mais perto do que se tinha em mente como objetivo final; para nós, esta dissertação faz o mesmo. Podemos superar, de modo empírico, as mais diversas situações; mas podemos também nos preparar, com conhecimento prévio, e facilitar o processo de percepção, análise e síntese das questões - do jogo e da formação de jogadores.

Certos de que a complexidade do tema não nos permite todos os avanços necessários, nos desafiamos a navegar nesta pesquisa. Muito ainda deve ser estudado para que este tema apresente, de fato, o que pode vir a apresentar, no sentido de humanizar cada vez mais o esporte e suas relações. Esperamos que este estudo seja mais uma contribuição nesse processo.

## REFERÊNCIAS

A HUMANIDADE. Aloísio Machado e a Velha Guarda do Império Serrano. Império Serrano: Um show de Velha Guarda. Faixa 7, Biscoito Fino, 2006.

ALBA, P. Former l'élite de demain: les pôles espoirs masculins de la FFHB. Revista da Fédération Française de Handball, Approches du Handball. Abril, 2002.

ALVES, J.; ARAÚJO, D. Processamento da informação e tomada de decisão no desporto. In: CRUZ, J. (Org.) **Manual de Psicologia**. Braga: SHO, 1995. p. 361-88.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (A.P.A.) Disponível em: <[www.apa.org/pubs/index.aspx](http://www.apa.org/pubs/index.aspx)>. Acesso em: 20 mai. 2010.

ANTON GARCÍA, J. **Balonmano: Táctica Grupal Ofensiva**. Madrid: Gymnos, 1988.

ANTÓN, J. L.; CHIROSA, L. J.; ÁVILA, F. M.; OLIVER, J. F.; SOSA, P. I. **Balonmano: alternativas y factores para la mejora del aprendizaje**. Madrid: Gymnos, 2000.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

BALIBAR, F. **Einstein: O prazer de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: Hispano Europea, 1986.

BEILOCK, S. L.; LYONS, I. M.; MATTARELLA-MICKE, A.; NUSBAUM, H. C.; SMALL, S. L. Sports experience changes the neural processing of action language. PNAS, Chicago, v. 105, n. 36, p. 42-59, set. 2008.

BENTO, J. O. Formação e Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PEDERSEN, R. M. DE S. **Pedagogia do Desporto**. 1ª edição. Rio De Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 41-57.

\_\_\_\_\_. Do “Homo Sportivus”: relações entre natureza, cultura e técnica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 215-30, out./dez. 2007.



BERTHOZ, A.(org.) **Lições sobre o corpo, o cérebro e a mente**. Bauru: EDUSC, 2005.

BOUTHIER, D. **Les Conditions cognitives de la formation d'actions sportives collectives**. 1988, Tese não publicada (Doutorado em Esporte). Université Paris V, Paris, 1988.

CASTIEL, L. D.; SANZ-VALERO, J.; CYTED, R. M. Entre Fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 3041-50, dez. 2007.

CASTRO, D. **O esporte no processo de construção de uma nova sociabilidade**. 2006. 36f. Monografia de Conclusão do Bacharelado em Educação Física. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CERTEAU, M. DE. **A Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 18ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

CLAUSEWITZ, C. V. **De la guerre**. Paris: Minuit, 1963.

COELHO, D. R. DA. S. R. **O Andebol brasileiro: Estudo de caso sobre a situação desportiva da Confederação Brasileira de Andebol**. 2008. 405f. Tese (Mestrado em Ciências do Desporto)- Universidade do Porto, Porto, 2008.

CONFERÊNCIA DEPORTE E HUMANISMO EM CLAVE DE FUTURO, 1998, Rio de Janeiro. Palestra de encerramento: Desporto e Humanismo. O campo do possível. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

COSTA, J.C.; GARGANTA, J.; FONSECA, A.; BOTELHO, M. Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 2, n. 4, p.7–20, 2002.

CURSO PARA TREINADORES DE HANDEBOL DE ALTO RENDIMENTO DA FEDERAÇÃO PAULISTA DE HANDEBOL, nov. 2006, São Paulo, **Cadernos...** São Paulo: FPHand, 2006.

DAMÁSIO, A. R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAVILA, M. G.; ROJAS, J.; ORTEGA, M.; CAMPOS, J.; PAREGA, J. Anticipatory strategies of team-handball goalkeepers. **Journal of Sports Sciences**, v. 29, n. 2, p. 321-8, set. 2011.

DEARY, I. J.; PENKE, L.; JOHNSON, W. The neuroscience of human intelligence differences. **Nature Rev. Neuroscience**, v. 11, n. 3, p. 201-11, mar. 2010.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE ROSE JUNIOR, D.; SILVA, T. A. F. As Modalidades Esportivas Coletivas (MEC): História e Caracterização. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Modalidades Esportivas Coletivas**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.1-14.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, julho, 2000.

EHRET, A.; SPATE, D.; SCHUBERT, R.; ROTH, K. **Manual de Handebol: Treinamento de Base para Crianças e Adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2002.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FARIA, R.; TAVARES, F. O comportamento estratégico. Acerca da autonomia de decisão nos jogos desportivos coletivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Ed.). **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996. p. 33-8.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE HANDBALL. Approches du handball - La Revue de la Direction Technique Nationale, Paris, n. 13, p. 1- 57, jan. 1993.

\_\_\_\_\_. Mês premiers entraînements de handball, Paris, [s. n.], p. 1-19, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. Approches du Handball. Special 11ème Ecole Française d'Entraîneurs -1ère partie. Paris, n. 76, ago. 2003

FERREIRA FILHO, E.; DE SOUSA, P. R. C.; GRECO, P. Evolução técnico-tática do handebol (1986 a 1995) e suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem e treinamento. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 9, n. 2, p. 49-56, 2001.

FRADET, J. Compte rendu des travaux de colloque CTF de la zone sud-ouest. **Revista Aproches du Handball**, n. 77, p. 35-40, out. 2003.

FRADET, J. Um outil pour évaluer les effects attendus de la formation, **Revista Aproches du Handball** , n. 82, p. 17-9, ago. 2004.

GALEANO, E. **A descoberta da América (que ainda não houve)**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso - introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª edição, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. **Temas Atuais VI – Ed. Física e Esportes**: Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 48-72.

GARCIA CUESTA, J. (Org.). **Contenido del Juego. Balonmano**. Comitê Olímpico Espanhol e Federação Espanhola de Balonmano, 1992. p. 29-38.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médias, 1995.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.) **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1998. p. 11-25.

\_\_\_\_\_. A formação estratégico-tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para crianças e jovens. Razões e Finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 217-33.

\_\_\_\_\_. Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 9, n. 1, p. 81-9, jan. 2009.

GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Coletivos. **Revista Portuguesa de Educação Física**, Porto, v. 7, n. 4, p. 6-23, 1994.

GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos. In: OLIVEIRA, J. E TAVARES, F. (Ed.) **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996. p. 7-23.

GASPAR, P.; FERREIRA, J. P.; PÉREZ, L. M. R. Tomada de decisão no desporto: o seu ensino em jovens atletas. **Rev. Mackenzie**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 95-111, 2005.

GAYA, A. Por uma ciência do desporto para além do empirismo ativista e do intelectualismo militante. In: BENTO, J. E MARQUES, A. (Eds.). **A ciência do desporto, a cultura e o homem**. Porto: Universidade do Porto, 1992. p. 79-90.

GIACOMINI, D. S.; SOARES, V. O.; SANTOS, H. F.; MATIAS, C. J.; GRECO, P. J. O conhecimento tático declarativo e processual em jogadores de diferentes escalões. **Motricidade**, Lisboa, v. 7, n. 1, p. 43-53, 2011.

GRABNER, R. H.; NEUBAUER, A. C.; STERN, E. Superior performance and neural efficiency: The impact of intelligence and expertise. **Brain Research Bulletin**, New Haven, v. 69, p. 422-39, 2006.

GRAÇA, A. Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p. 104-13, 2001.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Ensino do Desporto In: TANI, G.; BENTO, J. O. E PETERSEN. R. D. DE S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, Capítulo 16. 2006.

\_\_\_\_\_. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, p. 401-21, dez. 2007.

GRECO, P. Hándball: La formacion de jugadores inteligentes. **Stadium**, 128, p.22-30, 1988.

\_\_\_\_\_. Consideraciones Psicopedagógicas del entrenamiento táctico. **Stadium**, Buenos Aires, ano 23, p. 14-9, 1989.

\_\_\_\_\_. O ensino do comportamento táctico nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol. **Trajetos**, v. 2, n. 3, ano 4, p. 1-20, jun. 1995.

\_\_\_\_\_. **Cognição e Ação: Novos conceitos de treinamento esportivo**. Belo Horizonte: CENESP- UFMG - INDESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Caderno de Rendimento do Atleta de Handebol**. Belo Horizonte: Editora Health, 2000.

\_\_\_\_\_. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos desportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. **Tema Atuais VI – Educação Física e Esportes**. UFMG, 2001. p. 48-72.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Goleiro de Handebol**. Belo Horizonte: Impressões, 2002.

GRECO, P. J.; CHAGAS, M. H. Considerações teóricas da tática nos jogos desportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 37-46, jul./dez. 1992.

GRECO, P. J.; SISTO, F. F. Comportamento táctico nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.63-8, jan./jun. 1995.

GRECO, P. J.; ROTH, K.; SCHORER, J. Ensino-aprendizagem-treinamento da criatividade táctica nos jogos esportivos coletivos. **Temas Atuais em Educação Física e Esportes – vol. IX**. GARCIA, E. S. E LEMOS, K. L. M. (Org.). Belo Horizonte: Health, 2004. p. 157-174.

GREEN, C. S.; BAVELLIER, D. Exercising your brain: A review of human brain plasticity and training-induced learning. **NIH - Psychol Aging**, v. 23, n. 4, p. 692-701, dec. 2008.

GRÉHGAINE, J. F.; GODBOUT, P.; BOUTHIER, D. The teaching and learning of decision making in team sports. **Quest**, Champaign, Illinois, v. 53, n. 1, p.59-76, fev. 2001.

HASTIE, P. A. Skill and Tactical Development During a Sport Education Season. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 69, n. 4, p.368-79, 1998.

HERRERO, J. A. G. Alternativas de funcionamento tático colectivo en el mismo sistema defensivo. Artigo que tem sua origem na palestra ministrada na **Real Federação Espanhola de Handebol**, em julho de 2003 (Comunicação Técnica num. 218).

\_\_\_\_\_. Algunas consideraciones sobre el entrenamiento individual defensivo en las etapas de formación. Artigo que tem sua origem na palestra ministrada na **Real Federação Espanhola de Handebol**, em julho de 2004 (Comunicação Técnica num. 232).

HIANK, J. The team match performance indicators and their evaluation in Handball. In: EHF SCIENTIFIC CONFERENCE - SCIENCE E ANALYTICAL EXPERTISE IN HANDBALL, 1., nov. 2011, Vienna. **Anais...**Vienna: EHF, 2011. p. 252-6.

KNIJNIK, J. D. Conceitos básicos para a elaboração de estratégias de ensino e aprendizagem na iniciação à prática do handebol. **Revista Ludens**, Lisboa, v. 17, n. 4, p.75-81, abri./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **Handebol**. 1ª ed. São Paulo: Odysseus, 2009.

\_\_\_\_\_. Visions of Gender Justice: Untested Feasibility on the Football Fields of Brazil. **Journal of Sport and Social Issues**. v. 39, n. 137, p. 10-35, set., 2012.

KONZAG, I. A Formação técnico-tática nos Jogos Desportivos Colectivos. **Treino desportivo**, Lisboa, 19, p. 27-37, mar. 1991.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KUHN, T. S. **Estruturas das revoluções científicas**. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

INTERNATIONAL HANDBALL FEDERACION. Disponível em: <[www.ihf.info](http://www.ihf.info)>. Acesso em: 12 jul. 2010.

IZQUIERDO, I. **A arte do esquecimento**: cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2007.

LAGUNA, M. O Aperfeiçoamento Tático Individual – Parte II. **Revista AndebolTop**, n. 13, p. 3-11, Out/Nov/Dez, 2002.

\_\_\_\_\_. Jugar y Hacer jugar: La Formacion de Jugadores para el ataque posicional. CURSO DE TREINADORES DA REAL FEDERAÇÃO ESPANHOLA DE HANDEBOL, 1, 2006, Madrid. **Cadernos...**Madrid: RFEBM, 2006.

\_\_\_\_\_. El Ataque Posicional en las etapas de formacion: Hacer bien lo fácil. CURSO DE TREINADORES DA REAL FEDERAÇÃO ESPANHOLA DE HANDEBOL, 1, 2010. Madrid **Cadernos...**Madrid: RFEBM, 2010.

\_\_\_\_\_. La Continuidad en el Ataque Posicional. In: CURSO DE TREINADORES DA REAL FEDERAÇÃO ESPANHOLA DE HANDEBOL, 1, 2011, Madrid **Cadernos...**Madrid: RFEBM, 2011.

LAMAS, L.; BARRERA, J.; OTRANTO, G.; UGRINOWITSCH, C. Elementos estruturais de um modelo formal de esportes coletivos de invasão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 741-53, out./dez. 2012.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LEHRER, J. Small, furry ... and smart. **Nature**, vol 461, n. 15, p. 862-64, out. 2009.

LEITÃO, R. A. A. "**O jogo de futebol: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade**", 2009, 244f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2009.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15. n. 2, p. 236-246, abr./jun. 2009.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia, personalidad**. La Habana: Editora Pueblo y Educación, 1983.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 3ª. Edição. São Paulo: Loyola, 2000.

LURIA, A. R. **Fundamentos da Neuropsicologia**. 1ed. São Paulo: EDUSP, 1981.

MCPHERSON, S. L. The development of sport expertise: Mapping the tactical domain. **Quest**, v. 46, n. 2, p. 223-40, 1994.

\_\_\_\_\_. Tactical differences in problem representations and solutions in collegiate varsity and beginner women tennis players. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 70, n. 4, p. 369-84, 1999.

MAGNANE, C. **Sociologia del deporte**. Madrid: Peninsula, 1969.

MAHLO, F. **O acto tático no jogo**. Lisboa: Compendium, 1980.

MARCZINKA, Z. What's the difference? – Coaching female and male handball players. In: EHF SCIENTIFIC CONFERENCE - SCIENCE E ANALYTICAL EXPERTISE IN HANDBALL, 1., nov. 2011, Vienna. **Anais...**Vienna: EHF, 2011. p. 89-93.

MARINA, J. A. **Teoria da Inteligência Criadora**. Rio de Janeiro: Guarda-Chuva, 2009.

MARQUES, A. Desporto, Arte e Estética. Fronteiras e Espaços Comuns. In: BENTO, J.; MARQUES A. **A ciência, a cultura e o homem**. Porto, FADEUP, 1993. p. 31-39.

\_\_\_\_\_. Desporto e futuro. O futuro do Desporto. In: Júlio Garganta (ed.) **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. CEJD, FCDEF-UP, 2000. p. 7-20.

MARX, K. **O 18 Brumário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

\_\_\_\_\_. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo, Boitempo: 2005.

MASSUÇA, L.; FRAGOSO, I. Do talento ao alto rendimento: indicadores de acesso à excelência no handebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 483-91, out./dez. 2010.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo e... mente**. São Paulo, Papirus: 1983.

MENEZES, R. P. Das situações do jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 39-47, jan./mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real**. 2011. 302f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2011.

MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B. DOS. Análise do jogo de handebol como ferramenta para sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 458-67, abr./jun. 2010.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. A perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino dos jogos desportivos colectivos. In: Cultura e Contemporaneidade na educação física e no desporto. E agora?, 1., 2002a, São Luís. **Anais... EDIÇÃO ESPECIAL DO 9º CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**. São Luís, 2002a, p.133-39.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A O conhecimento estratégico de um distribuidor de alto nível. **Revista Treino Desportivo**, Porto, v. 2, n. 4, p. 15-9, 2002b.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Ensino do Desporto In: TANI, G.; BENTO, J. O. E PETERSEN. R. D. DE S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, Capítulo 16. 2006. p. 39-68.

MÉSZÁROS, I. **Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOLINA, S. F. **O ensino do drible nas etapas de iniciação**. Revista Digital efdeportes, Buenos Aires, ano 7, num. 40, setembro, 2001. Disponível em <www.efdeportes.com>. Acesso em: 05 fev. 2005.

MOREIRA, I.; TAVARES, F. Configuração do processo ofensivo no jogo de Andebol pela relação cooperação/oposição relativa à zona da bola. Estudo em equipas portuguesas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 4, n. 1, p. 29-38, 2004.

MORIN E. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

MULLER, M.; GERT-STEIN, H.; KONZAG, I.; KONZAG, B. **Balonmano: Entrenarse Jugando. El sistema de ejercicios completo**. Barcelona: Paidotribo, 1996.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. **Introdução a Linguística: domínios e fronteiras**. v. 2, 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2003. p. 101-42.

NACHEV, P.; MAH, Y. H.; HUSAIN, M. Functional Neuroanatomy: The Locus of Human Intelligence. **Rev. Current Biology**, Cambridge - EUA, v. 19, n. 10, p. 418-20, 2009.

NASCIMENTO, C. P. **A Psicologia Histórico-Cultural e o desenvolvimento infantil: reflexões a partir da e para a prática da educação física infantil**. 2004. 136f. Monografia de Conclusão do Bacharelado em Educação Física. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A organização do ensino da Educação Física a partir de princípios teórico e didáticos da teoria histórico-cultural**. Relatório de qualificação (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.



NASH, C. S.; SPROULE, J.; HORTON, P. Sport Coaches' Perceived Role Frames and Philosophies. **Internacional Journal of Sports Science & Coaching**. v. 3, n. 4, p. 539-54, 2008.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: GIL, J. M. S.; HERNÁNDEZ, F.; NEGRINE, A.; MOLINA, R. M. K. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas**. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NETTLETON, B. A tomada de decisão no desporto. **Treino Desportivo**, Porto, v. 16, p. 32-33, dez. 2001.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditación de la técnica y otros ensayos sobre ciencia y filosofía**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

PAES, R. R.; OLIVEIRA, V. **A Pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos**. Revista Digital efdeportes, Buenos Aires, ano 10, num. 71, abril, 2004. Disponível em <www.efdeportes.com>. Acesso em: 28 nov. 2007.

PARLEBAS, P. **Contribution á un lexique comment en science de l'action motrice**. Paris: INSEP, 1981.

PASQUALI, L. Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. especial, p. 99-107, 2007.

PAZ, J. I. **La Periodización Táctica**. Disponível em <www.futboltactico.com>. Acesso em: 17 nov. 2009. p. 74-87.

PEREIRA, B. As limitações do método Científico: Implicações para a Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 2, p.228-48, jul/dez. 1998.

PINTO, F. S.; SANTANA, W. C. DE. **Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar?** Revista Digital efdeportes, Buenos Aires, ano 10, num. 85, junho de 2005. Disponível em <www.efdeportes.com>. Acesso em: 14 ago. 2008.

PITTERA, C. e RIVA, D. **Pallavolo- dentro il movimento**. Torino: Triángulo, 1982.

POLLANY, W. The position of mirror neurons in linking applied psychology and applied pedagogy. In: EHF SCIENTIFIC CONFERENCE - SCIENCE E ANALYTICAL EXPERTISE IN HANDBALL, 1., nov. 2011, Vienna. **Anais...**Vienna: EHF, 2011. p. 98-100.

POSSENTI, S. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. **Introdução a Linguística: fundamentos epistemológicos**. V. 3, 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2003. p. 353-92.

PRUDENTE, J.; GARGANTA, J.; ANGUERA, M. T. Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto. v. 4, n. 3., p. 49-65, 2004.

PSICOLOGY TODAY. The Scientific - fundamentalist. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/blog/the-scientific-fundamentalist/2009>>. Acesso em: 19 mai. 2010.

QUINTANA, M. **Para viver com poesia**; seleção e organização de Márcio Vassalo. São Paulo: Globo, 2007.

REIS, H. H. B. DOS. **O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola**. 1994. 68f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade De Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 1994.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 51-63, jan./mar. 2007.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 600-10, jul./set. 2009.

RIBEIRO, M. Princípios do Jogo. **Revista AndebolTop**, v. 15, p. 3-9, Abril/Maio/Junho, 2003.

RIBEIRO, M.; VOLOSSOVITCH, A. **Andebol 1: O ensino do handebol dos 7 aos 10 anos**. Porto: Gráfica 2000, 2004.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1999.

RIERA, J. R. Estrategia, táctica y técnica deportivas. **Apunts**, Barcelona, v. 39, p.45-56, 1995.

RIVILLA, J.; LORENZO, J.; FERRO, A.; SAMPEDRO, J. Effect of the decision making process in the speed of defensive displacement in handball. In: EHF SCIENTIFIC CONFERENCE - SCIENCE E ANALYTICAL EXPERTISE IN HANDBALL, 1., nov. 2011, Vienna. **Anais...**Vienna: EHF, 2011. p. 101-4.

RODRIGUES, J.A. A capacidade de decisão tática e o conhecimento do jogo em jogadores juniores de basquetebol. In: TAVARES, F.; JANEIRA, M.; GRAÇA, A.; PINTO, D.; BRANDÃO, E. (Eds.). **Tendências actuais da investigação em basquetebol**. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2001. p. 227-34.

RODRIGUES, L. O. C. Publicar mais ou melhor? O tamanduá olímpico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 29, p. 35-48, 2007.

ROMÁN SECO, J. DE D. La estructuración del juego de ataque en el balonmano de alto nivel. Texto da palestra realizada no **II Congresso Nacional de Técnicos de Handebol**, Espanha, novembro de 2002.

SALGADO, L. S. **Ritos genéticos editoriais**: autoria e textualização. São Paulo: Annablume, 2011.

SALK, J. **The anatomy of reality**. Nova Iorque: Praeger, 1985.

SANDOMINGO, V. T.; SEÑOR, P. I. M. Aspectos metodológicos de la iniciación deportiva a los deportes de invasión: una aproximación horizontal. **Apunts: Educacion Fisica y Deportes**, p. 35-42, 1º. trimestre 2006.

SANTANA, W. C. DE. **A Visão Estratégico-Tática de Técnicos Campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. 256f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade De Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único a consciência universal. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**. Globalização e meio técnico científico informacional. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, P. M.; SANTOS, P. M. DE O.; MARQUES JUNIOR, N. K. Treinar futebol respeitando a essência do jogo: o exemplo do salto como ação tática e não somente técnico-física. **Conexões**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 38-63, maio/ago. 2009.

SILVA, T. A. F. **Iniciação nas modalidades esportivas coletivas de invasão: a possibilidade de uma prática transferível**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo, 2010.

SIMÕES, A. C. **Handebol Defensivo**: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

SONNENSCHIN, I. Percepcion y entrenamiento tactico. **Stadium**, Buenos Aires, v. 147, p. 25-31, 1989.

SOUZA, J. P. M. DE, Ciência e Capitalismo. *Revista Filosofia e Educação (online)*, Paideia, vol. 2, num. 2, p. 266-80, out. 2010/ mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/paideia>>. Acesso em 22 fev. 2012.

STERNBERG, R. JR. Human Intelligence. Disponível em: <<http://www.indiana.edu/~intell/sternberg.shtml>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

SZILARD, L. **Genious in shadows**. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1992.

TATZ, C. **Obstacle Race: Aborigines in Sport**. Sidney: UNSW Press, 1995.

TAVARES, F. Bases teóricas da componente tática nos jogos desportivos coletivos. In: OLIVEIRA, J; TAVARES, F. (Ed.) **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto, Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996. p. 25-32.

TAVARES, F.; FARIA, R. A capacidade de jogo como pré-requisito do rendimento para o jogo. In: OLIVEIRA, J; TAVARES, F. (Ed.) **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto, Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996. p. 39-45.

TAVARES, F.; VELEIRINHO, A. Estudo comparativo das ações ofensivas desenvolvidas em situação de jogo formal e de jogo reduzido numa equipa de basquetebol de iniciados. **Movimento**, Porto Alegre, ano V, n. 11, p. 57-64, 1999.

TEMPRADO, J. J. Prise de décision en sport: modalités d'études et données actuelles. **Sciences et techniques des activités physiques et sportives**, Paris, n. 19, p. 53-67, 1989.

TEODORESCU, L. **Problemas da Teoria e Metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Horizonte, 1984.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Trad. Ricardo Petersen. [et al] - 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. Breve introdução ao método dialético materialista na pesquisa em Ciências Sociais. In: GIL, J. M. S.; HERNÁNDEZ, F.; NEGRINE, A.; MOLINA, R. M. K. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas**. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2010.

TZU, S. **A arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2000.

VALERO VALENZUELA, A. Análisis de los cambios producidos en la metodología de la iniciación deportiva. **Apunts: Educación física y deportes**, v. 79, p. 59-67, 2005.

VÁSQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas, tomo IV**. Madrid: Visor, 1996.

VIGOTISKI, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VERKHOSHANSKI, Y. V. **Treinamento Desportivo: teoria e metodologia**. Kinesis: Porto Alegre, 2001.

WERBOS, P. J. Intelligence in the brain: a theory of how it works and how it build it. **Elsevier - Neural Networks**, v. 22, p. 200-212, 2009.

YARROW, K.; BROWN, P.; KRAKAUER, J. W. Inside the brain of an elite athlete: the neural processes that support high achievement in sports. **Nature**, v. 10, p. 585-97, ago. 2009.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Parte I - Falar brevemente sobre as condições da pesquisa e da entrevista.

Parte II – Sobre o entrevistado (aquecimento)

1- Qual sua data de nascimento e sua cidade natal?

2- Fale um pouco sobre seu percurso de formação como treinador de handebol:

- a) Já foi atleta? Por quanto tempo e em que época você jogou? Como era o cotidiano de jogador (quantas horas de treino, em que nível de competição, também trabalhava como treinador ou em alguma outra área enquanto jogava)? Qual influência de você jogador sobre você treinador?
- b) Como eram seus treinadores? Influenciaram na sua formação como treinador / na sua maneira de ver o jogo? De que forma?
- c) Onde já trabalhou como treinador? Quais categorias? Quais suas principais conquistas como treinador? Há quanto tempo trabalha como treinador de handebol?
- d) Você é formado em EF/Esporte? Tem outras formações/ pós-graduação/especialização e/ou outros cursos?

Parte III – Sobre a Formação de Jogadores Inteligentes

3- Muitos pesquisadores e treinadores consideram que estratégia, tática e técnica são conceitos fundamentais para o jogo e, portanto, para o treinamento. Como você pensa e relaciona (na prática) esses conceitos no processo de formação de jogadores?

4- Quais as principais características que um jogador de handebol precisa ter no handebol do século XXI (pensando no que tem evoluído o jogo nos últimos anos e na possível evolução do jogo neste futuro próximo)?

- a) Quais as principais evoluções da modalidade handebol nos últimos anos na sua opinião? (DESDE A OLIMPIADA DE 2004- DOIS CICLOS OLÍMPICOS)

b) Quais as principais características necessárias ao jogador atual?

5- Você tem uma filosofia de jogo de handebol? Qual a sua concepção do jogo?

6- Como você definiria ou caracterizaria um jogador inteligente? É possível formar jogadores inteligentes?

7- Que tipos de treinamentos e demais atividades devem ser empregados para formar jogadores inteligentes?

a) Que tipos de intervenções durante os treinos um treinador (e sua comissão técnica) devem ter para formar jogadores inteligentes?

b) E nos jogos?

c) Podemos pensar a formação de jogadores inteligentes também na categoria adulta? Como desenvolver esses comportamentos/ ações inteligentes dos jogadores adultos?

8- Com relação à formação e ao sistema de jogo defensivo, no caso das categorias mirim e infantil, o sistema de jogo defensivo, por zona ou individual, está altamente relacionado com a formação técnico - tática individual e a formação de jogadores inteligentes ou é mais importante a qualidade de trabalho técnico - tático que vai ser feito com os jogadores do que o sistema de jogo?

Objetivo da entrevista: ouvir dos treinadores sobre a formação de jogadores inteligentes, relacionando sua história e formação como treinador, sua concepção do jogo e sua perspectiva para a tendência da evolução da modalidade.

## APENDICE B – EXPRESSÕES CHAVE (ECH) E IDEIAS CENTRAIS (IC)

3- Muitos pesquisadores e treinadores consideram que estratégia, tática e técnica são conceitos fundamentais para o jogo e, portanto, para o treinamento. Como você pensa e relaciona (na prática) esses conceitos no processo de formação de jogadores?

	ECH	IC
	<p>É uma coisa que eu mudei bastante... <b>sempre que agente sai da faculdade agente quer levar a teoria no pé da letra, então a gente ouve, principalmente nas aulas de aprendizagem, “não, é importante desenvolver a noção tática” – é importante, mas, aí a gente acaba não dando uma importância à parte técnica,</b> que é uma coisa que até o Morten [<i>Soubak</i>] influenciou bastante, por ser Dinamarquês, que é um país que trabalha muito os gestos técnicos do jogo...e aqui agente <b>quando compara com outros países, agente vê que tem uma defasagem muito grande. Então eu acho que taticamente hoje agente não deve a ninguém, mas, tecnicamente, masculino e feminino, ainda você vê que é diferente. Tem uma diferença grande! Enquanto o cara tem uma eficiência do movimento absurda, nem se meche pra executar um arremesso ou um passe, agente parece que carrega mil toneladas para conseguir fazer um passe que teoricamente é simples.</b> Então, eu mudei, que eu hoje mesmo trabalhando com adulto, e não sendo a idade ótima, eu priorizo bastante essa... então, eu mesmo trabalhando com a categoria adulta, eu vejo que a defasagem é grande, de gestualização, de parte técnica... Principalmente no início, no período básico, como a parte física, também é muito puxada, agente não pode estar desenvolvendo tanto as questões de jogo mesmo, então eu trabalho bastante a parte técnica mesmo. Muito menos, pela importância que tem a competição. Então você usa mais para se preparar para o jogo. Em <b>relação à parte tática individual, talvez, é junto com a parte técnica individual... A gente acaba juntando para desenvolver o jogador tecnicamente e taticamente. Mas falando dele, nada coletivo.</b></p>	<p>1 Importância teórica dada à tática e não a técnica</p> <p>2 Diferença técnica em relação aos outros países</p> <p>3 Sempre aliar técnica e tática</p>
	<p><b>Eu acho fundamental treinar a inteligência dos jogadores, isso desde o início.</b> Então, eu acho que <b>é importante inventar muitos exercícios que os jogadores têm que tomar decisões certas,</b> para treinar, provocar a inteligência e as decisões do jogador. E com o jogo, que fica só mais físico e mais rápido a cada dia, ele vai ter uma demanda mais forte ainda na inteligência dos jogadores. Eu venho de uma escola nórdica, que não pensa em física, mas, que começa muito cedo, então a principal é a <b>técnica, então estar treinando a técnica desde o início, claro com crianças que tenham três, quatro, cinco anos, seis anos... A técnica é principal, você não treina o físico.</b> Você não treina o físico tão forte, tão cedo... Aí, pouco a pouco, você vai ter uma evolução tática, como você começou muito cedo, mas isso vem pouco a pouco, depois. <b>Agora o principal é que eles consigam entender o jogo, as principais ideias e jogar.</b></p>	<p>4 Treinar a inteligência e a técnica desde cedo</p> <p>2 Diferença técnica em relação aos outros países</p> <p>3 Entender o Jogo para jogar</p>
	<p>A questão técnico tática é cada vez mais, eu sigo seguindo que quem decide o jogo é um contra zero. <b>A gente então precisa evoluir muito na questão técnica e, lógico que não só por evolução nossa, mas a gente tem confrontos muito difíceis, a gente não tem uma liga forte, muita gente boa jogando ao mesmo tempo.</b> Campeonato Paulista mesmo você tem algumas equipes que são mais frágeis. Então, <b>os jogadores acabam se adaptando a fazer os gols fáceis em goleiros que não são tão competentes. E aí quando você tem um torneio internacional, que todo mundo nesses lugares jogam forte com todo mundo, você vê a diferença muito grande. Então eu acho que um contra zero é uma necessidade, a gente precisa cada vez mais melhorar o gestual técnico.</b> Agora existe o gestual técnico, que ele é específico, mas que ele não pode ser trabalhando sempre separadamente, tem alguns momentos que você deve priorizar o gestual, umas coisas mais tranquilas para o cara poder se olhar, olhar o goleiro, olhar as ações... Mas sempre que possível também colocar parceria de quem vai passar a bola para ele, como vai passar a bola para ele, em qual momento vai passar a bola para ele, para que ele possa fazer a finalização. Se a gente não trabalha esse momento, acredito que quando chega na hora dele chutar, ele vai estar sempre com desequilíbrio, estar</p>	<p>2 Diferença técnica em relação aos outros países</p> <p>5 Quem decide o jogo é o 1x0 (atacante contra o goleiro)</p>



	<p>sempre escolhendo a pior bola para fazer o arremesso e conseqüentemente vai errar. <b>Muitas vezes o goleiro nem pega tanto a bola, porque foi uma grande defesa do goleiro, mas porque foi uma péssima escolha do atacante. (5º) Então, acho que esta é uma questão tática, individual, ela é fundamental, o jogador tem que ter o domínio efetivo das ações táticas do jogo que lhe permitam jogar melhor.</b> Acredito muito que a gente deve investir nas questões das estratégias, nas mudanças de trajetórias, nos ataques aos espaços, no jogo de superioridade e inferioridade. E, acima de tudo, ele saber que tem momento que ele é ponto de apoio, tem momento que ele é protagonista efetivo, tem momento que ele é construtor, tem momento que ele é finalizador. Se a gente não mostrar para ele que existem todos esses caminhos, muitas vezes, ele vai fazer várias confusões. Então, no momento de passar, ele arremessar, no momento de arremessar ele passa, no momento de ser ponto de apoio ele faz um contra um, e toda ação construída se perde. Então, acho que a gente tem sempre que pensar na elaboração do treino com essas perspectivas. Eu acredito que a construção técnica e tática tem que estar aliadas, tem que estar sempre juntas.</p>	<p>7 Ter domínio das ações táticas permite jogar melhor</p> <p>6 Jogador saber pensar estrategicamente</p> <p>10 É muito difícil jogar sem o componente tático</p> <p>8 Sempre aliar técnica e tática</p>
	<p><b>Eu acredito que jogador nunca pode estar formado em uma só linha. O jogador tem que ser taticamente, tecnicamente, fisicamente e psicologicamente preparado para ter uma boa formação esportiva no nosso esporte, não? De nada serve um jogador que fisicamente é muito bom se não tem uma boa resposta tática nos jogos e se não tem boas qualidades físicas para responder a exigência e sacrifício, não? E se ademais de tudo isso não tem a capacidade de ser forte psicologicamente para aguentar a pressão de ter que resolver situações em momentos determinados, então de nada acredita. Por isso é tão difícil às vezes encontrar o jogador que de alguma maneira é esse jogador que todos pensamos que tem 14, 15, 16 anos e entendemos que vai ser esse jogador que vai ser 10 quando seja adulto, não? Qual é o nível de proporção que tem que haver de cada coisa? Não sei. Minha valorização sempre é que nas minhas equipes é muito difícil jogar se não há um componente tático importante. O jogador tem que ter uma boa capacidade para tomar decisões e tem que ter uma boa capacidade para adaptar-se a forma de jogar coletivamente e a função que se dá a ele no time. Ter jogadores que o único que fazem é arremessar, dificilmente se integram dentro dos parâmetros que eu quero em uma equipe. E há na Espanha, alguns treinadores sempre falavam, é muito difícil estar numa equipe onde treina Jordi e não tenha o mínimo de trabalho tático, não? Então para mim isso sempre foi um aspecto muito importante.</b> E quando comecei a treinar, que te falei uma troca muito total, existia, sobretudo na Espanha, a ideia de trabalho analítico. Um teria que saber arremessar, um teria que saber saltar, um teria que saber fintar, então o que fazíamos os treinadores era trabalhar de forma analítica, através das repetições, não? Vamos fazer lançamentos em apoio, vamos fazer passes ao tal, vamos... Até que chegou ao momento determinado em que a troca foi substancial, <b>nada disso serve, se não sabemos quando temos que aplica-lo, não? Então a partir deste momento, as formas de treinar variaram totalmente.</b> Lá me passei, e há pouco tempo, não estive muito tempo com essa ideia que havia na Espanha de trabalho analítico. <b>Sobretudo através da leitura de Claude Bayer, um técnico francês, que precisamente, se algo fala, é do trabalho tático e da tomada de decisão dos jogadores, neste momento mudou totalmente meu conceito e minha dimensão de como teria que treinar e como teria que ser um jogador.</b> Eu penso que de forma afortunada e muito cedo, trocou tudo isso. Penso que é uma das partes que me levaram um pouco até aqui, não? O trocar, não? Eu acredito que aos 22 anos, 23 anos meu estilo de treinamento mudou totalmente.</p>	<p>9 Formar o jogador em todas as questões (técnica - psicológica – tática - física...)</p> <p>8 Sempre aliar técnica e tática</p> <p>7 Ter domínio das ações táticas permite jogar melhor</p> <p>10 É muito difícil jogar sem o componente tático</p> <p>11 Importância do trabalho tático e da tomada de decisão para pensar o treinamento</p>

4- Quais as principais características que um jogador de handebol precisa ter no handebol do século XXI (pensando no que tem evoluído o jogo nos últimos anos e na possível evolução do jogo neste futuro próximo)?

a) Quais as principais evoluções do jogo de handebol nos últimos anos na sua opinião? (DESDE A OLIMPIADA DE 2008- DOIS CICLOS OLIMPICOS)

	ECH	IC
	<p>Eu acho que duas coisas mudaram muito... primeiro, até <b>pela mudança de regra</b> que foi <b>o jogo de transição, que até quando você toma gol você tem possibilidade de (marcar)</b>...então os times melhoram...melhoram não, eles usam mais tempo de sair no jogo. <b>Antigamente não se usava, há uns 10, 15 anos atrás, agente não via um jogo de transição tão intenso no jogo.</b> E também <b>defensivamente, acho todos os times falando nesse nível de alto nível né? É...</b> acho que a <b>profundidade de todas as equipes independente do sistema aumentou muito. Então todo mundo toca, todo mundo desequilibra, todo mundo intercepta, uma coisa que, há alguns anos, todo mundo jogava de uma maneira mais conservador, jogava mais fechado, dava possibilidade do arremesso de certa distância... e hoje não, hoje não tem como, tem pouco espaço. Então, defensivamente eu acho que o jogo ficou bem mais intenso, pela profundidade. Os jogadores estão ocupando mais espaço.</b></p>	<p>1 mudança de regras 2 jogo mais veloz, mais transição entre as fases do jogo  3 defesas mais profundas, mais ativas e ocupando mais espaço</p>
	<p>Estamos vendo um placar totalmente diferente do que nós víamos antigamente, <b>os jogadores correm muito mais metros por jogo. Os jogadores têm muito mais mudança de direção por jogo, têm muito mais números de saltos, então isso demanda fisicamente uma parte da força, mas a... E só vai mudar mais ainda...</b> Principalmente no feminino. O feminino tem muito mais a correr atrás, do que o masculino.</p>	<p>4 aumento da demanda física no jogo</p>
	<p>É engraçado falar, porque às vezes a gente tem cara de velho, fala que é saudosista. Quando a gente <b>olha um pouco a concepção tática do jogo existem mudanças, mas elas não são mudanças radicais, por exemplo: se você pegar a Suécia que foi uma grande seleção dos anos noventa, você continua aplicando o passe no ponto futuro, o desmarque do pivô, o desmarque dos laterais. O trabalho defensivo que se ampliou, por exemplo, como a Espanha, que é campeã do mundo atualmente. E com as mesmas bases do jogo, uma base de desmarque e tudo mais.</b> Eu acredito muito que houve uma <b>mudança comportamental, olhando um pouquinho para o que a Croácia fazia durante um período. Que é uma grande capacidade de resolver problemas de dois contra um, e em vários lugares do jogo. Então, você tem um central, que normalmente é um jogador influente, que é o maestro. Mas, você tem um ponta que decide o dois contra um com seu pivô, dois contra dois com seu lateral.</b> E aí, eu acho que tem algumas coisas do mundo e do jogo em relação à regra, que aí deram uma super mudada na partida. <b>Dezesseis jogadores em uma equipe modifica muito a questão física. Tiro de saída modifica muito o jogo,</b> antigamente com vinte gols que você tomava garantia a possibilidade de você se você fizesse um golzinho a mais você ganhava a partida. Hoje eu já acho que com 25, 26, está bom. Então aumentou de 5 a 6 gols nessa projeção. <b>O tiro de saída deu uma velocidade muito grande ao jogo, e os times out acho que contribuem aí, embora eu ache que os times out podem ser melhor aproveitados,</b> alguns treinadores ainda fazem muito o uso do time out, mas pela questão emocional e disciplinar, do que estratégica, mas ela para auxiliar bastante o jogo. Quando a gente pega a NBA que tem o tempo até do atleta, que o atleta pode pedir tempo, quer dizer uma coisa legal. Quando você pega a NBA que o cara pede tempo na defesa, e bate o lateral no ataque, isso é um negocio legal, né. Modifica completamente o jogo. Essas coisas mudaram muito, conseqüentemente a preparação física teve que se alterar muito. E a gente não tem esse perfil e processo, mas os lugares, perfil e esse processo, mas os lugares que fazem adequadamente o processo de seleção, cada vez ficou mais e foi buscar jogadores com biotipo que era de força, mas que mescla agora também uma potência muito grande, uma mobilidade muito grande. Então, a gente vê alguns jogadores extremamente interessantes jogando, como Gillet, que nem é um cara tão grande, mas marca na base e desloca pra caramba. Como o Karabatic, que é um cara grande, mas marca de terceira, marca de segunda, marca no bico, então essas mudanças foram bastante interessantes. E, é lógico, que o que vem cada vez mais é uma <b>ampliação ao jogo de velocidade e o jogo da transição, entrada da posse da bola e a transição cada vez mais efetiva, por isso que as preocupações com os balanços defensivos e com as transições (2ª) vão ser grande parte dos trabalhos dos treinadores.</b> Só que é lógico,</p>	<p>6 Mudanças não radicais nas questões táticas  7 Melhora na capacidade de resolver situações de 2x1, em várias combinações de posições e lugares  1 mudança de regras  2 jogo mais veloz, mais transição entre as fases do jogo  3 defesas mais profundas, mais ativas e ocupando mais espaço</p>

<p>enquanto o jogo organizacional, aí sim você começa a pensar. <b>A França aparece há uns seis, sete anos atrás com alguns deslizamentos sobre deslizamentos, e então um jogador que está de segundo sobe a fazer o papel de avançado, o terceiro desliza e ocupa o segundo, ali ele volta pra 6:0. Isso tem sido muito bem aplicado. Nas ligas a gente vê muito isso, na Alemanha a gente vê também.</b> E em jogo aonde o contato ele continua existindo, mas a entrada da posse da bola, linha de passe, falsos espaços, colocar o jogador em conflito requer uma baita capacidade física, requer ter jogadores competentes, fisicamente também, mas, acima de tudo, precisa de jogadores muito inteligentes para fazer essas coisas, porque se você tiver um grandão que não consiga pensar o jogo, ele não vai conseguir executar o jogo dessa maneira, ele vai executar de outra forma.</p> <p>A minha visão de futuro ela passa pela visão e pelo sentimento. Ao mesmo tempo que a gente percebe que existe uma construção sólida, de caminhos que possam ser seguros e que a gente possa crescer. Por outro lado existem abismos. E nem só pelo aspecto econômico do país, que o país nunca teve um momento econômico tão bom, mas pela estrutura geral de esporte, pela estrutura geral das federações, de uma certa forma de todas direções que rege o desporto no país, desde o seu ministério até o seu comitê olímpico. A gente não tem efetivamente uma política nacional de desporto, a gente não tem orientações do COB, que tem objetivo de onde estamos e pra onde vamos e o que faremos pra atingir isso. Acho que quando a gente tiver isso, fica tudo muito fácil. A gente tem problema de dinheiro, aí fica todo mundo correndo atrás do dinheiro, e aí, às vezes, o dinheiro aparece, mas também se você não souber investir, o dinheiro se perde, se você não tem bom projeto. Eu acho como exemplo o JUBS, Jogos Universitários Brasileiros, que tem dinheiro, coloca os caras em hotel, é uma coisa bacana, mas é um evento que liga nada a lugar algum, que podia ser interessante, que podia a partir do JUBS ter uma coisa legal. Ao mesmo tempo, quando a gente pensa no desenvolvimento da modalidade em si, do crescimento possível. A gente vive em um país que não entende muito o que é desenvolvimento, porque se você é décimo no mundo você não é nada. Mas em um país... que tem duzentos países, tem seis, sete bilhões de habitantes, você ficou em décimo lugar os caras acham isso ruim. E não é bem assim, ainda mais dentro da nossa modalidade, que tinha União Soviética e Iugoslávia, que se separaram, hoje tem muito mais times fortes do que tinha antes. Mas, a gente percebe uma boa perspectiva nos jogadores jovens, uns <b>jogadores que vem com um nível maior de percepção do jogo, inteligência maior, dão respostas mais rapidamente ao que se pedem. E nós não estamos falando de jogadores só jovens de 18, 19 anos não. Os jogadores de 28, 29 anos, eles já foram esses jovens que deram bons retornos, talvez a quantidade que a gente não tenha tanto.</b> Tanto que o Zeba, que é um excelente jogador, ele tem todas essas características de decisões táticas individual e tudo mais. Ele já não é mais um jovem jogador. Mas, ao mesmo tempo, a gente tem um projeto que pode juntar 2016 e 2020 com grandes jogadores com essas capacidades. A gente precisa ter estímulo o tempo todo, eles precisam estar se encontrando o tempo todo. A gente precisa se confrontar com a competição internacional o tempo todo, para que daí essas defasagens de estratégia, ou técnica, elas possam diminuir um pouco. Acho que a gente tem muito a síndrome do vira-lata, como diria o pessoal do futebol, em relação à Copa que o Brasil nunca tinha ganho. A gente já jogou muitas vezes chegando lá sabendo que vai perder, de vinte, de trinta. Hoje a gente vai jogar com eles achando que pode fazer um bom jogo e já é um grande passo. E alguns meninos que vão passar por essa experiência de <i>'pulis</i>, a gente pode!'. Quando eles estiverem maiores, eles vão ter certeza que podem, e aí já muda o critério emocional, dessa síndrome de vira-lata, que se perde. A vontade é que se os trabalhos que estão sendo propostos tiverem continuidade, eu acredito que a gente possa mudar o quadro de um Handebol masculino que ficou bastante no ostracismo nos últimos anos, que perdeu a possibilidade de ir para um circuito olímpico, com bastante investimento. Principalmente, porque houve um trabalho muito mais pautado na equipe adulta. O que na formação geral do Handebol, ou do país, com todos os seus jogadores. Não deu certo com o adulto consequentemente, o adulto perdeu sua grande chance que era ir para a Olimpíada, arrumar um pouco mais de dinheiro para as condições gerais. E perdeu porque não fez nada com os meninos. Então, a gente perdeu um tempo, mas nada que não dá pra reverter. Alguns meninos que poderiam ter tido oportunidade no ciclo passado, como o Raul, que já estão incluídos no ciclo atual, alguns jogadores novos estão no ciclo atual, eu acho que isso que vai dar uma diferença grande. E as categorias menores, Campeonato Mundial Júnior, por exemplo, o Brasil vem melhorando a forma de jogar contra essas equipes. Então, o último mundial o Brasil não teve uma classificação melhor do que o oitavo lugar, que nós já ficamos, mas ele teve vitórias sobre europeus que a gente não teve naquele mundial que ficou em oitavo, e então a gente percebe que está faltando um</p>	<p>5 Maior demanda de percepção, tomada de decisão (tática individual) e inteligência</p>
---	---

	pouquinho para a gente poder dar aquela viradinha, começar a ganhar desses times, aí a coisa vai ficando mais tranquila. Acho que é isso.	
	Eu acredito que se há algo que mudou é o conceito físico do atleta, sobretudo se temos uma observação sobre os melhores times que temos neste momento e o conceito que isso deu na forma de jogar, não? <b>Hoje em dia o jogo é muito dinâmico, praticamente não se pode falar de ataque e de defesa, senão que o jogo é algo global. Se ataca, se faz contra ataque, se faz um saque de centro rápido. Há ataque posicionado e há retorno defensivo. Sem nenhuma destas fases, hoje em dia é difícil entender o handebol, não? Se aumentou a velocidade, se aumentou as características, os componentes físicos dos jogadores, não? E isso fez com que nosso esporte seja um esporte muito mais espetacular. Do que era antes. Antes as fases de jogo estavam muito marcadas, se atacava, se defendia, o jogo muitas vezes ia muito devagar em função do placar, em função do placar, em função do resultado, das características físicas dos jogadores,</b> em função do treinador que neste momento levasse ao time. Isso a o que nos obriga? Nos obriga a nos adaptarmos evidentemente, não? Os treinadores, como sempre, temos que ter uma mente aberta para ir recebendo quais são todas as influências e como podemos adaptar estas influências aos times que treinamos e aos lugares onde estamos, não? Isso que nos obriga a ter uma melhor captação de talentos e buscar que nestes talentos, esses jogadores reúnam características que se adaptem a este novo estilo de jogar. Isso é muito importante. Que nossos jogadores tenham umas capacidades e condições adequadas, e não só falemos do que são as características antropométricas de altura, sem esquecer, sobretudo também a parte tática, que isso de alguma maneira é um aspecto que é técnico, a nível pessoal, é necessário, não?	2 jogo mais veloz, mais transição entre as fases do jogo  4 aumento da demanda física no jogo

b) Quais as principais características necessárias ao jogador atual?

	ECH	IC
	Eu acho que é... <b>ataque o jogador tem que ter um certo talento, ele pode se desenvolver, durante a carreira dele, mas, pra ele ser um jogador de alto nível ele tem que ter um certo talento que está nele. Defensivamente, eu acredito que não precisa ter o talento, tem que ter um bom biotipo, tem que ter as capacidades de força, de velocidade, de uma maneira que dê para ele desenvolver no jogo. Mas, eu acredito que o treinamento pode formar os defensores.</b> Os atacantes também, menos, mas o defensor ele pode. E eu acredito, não sei quando, que eu escuto isso faz tempo, mas eu acredito que vai chegar o dia, porque hoje a gente ainda tem jogadores que só atacam e jogadores que só defendem. Eu acho que isso está para acabar, <b>que o jogador tem que ser cada vez mais completo. Talvez não em relação à especificidade da posição, também... tem que ter um ponta que sabe jogar de armador,</b> isso aí é do treinamento. Mas, principalmente, ele <b>tem que saber em relação à função dele, todas as fases do jogo, tem que saber defender, contra-atacar, retornar e atacar... Tem que saber fazer tudo. Mesmo trabalhando de uma maneira específica.</b>	1 Ter talento no jogo ofensivo  2 Ter biótipo para atuar defensivamente  3 Ser completo/ universal
	Eu acho que tem... Eu só vou falar para feminino. Mas eu acho que nós vamos ver jogadoras ainda na mão mais altas. Primeira coisa, vamos ver cada time mais alto ainda! Mas não dá para falar que isso é do handebol, o povo <b>do planeta fica mais velho, mais forte, mais saudável, mais alto,</b> com melhor não sei o que, então isso vai ter uma influência em cada esporte também, mas, o handebol, comparando com <i>vôlei e basquete</i> , está um pouco atrás comparando com altura, mas eu acho que <b>vamos ver mais altos pela frente. Aí, eu acho que nos vamos ver jogadores atléticos.</b> Na nossa seleção, nós temos pontas direitas, a França, no masculino, temos ponta direita também que é parecido na habilidade, vamos ver esses jogadores com muita disposição futuramente eu acho. Então, <b>jogadores mais altos que tenham mais direção com muita força, que salta alto, eu acho que vamos ver mais jogadores desse tipo aí.</b> Sim, porque cada vez que muda uma regra a gente tem que pensar um pouco: 'e aí o que é que eu faço agora?'. Então, o Alex estava falando [ <i>ele chegou até nós somente para nos cumprimentar na hora que o Alex estava sendo entrevistado</i> ] <b>aquela coisa de especialista de ataque, especialista de defesa, isso eu estou escutando também nos últimos vinte anos, só que até agora não aconteceu. Mesmo com a nova regra que realmente está privilegiando de marcar com seis, de atacar com seis, sem troca, mas ainda hoje é fato que façam, todo mundo faz</b> na verdade, então eu acho que isso é interessante, que mesmo com a mudança da regra, mas, um monte de equipe está aproveitando. Então, eu acho que	4 Ser alto 5 Ser atlético (atleta muito bom fisicamente)  3 Ser completo/ universal

<p>nós vamos ver equipes que realmente jogam através da nova regra, que vai ser implementada, e essa mudança da regra realmente como hoje está aproveitando muito bem. Eu não sei o que vai ser as novas regras, mas eu acho futuramente haverá novas regras no handebol. O Alex e eu nós já fizemos isso faz dois, três anos atrás, que nós jogamos com 4 intervalos, quinze minutos, cada intervalo vale pontos, e o jogo todo vale. Então é possível. Eu acredito até que é possível que nós vamos ver futuramente, acho que não vai ser agora, mas futuramente, a quadra vai ser pequena para os jogadores, para o masculino, se vai tirar um jogador não sei. É possível... Mas isso talvez daqui a quinze anos pra frente...</p>	
<p>É engraçado falar, porque às vezes a gente tem cara de velho, fala que é saudosista. Quando a gente olha um pouco a concepção tática do jogo existem mudanças, mas elas não são mudanças radicais, por exemplo: se você pegar a Suécia que foi uma grande seleção dos anos noventa, você continua aplicando o passe no ponto futuro, o desmarque do pivô, o desmarque dos laterais. O trabalho defensivo que se ampliou, por exemplo, como a Espanha, que é campeã do mundo atualmente. E com as mesmas bases do jogo, uma base de desmarque e tudo mais. Eu acredito muito que houve uma mudança comportamental, olhando um pouquinho para o que a Croácia fazia durante um período. Que é uma grande capacidade de resolver problemas de dois contra um, e em vários lugares do jogo. Então, você tem um central, que normalmente é um jogador influente, que é o maestro. Mas, você tem um ponta que decide o dois contra um com seu pivô, dois contra dois com seu lateral. E aí, eu acho que tem algumas coisas do mundo e do jogo em relação à regra, que aí deram uma super mudada na partida. Dezesesseis jogadores em uma equipe modifica muito a questão física. Tiro de saída modifica muito o jogo, antigamente com vinte gols que você toma-se garantia a possibilidade de você se você fizesse um golzinho a mais você ganhava a partida. Hoje eu já acho que com 25, 26, está bom. Então aumentou de 5 a 6 gols nessa projeção. O tiro de saída deu uma velocidade muito grande ao jogo, e os times out acho que contribuem aí, embora eu ache que os times out podem ser melhor aproveitados, alguns treinadores ainda fazem muito o uso do time out, mas pela questão emocional e disciplinar, do que estratégica, mas ela para auxiliar bastante o jogo. Quando a gente pega a NBA que tem o tempo até do atleta, que o atleta pode pedir tempo, quer dizer uma coisa legal. Quando você pega a NBA que o cara pede tempo na defesa, e bate o lateral no ataque, isso é um negocio legal, né. Modifica completamente o jogo. Essas coisas mudaram muito, conseqüentemente a preparação física teve que se alterar muito. E a gente não tem esse perfil e processo, mas os lugares, perfil e esse processo, mas os lugares que fazem adequadamente o processo de seleção, cada vez ficou mais e foi buscar jogadores com biotipo que era de força, mas que mescla agora também uma potência muito grande, uma mobilidade muito grande. Então, a gente vê alguns jogadores extremamente interessantes jogando, como Gillet, que nem é um cara tão grande, mas marca na base e desloca pra caramba. Como o Karabatic, que é um cara grande, mas marca de terceira, marca de segunda, marca no bico, então essas mudanças foram bastante interessantes. E, é lógico, que o que vem cada vez mais é uma ampliação ao jogo de velocidade e o jogo da transição, entrada da posse da bola e a transição cada vez mais efetiva, por isso que as preocupações com os balanços defensivos e com as transições vão ser grande parte dos trabalhos dos treinadores. Só que é lógico, enquanto o jogo organizacional, aí sim você começa a pensar. A França aparece há uns seis, sete anos atrás com alguns deslizamentos sobre deslizamentos, e então um jogador que está de segundo sobe a fazer o papel de avançado, o terceiro desliza e ocupa o segundo, ali ele volta pra 6:0. Isso tem sido muito bem aplicado. Nas ligas a gente vê muito isso, na Alemanha a gente vê também. E em jogo aonde o contato ele continua existindo, mas a entrada da posse da bola, linha de passe, falsos espaços, colocar o jogador em conflito <b>requer uma baita capacidade física, requer ter jogadores competentes, fisicamente também, mas, acima de tudo, precisa de jogadores muito inteligentes para fazer essas coisas, porque se você tiver um grandão que não consiga pensar o jogo, ele não vai conseguir executar o jogo dessa maneira, ele vai executar de outra forma</b></p>	<p>5 Ser atlético (atleta muito bom fisicamente) 6 Ser um jogador inteligente</p>
<p>Umhas características... <b>Eu penso que o jogador fisicamente tem que ser um atleta, ou pelo menos esta tem que ser a tendência. O jogador toma a decisão de jogar o handebol e toma a decisão de ser um atleta com todas as consequências, um jogador não é um jogador de handebol do mês de março até o mês de novembro, o jogador de handebol é um jogador que toma a decisão de ser um jogador hoje e sua formação e suas condições como atleta são, é por vida, não até que deixe de jogar, não?</b> Então aquele jogador que deixa de jogar na temporada, e deixa de cuidar-se na alimentação, ou seja, esse não é o jogador que precisamos. Precisamos deste jogador que tomou esta decisão de ser atleta e neste caso, de ser atleta de handebol. Este é um parâmetro que é importante, não? <b>Que este jogador reúna umas condições adequadas de forma tática (7ª), que seja</b></p>	<p>5 Ser atlético (atleta muito bom fisicamente) 7 Reunir condições de atuar bem taticamente</p>

<p>capaz de conviver e ter uma ideia de jogo coletivo, que forma parte de um grupo coletivo (8<sup>o</sup>). E que ademais, a nível psicológico seja uma pessoa que seja capaz de se adaptar ao que são os momentos de jogo (9<sup>o</sup>). A tensão, a capacidade de tomar decisões constantemente, e também a ilusão e a capacidade de formar um grupo, não? De estar dentro de um grupo. E de assumir um pouco o papel que tem dentro deste grupo. Pois sabemos que em um grupo de 16, pois cada um tem uma parte específica dentro da quadra e uma parte específica fora da quadra. Que tenha capacidade para assumir cada uma delas (8<sup>o</sup>).</p>	<p>8 Saber conviver em grupo e saber que o jogo é coletivo 9 Saber adaptar-se bem durante as condições das partidas, a nível psicológico (pressão, tensão, sonhos...)</p>
--	---

5- Você tem uma filosofia do jogo de handebol? Qual a sua concepção do jogo?

ECH	IC
<p>Eu acredito que tem bastante até. Então, eu vejo os países nórdicos, a Suécia, a Dinamarca, que atuam bem parecidos, que valorizam muito a questão técnica individual. Eu vejo outras escolas da Espanha, França, que valorizam bastante o trabalho de transição, de defender e transição, não que não ataque, mas, é o ponto forte deles. E outros lugares, como a Alemanha... é, o feminino que é mais ou menos parecido... A Hungria... que eles, é um Handebol totalmente diferente de todos os lugares, que eu nem sei definir o que que é. Então coletivamente não é um jogo tão rico, eles valorizam muito as ações individuais dentro do jogo. E já Espanha e França já têm um, tem também o trabalho individual, mas eles valorizam mais o trabalho coletivo, principalmente na fase do jogo de defender. Eu acho que pela minha educação aqui no clube, eu aprendi muito mais dentro das ofensivas espanholas, que agente usa bastante aqui no Brasil, até pelos treinadores que vieram. Mas eu aprendi também com a vinda do Morten, um pouco dessa filosofia nórdica que é..., que são sistemas diferentes do que agente usava até então que é o 6:0. Algumas questões técnicas, táticas e individuais de goleiro que é diferente na escola nórdica, pivô também, que é a posição, como passar... Algumas questões que talvez sejam detalhes do jogo, mas que ele trouxe e ajuda bastante no desenvolvimento do jogo.</p>	<p>1 Ainda existem países e / ou regiões com sua filosofia de jogo  2 Formação a partir da combinação do entendimento espanhol e nórdico</p>
<p>Eu acho que cada um tem uma filosofia de jogo e eu acho que está bem claro, analisando várias seleções, clubes, que eles têm a filosofia de como eles estão querendo jogar, é... Nós temos uma filosofia de como nós estamos querendo jogar, dentro dos poderes de cada atleta. Então eu acho que a filosofia tem que ser avaliada, analisada, criada através dos tipos de atletas que você tem na sua mão, porque uma coisa é ter uma equipe de coreanos, uma equipe de alemão, de dois metros e quinze, talvez a mesma filosofia não bata nos dois. Então, a coisa tem que ser feita através dos atletas que você tenha na sua mão.</p> <p>Eu acho que tem algo assim: ideias do que você acredita, se você tem uma equipe que você acha melhor marcar três dois um, eu acho que você tem que estabelecer algumas normas e regras que todo mundo fica grudado na equipe, e todo mundo fica sabendo como você quer trabalhar o seu três dois um... Ou você quer marcar 6:0, então é isso. Como você quer fazer seu contra ataque da formação, que você tem feito do 3:2:1? Quem é o titular, ele vai voltar ou trazer a bola para lá, ou ele vai para gol, ou para ponta... Qual é a função? Eu acho que dependendo disso, você tem que ter uma ideia, como você quer organizar todos os passos do jogo independente que você marca 3:2:1, 6:0, 5:1...</p>	<p>1 Ainda existem países e / ou regiões com sua filosofia de jogo  3 Tem que ser elaborada a partir dos atletas que você vai ter para trabalhar  4 Ter algumas ideias do que você quer independente dos atletas / time</p>
<p>Eu vou dar uma resposta um pouco filosófica, porque acho que o jogo é meio parecido com a vida, sabe? Muitas coisas que a gente consegue quando a gente é treinador, principalmente, você percebe que, muitas coisas daquele macro ciclo, que é a sociedade maior, dentro desse micro ciclo, que é seu time, podem acontecer às mesmas coisas. Mas, acima de tudo eu acho que existem algumas tendências históricas de escola de jogo, que essas filosofias são muito claras, existe uma filosofia nórdica, uma do leste europeu, da Rússia, que fica um pouco bebendo dessa água, mas que também com uma coisa mais de força, os nórdicos com uma técnica de jogo impressionante, e uma escola espanhola que, na verdade, é uma escola que foi buscar na estrutura da escola francesa sua forma de trabalho, que seria um estudo sobre as diversas ações do jogo, a hierarquização do jogo, a especialização dos postos e das ações coletivas, então, tem algumas culturas que já têm muito claro isso, e para a gente fazer essa cultura vai levar certo tempo. Quando a gente pensa no futebol brasileiro, que é o maior esporte do país, sabemos que é um esporte um pouco solto, um pouco <i>free</i>, que taticamente todo</p>	<p>1 Ainda existem países e / ou regiões com sua filosofia de jogo</p>

<p>mundo sempre falou que era fraco. E aí você tem o exemplo do Corinthians, que faz um trabalho para ganhar uma Sul-Americana, uma Libertadores e um Mundial, com um jogo de pressão no campo adversário, de posse de bola que é bastante interessante e moderno do jogo. E no handebol a gente possa ter uma filosofia sim, mas, esbarra um pouco na cultura dos treinadores, ele vai barrar bastante na regionalidade, na nacionalidade - que é um país gigantesco. Vai esbarrar um pouco nos espaços que a gente tem mas, por exemplo, nós temos uma equipe juvenil da Seleção Brasileira, com um menino do Piauí que tem dois metros de altura, então, na verdade, a gente vai precisar cada vez mais aproximar os treinadores, e aí, discutir um pouco mais o jogo, cada vez mais as ações, e aí sim a gente consegue uma filosofia nacional, olhando um pouco a nossa característica, mas eu acho que leva bastante tempo. Talvez a gente possa ter uma filosofia da Seleção, que é diferente. A Seleção, ela pode selecionar um número mais limitado de jogadores, esses jogadores assimilarem isso. Mas a gente olha o voleibol nacional ele tem uma filosofia clara de jogo, quase todas as equipes executam ações muito parecidas com a seleção. Se você olhar o handebol nem todas fazem isso, é cada um com sua característica, principalmente por conta do regionalismo. Meninos que nascem em uma região onde teoricamente seriam menores, eles vão fazer uma defesa mais aberta, no sul, mais fechada, aí vai. Talvez a gente precise de uma seleção com padrão definido para que ela seja um bom espelho e vencedora. A partir daí, as pessoas tem segurança para tentar entender o que está acontecendo ali, não copiar e tentar implantar passo a passo. Aí sim ter um tempo para ter uma filosofia nacional, acho que é bastante demorado esse processo.</p>	
<p><b>Eu penso que como todas as pessoas somos diferentes, também teremos um conceito diferente do que queremos do nosso esporte, das nossas coisas, não? Eu penso que as diferenças entre os treinadores muitas vezes vêm determinadas pelas diferenças pessoais que tem cada um.</b> Então a partir daqui eu entendo que todos nós temos nossa filosofia, esta não é o princípio, <b>porque a princípio quando treina a filosofia é copiada, copiada que as pessoas estão influenciado conosco. Mas a partir de que começa um caminho, você vai gerando sua própria filosofia e também sua própria imagem exterior do que você é, e do que representa para as pessoas que ficam perto de você. Então a partir daí você gera um pouco das suas próprias preferências, no jogo, na forma de atuar, que também podem modificar-se à medida que vai caminhando, à medida que vai evoluindo na própria especialidade.</b></p> <p>Para mim, o jogo de handebol, é um... Não saberia como explicar isso. Hoje em dia é como algo total que tem que partir sempre, para mim <b>é muito importante o trabalho defensivo. Penso que a defesa sempre dá uma consistência e umas garantias para se desenvolver o jogo. A capacidade de persistência e de briga que tem os jogadores na quadra é um ponto diferencial que sempre tem que se ter em conta. O jogo coletivo por cima do jogo individual. O coletivo na equipe, no convívio das figuras, não? Não as figuras entendidas como figuras, como aquele jogador que destaca fisicamente, ou enquanto o arremesso, enquanto fazer gols, não se não a figura que para mim é aquela pessoa que se identifica como o líder do grupo, a pessoa que tem capacidade de tomar decisões, a capacidade de comandar um grupo e de influenciar sobre os demais.</b></p> <p>Normalmente, eu penso que cada... <b>Quando escolhe um sistema defensivo tem suas regras, tem umas regras coletivas, também tem umas regras individuais, não? Para que cada jogador em função do posto que ocupa, pois tem que saber jogar perfeitamente. Há que se estabelecer umas regras no jogo coletivo, em ataque, e também umas pautas a nível individual para os jogadores poderem ficar dentro deste trabalho coletivo, não? Não sei se isso é o que você se refere.</b></p>	<p>5 Existem diferenças de pessoa para pessoa na forma de ver o jogo (filosofia)</p> <p>6 O Trabalho defensivo como garantia para desenvolver o restante do jogo</p> <p>7 A capacidade de lutar e persistir na luta pelo que se quer dentro de quadra é fundamental</p> <p>8 O jogo coletivo sobressai ao jogo individual.</p> <p>9 Há que se estabelecer regras (princípios) no jogo coletivo e também pautas a nível individual para os jogadores poderem se situar neste trabalho coletivo</p>

6-Como você definiria ou caracterizaria um jogador inteligente? É possível formar jogadores inteligentes? Há transferência / consequência dessa inteligência desenvolvida e treinada como jogador para fora de quadra, como atleta e como pessoa? Jogadores mais inteligentes são pessoas mais inteligentes e não só experts?

ECH	IC
<p>É possível formar, é bem possível formar. Só que pra chegar no alto nível, não adianta só ser inteligente. Muitos jogadores que jogam até Cadete, Juvenil... porque dos dois lados né, o jogador que fisicamente não é tão bom, mas por ter uma capacidade de entendimento do jogo ele consegue atuar, e a medida que passa o tempo ele não consegue mais, porque os jogadores vão ficando mais fortes, mais rápidos e a inteligência dele não contempla o que ele precisa. E o outro lado também, tem o jogador infantil, cadete é o mais forte é o mais rápido e usa isso a seu favor e nunca pensa em desenvolver... ou não, os treinadores não fizeram isso com ele, de desenvolver o lado de entendimento do jogo, e a medida que ele cresce os outros jogadores que vão se equiparando, e o que ele usava que eram as capacidades físicas dele não servem mais. Então isso tem em muitos casos, masculino e feminino. Jogadores que em categorias menor são os artilheiros, são os melhores, ganham os prêmios e depois acabam sumindo, porque não desenvolveram isso, não desenvolveram o lado de entendimento do jogo, que é tão importante quanto às capacidades físicas. Eu acho que o jogador inteligente é importante, mas o nosso esporte hoje, fisicamente você tem que estar completo, se não consegue jogar, ou vai ter dificuldade para jogar.</p> <p>O jogador inteligente, eu acho que o jogador inteligente primeiro tem que criar as ações, ter uma regra no jogo, assim: o time tem uma maneira de jogar, mas dentro dessa maneira, ele cria as possibilidades ou para ele conseguir jogar, ou para servir seus companheiros. É, acho que criatividade é a palavra chave, não ficar preso só às ações mecânicas, ou ao que o treinador pede, mas ele cria ações, de todas as fases do jogo, para arremessar, pra defender, para contra-atacar, para tudo... acho que criatividade é uma palavra que resume bem assim, o jogador que é inteligente.</p> <p>Então, aí agente tem que analisar a palavra inteligência né... e aí, o cara é inteligente para a definição que você está dando, para jogar Handebol, mas, talvez para uma atividade escolar ele seja... Não consiga contemplar. Então eu acho que não, esse jogador inteligente que você está falando, você está falando do jogador inteligente, não da pessoa inteligente. Mas, ele tem uma inteligência para o jogo, que é legal.</p> <p>Sim e não... não, eu acho que não, de uma maneira geral não...pode ser que o cara seja mais criativo para outras coisas, mas eu não acho geral não, pelos exemplos que eu vejo.</p>	<p>1 Sim, é possível formar jogadores inteligentes 2 Desenvolver o jogador de forma completa</p> <p>3 Criar ações, sem sair dos combinados coletivos</p> <p>4 Sim e não (sobre a transferência)</p>
<p>Eu acredito que a inteligência do jogo pode ser defensivamente, como pode ser ofensivamente, e sem dúvida que nós temos atletas que entendem o jogo melhor que o outro, e nós temos que estimular de cada atleta de tomar a decisão certa. Através de pondo atletas seis milhões de vezes na mesma posição para aprender o que fazer nessa situação, e alguns saem melhor do que os outros, e quem sair melhor vai ficar na equipe. Mas isso tem que ser treinado, provado, incrementado, desde muito cedo.</p> <p>Defendendo é claro de se posicionar nas horas certas, tem um monte de coisas que dependendo de situações que estamos nos posicionando, estamos correndo fazendo contra ataque que teria melhor decisão em relação à posição, com defensor contra nós, ou não, vale a pena fazer dribles, não vale a pena, vale a pena fazer a bola alta, longa, curta, então, sei lá, dependendo disso, treinando a inteligência.</p> <p>Não vejo relação. Eu acho que esses jogadores em quadra são muito inteligentes, mas quando tira a camisa, já não...</p>	<p>1 Sim, é possível formar jogadores inteligentes 5 Entender o jogo e tomar decisões certas 6 Para formar é preciso treinar repetidas vezes</p> <p>7 Não tem transferência para fora da quadra</p>
<p>Essa é uma pergunta interessante, inteligente e a resposta é meio PSDB, né... Você fica em cima do muro né, porque... Eu acredito muito que o meio ambiente favorece bastante as questões gerais. Então, se você tem uma pessoa que estuda, que vai ao cinema vai ao teatro, que tem um bom vocabulário, que é super articulado, que fala outra língua, quando você vai falar com ele sobre o jogo, ele entende muito o jogo. E aí eu te dou um exemplo da minha escola construtivista, mas eu tenho alunos que todo mundo é inho, é Joãozinho o Thiaguinho, porque não tem ninguém grande lá e consegue jogar, competitivamente com muitas escolas que têm meninos maiores, então ali a gente percebe que a diferença física ela tem muito no jogo. Mas quando você pensa que ali a - imagina a competição entre escolas particulares - oferta de ambiente para esses meninos</p>	<p>8 O meio influencia e pode ajudar na transferência</p>



<p>ela é muito parecida. Ele tem acesso à cultura, acesso a dinheiro, a passeio, etc. <b>Eles tivessem um ambiente muito bem preparado e uma discussão muito bem interessante do jogo. É muito provável que eles consigam entender, mais rapidamente o jogo e decidir mais rapidamente.</b> Quando pega um jogador de uma escola pública, de periferia, que ele não tem tanto acesso, às vezes, ele demora tanto para entender, falando no processo é um pouco mais moroso. Acho que nos dois seguimentos você <b>tem o craque e quando se tem o craque ele é inato, mas não é todo mundo que tem essa capacidade de ter nascido e de decidir coisas, vai pegar aí alguns exemplos como Pelé, Messi e etc. E os menos craques, mas que são sempre excelentes jogadores, quanto mais eles puderem ter outras atividades fora, eles vão ter capacidade de transferir sim para dentro do jogo.</b> Mas, depende muito da habilidade do treinador de fazer isso. Porque esse menino é inteligente, mas o treinador não consegue nem montar um ambiente favorável, nem discutir isso. <b>Vai ficar só um menino inteligente do lado de fora da quadra,</b> porque o jogo para ele não foi tão elaborado. <b>Quando você executa ações desde sempre, com escola da bola, com ações de jogos e brincadeiras, que a partir dessas atividades eles têm que tomar decisões sempre, eles vão aprendendo a discutir o jogo a interpretar o jogo e a escrever o jogo. Acho que isso é fundamental, talvez não nessa ordem, mas isso é fundamental.</b> Para sair do muro eu acredito sim que se ele tiver uma oportunidade maior de cultura, de lazer, de estudo, ele vai conseguir fazer uma transferência maior no aprendizado do jogo. Desde que o treinador faça também o ambiente favorável (5<sup>o</sup>).</p> <p><b>O jogo é provido de ações e tomadas de decisões. As ações são as conseqüências dessas ações tomadas. Então quanto mais decisão correta ele toma, melhor ele avalia o momento, o tempo, o espaço, o elemento e o adversário no jogo. Esses segundos que ele leva a frente do outro, diferenciam pouco de antecipação sim. Mas a antecipação, ela tem que estar premiada por competência e as experiências, porque ele sabe o que vai acontecer, mas se ele não sabe que tem que ter um deslocamento, se ele não sabe usar um recurso de pernas e braços, talvez ele até chegue, mas ele perde a bola. Ele tem uma boa leitura, mas perde a bola... Tem que saber fazer, saber por que fazer (11<sup>o</sup>).</b> É algo que entrou na Lei de Diretrizes e Bases, que é fundamental, muito importante.</p>	<p>2 Formar o jogador de forma completa</p> <p>9 Tem o craque inato e tem os excelentes jogadores que foram formados</p> <p>5 Sim e não (sobre a transferência)</p> <p>10 Tem que saber fazer e saber por que fazer, antecipadamente</p> <p>1 Sim, é possível formar jogadores inteligentes</p>
<p><b>Há que se caracterizar aquele jogador que é inteligente de forma inata e há jogadores inteligentes que precisam ser inteligentes a partir de receber uma informação, não? Eu penso que hoje em dia os meninos sabem jogar, porque é algo inato neles. O único que devemos saber é se esta capacidade de jogar, são capazes de adapta-la dentro da modalidade de handebol, não? Então há jogadores que você olha na quadra, que de forma espontânea tem capacidade de decisão, capacidade motriz para desenvolver-se, não? E há outros jogadores que tem um potencial, mas que não tem, não tiveram a oportunidade de evoluir, não? Eu penso que nos segundos, precisamos trabalhar com eles, e nos primeiros, precisamos ajuda-los a que sigam melhorando esta faceta, não? Com o qual entendemos que o jogador inteligente se pode trabalhar, que há jogadores que vai ficar muito difícil que sejam jogadores que taticamente tenham alguma resposta, que a única forma que termos para que estes jogadores melhorem é através da experiência, mas que ainda assim não sabemos se sua performance será adequada. E depois há jogadores que tem uma capacidade de adaptação e tática muito boa e que estes, se os acompanha o nível físico, pois podem chegar a ser bons jogadores. Há muitas vezes que quando você vai assistir a um jogo, aos 10 minutos, 15 minutos antes de virar um jogo, detecta facilmente este jogador que é um diferencial, não? Não sei, por exemplo, aqui vou por um exemplo, Arthur, menino de Pinheiros, o primeiro jogo que fui olhar, aos 20 minutos de olhar jogar Arthur, você sabia que havia um diferencial, havia algo diferente. Igual quando cheguei aqui pela primeira vez e olhei para Borges, não? Quando era segundo jogador de Hélio e somente jogava 15 ou 20 minutos, olhava que neste jogador havia um diferencial porque, porque em 20 minutos, o que ele fazia, não faziam os demais jogadores em 60 minutos. Tanto se era acertado, como se não era acertado. Mas a capacidade de tomar decisões, a capacidade de ações e de deslocamentos intencionais que fazia este jogador, não faziam os demais.</b></p> <p><b>Há jogadores que poderiam ser bons jogando basquete, jogando futebol e jogando handebol. Estes são os típicos jogadores que qualquer coisa quer tivessem escolhido, seriam bons jogadores, não? Há jogadores que fora da quadra, penso que em algumas coisas são ruins, mas dentro da quadra têm um bom desempenho, não? E há jogadores que são completos, não? Fora da quadra são jogadores inteligentes e</b></p>	<p>9 Tem o craque inato e tem os excelentes jogadores que foram formados</p> <p>1 Sim, é possível formar jogadores inteligentes</p> <p>2 Formar o jogador de forma completa</p> <p>10 Tem que saber fazer e saber por que fazer, antecipadamente</p> <p>11 Têm jogadores que poderiam ser bons em qualquer MEC i (transferência entre modalidades)</p> <p>5 Sim e não (sobre a transferência)</p>

dentro da quadra são jogadores inteligentes. Penso que não há um padrão excessivamente... Ou seja, eu tive muitos bons jogadores que fora da quadra são pessoas normais, não? Mas dentro da quadra se transformam, não. E tive jogadores que são muito inteligentes fora e na quadra são muito ruins. E ao revés, que não vejo uma... Todos desejamos que os jogadores que ficam bons fora, sejam bons dentro, não? Só às vezes, não necessariamente é uma possibilidade excludente	
---	--

7- Que tipos de treinamentos e demais atividades devem ser empregados para formar jogadores inteligentes?

(Que tipos de intervenções durante os treinos um treinador (e sua comissão técnica) devem ter para formar jogadores inteligentes? E nos jogos? Podemos pensar a formação de jogadores inteligentes também na categoria adulta? Como desenvolver esses comportamentos/ ações inteligentes dos jogadores adultos?).

ECH	IC
<p>Fundamental. Depende também do jogador, dele ir atrás, dele buscar... Para você ser criativo, você tem que buscar. <b>Quanto mais situações você observar, a sua, de outros jogos, de outro nível, de outro país... quanto mais experiências você tiver, mais soluções você vai ter no seu repertório.</b> Então, eu acho que depende do jogador ir atrás, mas o treinador tem uma responsabilidade muito grande com isso, porque é ele que talvez vá abrir esse leque de opções para ele observar, para ele desenvolver... Então eu acho fundamental. Praticamente é impossível ter um jogador que chegue ao alto nível e é um jogador que você chama de inteligente, se ele não teve bons treinadores na formação.</p> <p>Talvez o mesmo peso, você tem que usar o jogo e aí com o <b>feedback visual de filmar os jogos independente da idade, então assim...</b> E toda competição, ou todo treino, você tem um objetivo naquele dia. Então, você usar o <b>feedback visual no jogo né, que às vezes o verbal você usa, mas fica difícil pelo estresse do jogo, fica difícil dele/do jogador perceber. Se você usar o feedback visual depois, dele mesmo jogando e mostrando uma situação mais tranqüila, dias depois do jogo...</b> Eu acho que é tão importantes quanto às situações de treino na prática, eu acho que um depende do outro.</p> <p>Sim e não. Eu acho que no adulto, até aqui no Pinheiros, vamos ter o masculino mais como exemplo, porque o feminino começou no ano passado. Mas você não sabe quanto tempo você vai ter o cara também, você sabe que ele vai ser adulto mais tempo, mas não sabe quanto tempo que ele vai ficar na sua mão. Então, o planejamento para alguns jogadores mais novos pode ser a longo prazo, mas de uma maneira geral agente que é do adulto pensa muito no planejamento da temporada, você tem que formar aquele jogador, aquele time para aquela temporada, ninguém pensa em formar... Pensa também depois, mas o objetivo principal é aquele ano. Ninguém aqui, em 2013, está montando time para ganhar em 2015. A Seleção é diferente, a gente consegue pensar qual é o objetivo. Hoje qual é o principal objetivo? As Olimpíadas de 2016. Antes disso tem os dois mundiais que agente também quer ganhar, existem os pan-americanos que agente também quer ganhar. Mas agente já consegue projetar... Por exemplo, tem uma jogadora que hoje acabou de subir para o Júnior, ela tem 19 anos, que agente já pensa nela em 2016, agente já consegue projetar isso, no clube menos... não sei se deu pra entender.</p> <p>Não, bem diferente. Eu acho que isso por eu ter trabalhado em todas as categorias, eu acho que é uma coisa a meu favor, que eu aprendi bem. Quando eu comecei a ser treinador, como eu era atleta, e comecei a trabalhar com as categorias menores, eu queria fazer muitas coisas que eu fazia no meu treino, quando eu jogava. E aí você acaba percebendo, com o aprendizado que você tem, que <b>você tem que dar o estímulo ótimo para aquela idade. Qual a faixa etária que eu trabalho? Essa... Então nessa idade eu tenho que trabalhar essas... Eu tenho que dar esses estímulos aqui, que está na idade ótima para isso. Esperando que ele chegue no adulto pronto, mas não é o que acontece na grande maioria dos casos.</b></p>	<p>1 Abrir um leque de opções para os jogadores observarem e desenvolverem</p> <p>2 Usar feedback visual de filmar os jogos</p> <p>3 Propor situações de treino na prática interligadas com a análise de vídeo</p> <p>4 Trabalho diferenciado pela faixa etária</p>
Eu acho que é importante que todo mundo na comissão, na formação deve ter um técnico e também um supervisor, sei lá, não sei. <b>Mas eu acho importante que o técnico</b>	5 Treinador conversar com os atletas sobre os

<p><b>converse com os atletas falando sobre os treinos, porque nós estamos fazendo o que nós estamos fazendo... Para cada atleta entender por que nós estamos treinando isso agora, e qual é a ideia do curto prazo e qual a ideia do longo prazo. Porque cada atleta tem uma meta, tecnicamente, taticamente, fisicamente, e hoje eu consigo isso. Daqui a um mês eu quero conseguir isso daqui, ou aí vai, daqui a três meses eu quero isso aqui, daqui a um ano isso.</b> Vou dar um exemplo aqui no Brasil, você em janeiro não faz nada, em fevereiro não faz nada, em março, talvez, você comece a jogar Handebol... Abril você comece a jogar júnior, em maio, junho Brasileiro, o que você faz no resto do ano? Na Europa, você começa com seu grupo em agosto e termina em maio, então você tem um ano para formar uma equipe e ver o que você aprendeu naquele um ano todo. Aqui, 15 de dezembro não se faz nada, janeiro não se faz nada, fevereiro também não... Aí, nós estamos perdendo um monte de horas de treinos no mesmo ano. E aí?</p> <p>Eu acho que dependendo muito do lugar, do clube, onde você está. Estava falando um pouco isso, que tem muito técnico, no mundo inteiro, que pensa em ganhar amanhã, e talvez pense pouco como deve estar o atleta daqui a dois anos, isso eu acho que é global, eu acho que todos nós que trabalha com formação de atletas de qualquer modalidade, eu acho que tem que pensar muito na formação de longo prazo, onde nós podemos levar o atleta para frente, e muito menos ganhar o título 'não sei o que' amanhã. A minha experiência aqui no Brasil, a única coisa que vale aqui é ganhar, campeonato da cidade da prefeitura do sei lá o que, só isso que vale. Mas, as crianças não estão lá para ganhar aquele troféu, estão lá porque eles gostam de brincar com as amigas e amigos delas.</p> <p>É, formar como adulto eu acho muito difícil. Se chega um com dezoito anos que nunca tinha visto uma bola de Handebol, esquece... É difícil. E se chega um com dezoito anos, que vamos falar: mal formado, se a meta e chegar entre os melhores, é difícil... Esquece, não dá.</p> <p>Eu tenho certeza de que você vem com uma formação. Sem dúvida nenhuma que você chega até os 18, 19, 20 e 21 anos ainda você tem muita coisa a aprender e a melhorar, não tenho dúvida nenhuma que é possível... Não tenho dúvida, mas tem que chegar com certa formação, se não vai ficar muito difícil.</p>	<p>treinos, explicitando o porque das coisas (explicitar o todo para os atletas, para que tenham o entendimento tático e o entendimento do esporte)</p>
<p><b>Primeiro eu acredito muito que a gente precisa fazer treinadores inteligentes, para que a gente possa formar jogadores inteligentes. A gente precisaria estimular uma série de ações em que eles pudessem vivenciar experimentar, e depois ter alguém que pudesse apontar não necessariamente caminhos, mas acertos e erros, possibilidades de sugestões. Hoje a gente percebe núcleos em vários lugares onde boas ações acontecem, mas essas ações não são socializadas de maneira geral.</b> Por exemplo, a Hebraica, para mim, é um exemplo muito positivo. Sem muitos recursos financeiros, lógico, é um baita clube, tem muito dinheiro. Mas o handebol na Hebraica é pobre, no aspecto econômico, mas é rico no aspecto de jogo, porque tem treinadores inteligentes. Então, se tivesse a mesma estrutura como a Hebraica, com treinadores empobrecidos, a Hebraica não conseguiria o que consegue hoje. Ela consegue competir muito bem. A gente precisa melhorar cada vez mais a oportunidade de treinadores discutirem. Só que é muito complicado quando você fala em um país que é muito grande, que a profissão de treinador quase sempre vem por educadores físicos. E a oportunidade de trabalho cada vez mais rara, que o salário é cada vez mais difícil e quase não temos pessoas que querem ser treinadores. Se temos poucos treinadores, <b>vamos ter poucos treinadores inteligentes e vamos ter poucos atletas inteligentes, já temos poucos. E com poucos treinadores inteligentes, temos poucos atletas inteligentes, então essa formação é dificultosa a partir daí.</b> Primeiro o cara tem que ter conhecimento específico do que ele está fazendo, conhecer a parte de fisiologia, conhecer a parte de crescimento, conhecer a parte dos momentos necessários para determinadas aprendizagem, porque às vezes o cara pode ser um excelente treinador, mas ele dá uma coisa no mirim que o adulto está fazendo, e o processo está errado. Então, se todas as etapas forem bem distribuídas, se ele fizer coisas adequadas, a partir daí ele tem um planejamento que contemple efetivamente aquelas necessidades que aquela faixa etária tem. Que ele tenha um lugar que, na verdade, é muito triste o que eu vou falar, a gente teria que ter lugares que favorecem o trabalho tranquilo do treinador. A gente teria que ter uma federação e treinadores de equipe que entendessem que aquele processo tem que ser daquele jeito, que não precisa ser campeão naquele momento, mas como a gente tem um país que é competitivo demais, o cara quer sempre tem o trabalho dele correndo riscos, mas ele quer ganhar de qualquer jeito. Então, ele atropela momentos, e conseqüentemente, a gente vai provocar lacunas. Essas lacunas são motoras, problemas ortopédicos, físicos. E aí lacunas intelectuais do jogo acontecem. <b>Então, quando você tem uma etapa determinada de trabalho, e que nem tanto além, nem tanto aquém,</b></p>	<p>7 Formar treinadores inteligentes, para que a gente possa formar jogadores inteligentes</p> <p>8 Planejar o aprendizado técnico aliado à parte tática-estratégica , com uma</p>

<p>na medida certa com um excelente planejamento,(8ª) segundo o entendimento geral dessas ações e aplicações de uma metodologia que contemple, de novo, o aprendizado técnico aliado à parte tática estratégica de vencer o goleiro em vários lugares. A estratégia de vencer os jogadores em vários lugares, e isso é fundamental para desenvolvimento da inteligência. Ao mesmo tempo, os jogadores têm que ter informação. Informação do jogo individual, da tática individual, do jogo coletivo, do jogo dos mais velhos, do jogo dos mais novos. Porque muitas vezes o cara é adulto, mas nem sabe o que está acontecendo de base. Isso é uma característica de um esporte como o nosso, a gente não tem ídolos e tudo mais. Se a gente conseguir somar essas ações, é possível que a gente consiga aumentar a quantidade de jogadores inteligentes que temos.</p> <p><b>O jogo é uma continuidade do treino, algumas pistas, algumas ideias, algumas ações, ou até relembrar coisas, o treinador deve fazer. A gente tem treinadores que narram o jogo, que passam o jogo todo dizendo ' passa aqui, vá pra lá'.</b> As interferências do treinador, elas têm que acontecer no nosso esporte particularmente. Treinadores de categoria menos, eles abrigam muito entre os treinadores, brigam muito com a arbitragem. Se a gente tem poucos treinadores, poucos atletas, cada vez mais a gente vai ter pouco árbitro. O árbitro é um cara que não tem ajudado ele. E na maioria dos treinadores ao invés de tentar ajudar, eles brigam. Então o atleta acaba vendo tudo isso e cresce dentro desse ambiente um pouco negativo. A gente teria que somar um pouco mais esses fatores que pudessem contribuir com isso. <b>O treinador é muito importante a esse processo todo, ele é o cara que tem que modificar tudo isso. Tanto no cotidiano quanto nos jogos o problema é o quanto ele é protagonista no treino, porque muitas vezes no jogo ele dá uma informação que é super boa, mas, o menino não tem competência de executar porque ele não treinou aquilo.</b> Aí ele pega um menino que é muito mais habilidoso e que entende o que ele fala, e esse menino talvez vai lá e executa. Aí ele ganha o jogo, porque ele tem um menino craque ou muito habilidoso, só não porque a equipe dele teve bom treinamento e deu boas respostas naquilo que ele solicitou. O treinador é fundamental para situações assim.</p> <p><b>Eu diria que a gente consegue modificar sim o jogador adulto. O que é difícil é quantificar o quanto se consegue, e aí entra a questão dele já ter solidificado uma série de ações, ter passado pelo grande momento de aprendizado e tudo o mais. Mas, quando você começa a falar com ele, ele oferece situações de treino, passar vídeos, filmar o cara treinando, e mostrar para ele de novo, não é possível que ele não modifique algumas coisas, mas vai haver alguma mudança.</b> Não dá para quantificar e também vai muito do... <b>Imagina um cara que ele tem menos informações, mas ele tem uma capacidade de destreza gigantesca, ele teve um aprendizado motor fantástico, e aí ele começa a trabalhar com você e ele sobe bastante de produção. Já um outro que pode ter uma estrutura motora muito maior, mas defasada, talvez ele vai subir um pouco menos. Mas eu acredito sim, que eles possam modificar. Não acho um absurdo falar de formação de jogadores inteligentes na categoria adulta. Evidentemente que é difícil quantificar essa inteligência, né, às vezes um jogador pode até entender um jogo, mas não tem a capacidade de colocar em prática aquilo que entendeu. Então, na verdade, você não conseguiu avançar no aspecto de realizar do jogo, apenas no de pensar do jogo.</b></p>	<p>metodologia e o entendimento geral das ações</p> <p>9 O jogo como continuidade do treino (principal responsabilidade do treinador é no treinamento – quem joga são os jogadores)</p> <p>1 Abrir um leque de opções para os jogadores observarem e desenvolverem</p> <p>6 Formar como adulto é muito difícil , mas é possível se tiver uma certa base</p> <p>10 Diferenciar a formação de saber –fazer o jogo, da formação em apenas saber do jogo</p>
<p><b>Eu acredito que o treinador está lá para por problemas dentro da quadra e olhar para ver se os jogadores tem capacidade para resolvê-los e, se não resolvê-los, ajudá-los para começarem a resolvê-los, encontrar as ideias, não? Bom, eu não concordo muitas vezes com o treinador que dá excessiva informação aos jogadores, porque os jogadores têm que ter capacidade para descobrir suas próprias decisões na quadra. E aqui estamos em um esporte e um esporte sempre tem muitas decisões que podem ser positivas, não? Não somente aquela que expõe o treinador. Penso que nós treinadores temos que fazer uma planificação de exercícios, uma planificação de objetivos e que o jogador tem que saber descobri-las e evoluir dentro deste treinamento. (14ª) Por isso falamos de incentivar, sobretudo o trabalho tático no treinamento, e não o trabalho analítico. O trabalho analítico forma parte um pouco do reforço que necessita o jogador para que a tomada de decisão tenha efetividade. Se um jogador evolui muito taticamente também tem que saber arremessar, saber arremessar forte, tem que ter variedade nos passes, nos arremessos porque senão, por mais que você saiba a decisão que tem que tomar, se não te pode acompanhar o aspecto motriz, o aspecto físico, é muito difícil. Por isso eu penso que a formação de um jogador, tem que ser uma formação global. Dou uma importância ao trabalho tático e tomada de decisão, mas também temos que entender da globalidade da</b></p>	<p>11 O treinador está lá para por problemas dentro da quadra e ver se os jogadores tem capacidade para resolvê-los e, se não resolvê-los, ajudá-los a encontrar as ideias</p> <p>12 Pensar a formação de modo global, com ênfase ao trabalho tático</p> <p>7 Treinador conversar com os atletas sobre os treinos, explicitando o porque das coisas (explicitar o todo para os atletas, para que tenham o entendimento tático e o entendimento do esporte)</p>

<p>formação do jogador.</p> <p>Eu acredito que a responsabilidade do treinador é o treinamento. No jogo, o treinador tem que saber dirigir, tem que saber colocar os jogadores no lugar adequado, tem que dar umas informações muito concretas e muito certas e o que nunca tem que fazer é continuamente dirigir os seus jogadores. Sobretudo nas etapas de formação, não? Para mim o treinador que está na quadra continuamente dirigindo cada deslocamento da sua equipe, está errado. Esta não é a forma de treinar um time. Estamos falando em etapas de formação.</p> <p>Somente se pode formar um jogador inteligente quando é adulto, quando este jogador não teve informação. É a única esperança que se tem. Se não é assim, é muito difícil. Eu penso para mim, que a etapa cadete é uma das melhores etapas para formar os jogadores, tanto em um aspecto, como em outro. Talvez o segundo ano infantil também é uma etapa boa. Segundo ano infantil, primeiro e segundo ano cadete, para mim são três anos mais importantes, um dos três anos mais importantes na formação do jogador, não? A partir daí você entra em outro tipo de formação, física, as qualidades técnicas, mas o entendimento do esporte, o entendimento tático, para mim é muito importante. Um jogador adulto, que já não adquiriu aspectos táticos, fica bastante o complicado trocar muitos defeitos que tem, não? Então as únicas esperanças que temos é que seu treinamento tenha sido tão ruim que tenha escondido nele um potencial e que, a partir de dar uma informação a ele, tenha capacidade para seguir adiante. Se esse jogador teve bons treinadores, e não tenha tido a capacidade de evoluir taticamente, é bem difícil que na idade adulta ainda possamos conseguir que este jogador possa evoluir.</p>	<p>9 O jogo como continuidade do treino (principal responsabilidade do treinador é no treinamento – quem joga são os jogadores)</p> <p>13 Formar como adulto é possível se não tiver tido nenhuma má formação prévia (sem vícios)</p>
---	---

8- Com relação à formação / iniciação, no caso das categorias mirim e infantil, e as regras adaptadas: o sistema de jogo defensivo, por zona ou individual, está altamente relacionado com a formação técnico - tática individual e a formação de jogadores inteligentes ou é mais importante a qualidade de trabalho técnico - tático que vai ser feito com os jogadores do que o sistema de jogo?

	ECH	IC
1	<p>Você diz das regras adaptadas. <b>Eu acho que agente tem um problema, a ideia é boa da regra adaptada, mas como acho que muitas coisas que acontecem no Brasil que se usam para melhorar... Eu acho que os treinadores tentam se utilizar das vírgulas, dos parágrafos, da regra adaptada, para contemplar a competição, e ter um melhor resultado do time dele, e não da formação de jogadores. Então, assim, todo mundo fala, 'ah, então, tem que tirar a regra adaptada', mas a culpa não é da regra adaptada, a culpa é de quem trabalha com a regra adaptada. Então agente tem hoje, eu nem sei como que é o Paulista, acho é metade de cada tempo...</b></p> <p>É, então, o cara acaba treinando, ele treina três times... <b>Um pra jogar o individual, e aí aquele jogador que talvez seja o talento que vai chegar lá na frente, que é o jogador de melhor biotipo, que pode chegar em alto nível, ele não participa do tempo que tem que marcar individual, por exemplo. Aí ele não desenvolve, não que quando você joga com outros sistemas defensivos não tenha desmarque, não tenha o passe para o desmarque, que são, acho, as coisas que a defesa individual contempla mais... Mas, ele acaba não participando da competição. Ah, é, mas é o treino... mas, você tem que enfiar o cara na competição para ele desenvolver mais. Então o problema, na minha visão, não é a regra adaptada, eu sou totalmente a favor da regra adaptada, e sou contra todos, ou quase todos, os treinadores que trabalham nas categorias que tenha a regra adaptada, porque eles não usam de uma maneira para desenvolver o Handebol, ele usam... Ah, vou, vou usar... Foi falta lá na pontilhada... Ele coloca quatro caras no meio da quadra e fica um jogo de dois contra dois, aí nunca vai acontecer isso, para que que ele faz isso? Ele usa a regra pra fazer o gol naquele momento. E o jogador dele não vai se desenvolver, ele vai fazer o gol naquela hora, e quando ele chegar no Juvenil, ele não vai mais fazer aquele gol. <b>E talvez se ele soubesse usar a regra a favor da formação do jogador, o jogador se desenvolvesse muito mais.</b></b></p>	<p>1 O problema não é da regra adaptada, é de quem (e como) trabalha com a regra adaptada</p>
2	<p>: Eu acho o seguinte, que é muito difícil de dar uma resposta assim definitivo, porque eu</p>	<p>2 Problema: muitos sistemas diferentes pra</p>

	<p>não tenho um esporte definitivo, eu acho o seguinte: <b>eu venho de uma cultura que a formação é defesa fechada. E agora eu estou em um país onde que bastante equipes... Um país onde a formação das crianças é feito através de defesas abertas. O engraçado aqui no Brasil é quando eu estou vendo todos os times do adulto, 80 ou 90 por cento, marcam 6:0, então porque não treinaram isso quando eram criança? Eu acho muito estranho isso. Mas eu não tenho uma resposta definitiva, eu acredito que é muito bom para as crianças a formação que você aprende várias defesas diferentes. Agora, o problema é que a criança no Brasil ela começa muito tarde, pelo menos comparando com uma criança nórdica... E a criança nórdica aprende com certeza uma, talvez até duas defesas até os dezoitos anos. Aqui começa talvez seis anos mais tarde, treina muito menos aqui, e tem que aprender 4 e 5 defesas até os dezoito anos. E o brasileiro tem muita poucas horas para aprender 4 e 5 defesas, em muita pouca horas... Enquanto a nórdica tem muito mais horas para aprender 1 ou 2 defesas, e eu sei quem ganha. Eu só preciso ver mundial juvenil feminino, mundial juvenil masculino, mundial júnior, feminino mundial júnior, masculino olimpíada... Sei lá... E lá está o resultado.</b></p>	<p>pouco tempo de treino e pouca idade</p>
3	<p><b>Acredito que nos preocupamos excessivamente como têm que defender ou como têm que atacar. Acredito que a base esteja em pensar que isso é um jogo e que os jogadores têm que jogar, que temos que tentar que os treinamentos sejam mais dinâmicos, entre parênteses menos chato, que o jogador realmente encontre no nosso esporte algo para a diversão e para ter uma faceta lúdica e que pouco a pouco se vá especializando em um posto específico e na possibilidade de saber se esse jogador e tem umas possibilidade de futuro ou não. Que as defesas abertas ajudam ao deslocamento, a tomada de decisão, e penso que é bom. Não sei se a defesa individual. Eu penso que assim como, em cada etapa temos umas dimensões da bola, umas dimensões de gol, etc, etc. Isso deveria ser importante nas etapas iniciais, não? Está claro de que os jogadores para melhorar em defesa precisam deslocar-se, necessitam estar mais perto do jogador que fica com a bola. E o jogador que fica com a bola também necessita. Então eu penso que isso é importante.</b></p>	<p>3 O central é entender que é um o jogo e que os jogadores tem que jogar de forma lúdica (menos preocupados em como atacar ou em como defender)</p>
4	<p><b>Acredito ser de extrema importância a adaptação das regras. Por exemplo: diminuição do número de jogadores: faz com que os jogadores participem mais efetivamente do jogo; a diminuição do tamanho da bola: aumenta o sucesso na realização dos gestos de passe e aumenta a possibilidade de sucesso dos arremessos ao gol; a troca obrigatória de jogadores: aumento do número de "atores" no jogo; a diminuição do tamanho da quadra: aumenta o número de ataques; diminuição do tamanho das balizas: um pouco injusto goleiros de 9 e 10 anos defenderem na mesma baliza que os adultos... Mas acredito que seja importante, porém, somente quando esse sistema de jogo condicionado for, efetivamente, colocado em prática. Quando os jogadores têm que passar por diferentes sistemas, se devidamente orientados, terão um aumento no repertório de jogo e ampliarão suas tomadas de decisão.</b></p>	<p>4 Se for bem utilizada é importante para qualificar a experiência dos jovens jogadores</p>

## ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

São Paulo, 03 de fevereiro de 2013.

Prezado colaborador da Pesquisa

O tema da minha pesquisa, uma dissertação de mestrado, é: **A concepção estratégico-tática no handebol: implicações para a formação de jogadores inteligentes**. O mestrado se dá no Programa de Pós-Graduação ‘*Strictu Senso*’ da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Heloisa Helena Baldy dos Reis, na área de concentração Educação Física e Sociedade.

A sua escolha se deu em função de você ser o técnico ou o auxiliar técnico da seleção brasileira adulta, seja masculina seja feminina. Logo, acreditamos na importância de ouvir e refletir sobre seu modo de conceber a modalidade e as possibilidades de formar jogadores inteligentes.

Este estudo se justifica em querer discutir criticamente as possibilidades de formar jogadores inteligentes e ter essa reflexão como mais uma ferramenta para melhorar a prática - o ensino-aprendizagem—vivência-treinamento do handebol e do conjunto das MEC. Para tal, além de revisar o que já foi escrito e estudado sobre o tema, ouvir o depoimento dos treinadores das seleções principais nos parece fundamental. Tudo isto para no final do processo podermos refletir sobre as possibilidades e contribuições no processo de formar jogadores inteligentes no handebol.

Assim, o roteiro de entrevista consta com 7 questões gerais, divididas em duas partes, e mais 2 questões extras (mais pontuais). O tempo estimado é de 50 minutos de entrevista, que será registrada por um gravador de voz e algumas anotações por parte do pesquisador.

Lembramos que não haverá reembolso nem custo por participar desta entrevista. Para evitar qualquer desconforto, realizaremos a entrevista em uma única vez, combinando com sua agenda, assim como preservaremos o anonimato (confidencialidade). Além disto, uma cópia deste termo (TCLE) e o todo de sua entrevista lhe serão entregue – as entrevistas logo após forem totalmente transcritas. Por fim, lembramos que não há problema algum caso não queira responder alguma questão por qualquer motivo.

Desta forma, esperamos sua importante colaboração como entrevistado e pedimos a sua autorização para publicarmos as respostas, comprometendo a retornar os resultados da pesquisa ao final da mesma.

Cordialmente,

---

Diogo Castro

Pesquisador e estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNICAMP / telefone: (11) 9882299831 / E-mail: diogocastrosp@yahoo.com.br

Eu,

---

autorizo o pesquisador a me entrevistar e publicar os dados desta pesquisa, desde que o anonimato (confidencialidade) das respostas me seja garantido.

Dados do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp – que visa o recebimento de denúncias e/ou reclamações referente aos aspectos éticos da pesquisa. Dúvidas relacionadas à pesquisa serão esclarecidas pelo pesquisador.



Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Estadual de Campinas –  
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126. Cidade Universitária "Zeferino Vaz" -  
Campinas - SP - Brasil - CEP: 13083-887  
Fone: (19) 35218936 ou 35217187 / E-mail: cep@fcm.unicamp.br

## ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A CONCEPÇÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA NO HANDEBOL: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE JOGADORES INTELIGENTES.

**Pesquisador:** Diogo Castro

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 19580313.8.0000.5404

**Instituição Proponente:** Faculdade de Educação Física

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 426.193

**Data da Relatoria:** 14/10/2013

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de mestrado. A proposta é confrontar duas técnicas de instrução e formação de atletas do handebol, a partir de entrevistas com os quatro técnicos ou auxiliares das seleções brasileiras de handebol - masculina e feminina. Quatro homens entre 32 e 55 anos de idade. O pesquisador propõe avaliar uma possível forma eficaz de se formar "atletas inteligentes" dentro do assim chamado Modalidades Esportivas Coletivas (MEC). Entende o pesquisador, sob tutela da literatura, que o esporte pode e deve formar além de atletas capacitados, pessoas criativas, autônomas e livres, o que ele denomina de "inteligentes", pois faz deste atleta um líder na sociedade. Para tanto será aplicado um questionário fundamentado na literatura, com sete perguntas. Esta entrevista será gravada, com aprovação dos sujeitos, e posteriormente analisada segundo referenciais da pesquisa qualitativa.

**Objetivo da Pesquisa:**

- Discutir sobre as concepções da modalidade esportiva coletiva (MEC) handebol, em especial a estratégico-tática, e dialogar com a proposta de formação de jogadores inteligentes.
- Analisar as concepções da modalidade predominantes nos treinadores das seleções adultas de handebol do Brasil.
- Analisar como tais concepções dialogam com o primado estratégico-tático e com a proposta de

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

**Bairro:** Barão Geraldo

**CEP:** 13.083-887

**UF:** SP

**Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-8936

**Fax:** (19)3521-7187

**E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

Continuação do Parecer: 426.193

formação de jogadores inteligentes para o handebol.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador destaca que um possível risco seria o uso incorreto da fala dos sujeitos, mas se propõe a uma re-avaliação da gravação com os participantes, para evitar desvios entre as intenções do pesquisador e dos entrevistados.

Como benefícios, os resultados do estudo poderão contribuir com o avanço na área de conhecimento.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa interessante e relevante, visando a perspectiva de formação mais abrangente de atletas a contribuição para o esporte brasileiro.

Não haverá participação de grupo vulnerável.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados: folha de rosto devidamente assinada e adequada, projeto detalhado e formulário gerado pela plataforma Brasil, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a se aplicado aos participantes da pesquisa. Este foi reformulado e atende às normas do sistema CEP-CONEP.

Os documentos estão adequados e atendem aos princípios da Resolução 466-2012, CNS, MS, que dispõe sobre as normas em pesquisa com seres humanos no Brasil.

**Recomendações:**

Recomendamos a retirada da data que consta do início do TCLE, transferindo este campo para o final do documento, junto à assinatura do pesquisador e participante.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado, após resolução de pendências.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

**Bairro:** Barão Geraldo

**CEP:** 13.083-887

**UF:** SP

**Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-8936

**Fax:** (19)3521-7187

**E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

FACULDADE DE CIENCIAS  
MEDICAS - UNICAMP  
(CAMPUS CAMPINAS)



Continuação do Parecer: 426.193

CAMPINAS, 16 de Outubro de 2013

---

**Assinador por:**  
**Fátima Aparecida Bottcher Luiz**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126  
**Bairro:** Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

